

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Marcela Valladares de Toledo

**O CRONISMO DE COSETTE NO ANO DO AI-5:
a repercussão da crise estudantil no Canto de Página**

**Juiz de Fora
Janeiro de 2019**

Marcela Valladares de Toledo

O CRONISMO DE COSETTE NO ANO DO AI-5:

a repercussão da crise estudantil no Canto de Página

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Comunicação do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cláudia de Albuquerque Thomé.

Juiz de Fora

Janeiro de 2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pela autora

Toledo, Marcela Valladares de.

O cronismo de Cosette no ano do AI-5 : a repercussão da crise estudantil no Canto de Página / Marcela Valladares de Toledo. -- 2019.

141 f. : il.

Orientadora: Cláudia de Albuquerque Thomé

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós Graduação em Comunicação, 2019.

1. Jornalismo. 2. Crônica. 3. Ditadura. 4. Diário Mercantil. 5. Cosette de Alencar. I. Thomé, Cláudia de Albuquerque, orient. II. Título.

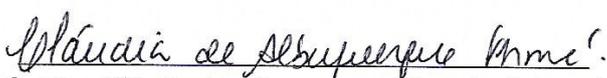
Marcela Valladares de Toledo

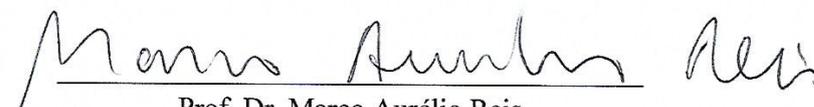
**O cronismo de Cosette no ano do AI-5:
a repercussão da crise estudantil no Canto de Página**

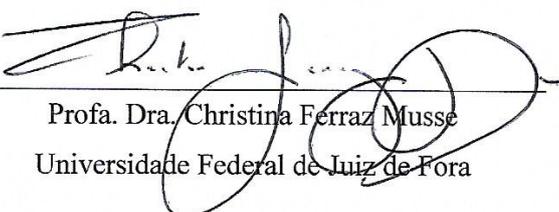
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Aprovada em 18 de Janeiro de 2013

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Cláudia de Albuquerque Thomé - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora


Prof. Dr. Marco Aurélio Reis
Faculdade Estácio de Sá – UNESA-RJ


Prof. Dra. Christina Ferraz Musse
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico aos meus pais, Jacqueline e Márcio, à minha irmã Bruna, e ao meu namorado Daniel, que me apoiaram a todo momento, me incentivando a persistir neste sonho, mesmo quando os obstáculos pelo caminho pareciam ser maiores do que eu poderia suportar. Um agradecimento especial à minha filha Júlia que, ainda no meu ventre, conseguiu ser a minha maior força de superação e persistência.

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar a Deus pelo dom da vida e por me conceder saúde para continuar correndo atrás dos meus sonhos. Aos meus pais, Jacqueline e Márcio, por não medirem esforços durante toda a minha caminhada acadêmica, sempre dispostos a me ajudar no que fosse preciso. À minha irmã Bruna, pelo constante apoio emocional e pelo auxílio em transcrições de materiais que pudessem contribuir com minha pesquisa. Ao meu namorado Daniel, por acreditar no meu potencial e me lembrar todos os dias de que sou capaz de alcançar meus objetivos. Dedico um agradecimento especial à minha neném Júlia, que foi o meu fôlego para adiantar e concluir a minha pesquisa. Agradeço também a todos os meus amigos que acompanharam minha caminhada no mestrado, sempre incentivando e sendo compreensivos com minhas ausências em determinados eventos aos finais de semana. Ao Hospital Ascomcer, pela compreensão e flexibilidade na minha carga horária de trabalho, que me possibilitaram comparecer em eventos e congressos importantes. À minha orientadora Cláudia Thomé, minha eterna gratidão pela confiança depositada e por ter sido minha mentora ao longo desses quatro anos em que estive imersa na pesquisa, desde a graduação. Não poderia deixar de agradecer também à Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa da UFJF, que através do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (BIC/UFJF), financiou a minha bolsa no projeto “Memória da cidade nas crônicas de Cosette de Alencar”, que foi o meu primeiro contato com a pesquisa e fruto de toda a minha trajetória acadêmica. Agradeço também à CAPES que, através dos investimentos na pós-graduação, possibilita que pesquisas acadêmicas sejam realizadas. Registro também meus sinceros agradecimentos aos professores Marco Aurélio Reis e Christina Ferraz Musse, pelo acompanhamento do meu trabalho desde a graduação e pelas grandes contribuições no meu projeto de pesquisa ao longo desses anos. A todos os professores do PPGCOM e da FACOM/UFJF, muito obrigada por contribuírem com todos os ensinamentos durante esses sete anos consecutivos de estudo. Gratidão pelo acolhimento e confiança em mim depositadas, até breve!

O silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos. As palavras vêm carregadas de silêncio (s). (ORLANDI, 2007, p.102)

RESUMO

A presente pesquisa propõe um exercício de releitura das narrativas publicadas pela cronista Cosette de Alencar em 1968, na coluna “Canto de Página”, veiculada no jornal “Diário Mercantil”, em Juiz de Fora, apresentando a análise de suas crônicas em três momentos distintos do “ano que não terminou”: a repercussão da morte do estudante Edson Luís na coluna em abril de 68, o expressivo e revolucionário maio de 68 e o mês da Passeata dos Cem Mil em junho de 68. Seguindo a metodologia de análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin, este trabalho busca detectar como a cronista abordou a temática da crise da educação na França, de De Gaulle, e no Brasil, em plena ditadura militar. A análise busca também observar quais foram as estratégias narrativas naquele momento histórico, e como a crise estudantil agendou a coluna, em um jornal que apoiou o golpe militar em 1964. Trata-se da rememoração deste período de endurecimento ditatorial, meio século depois, evidenciando o poder da crônica jornalística como formadora de opinião em um contexto de censura e repressão.

PALAVRAS-CHAVES: Jornalismo; Crônica; Ditadura; Diário Mercantil; Cosette de Alencar.

ABSTRACT

This research proposes an exercise in re-reading the narratives published by the chronicler Cosette de Alencar in 1968 in the “Canto de Página” column, published in the newspaper “Diário Mercantil”, in Juiz de Fora, presenting the analysis of his chronicles in three different moments of the “year that did not end”: the repercussion of the death of student Edson Luís in the column in April 68, the expressive and revolutionary May 68 and the month of the “Passeata dos Cem Mil” in June 68. Following the methodology of content analysis proposed by Laurence Bardin, the work seeks to detect how the chronicler addressed the issue of the crisis of education in France, from De Gaulle, and Brazil, in full military dictatorship. The analysis also seeks to see what the narrative strategies were at that historical moment, and how the student crisis scheduled the column in a newspaper that supported the military coup in 1964. It is a remembrance of this period of dictatorial hardening, half a century later, evidencing the power of the journalistic chronicle as an opinion maker in a context of censorship and repression.

KEYWORDS: Journalism; Chronic; Dictatorship; Diário Mercantil; Cosette de Alencar.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa do “Diário Mercantil”, edição do dia 29 de março de 68.....	24
Figura 2 – Capa Jornal “Correio da Manhã”, em 31 de março de 1964	32
Figura 3 – Editorial do Jornal “O Globo”, em 02 de abril de 1964	33
Figura 4 – Capa do Jornal “Última Hora”, em 01 de abril de 1964.....	34
Figura 5 – Cosette de Alencar recebendo o Prêmio Antônio Procópio Teixeira de Andrade, das mãos do ministro Jarbas Passarinho, na reitoria da UFJF, em 1972.....	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – 25,3% das crônicas de todo o ano de 1968 tratam diretamente e indiretamente do golpe na educação.....	71
Tabela 2 – Categorias de análise das crônicas na Coluna “Canto de Página”.....	73
Tabela 3 – Categorias de análise das crônicas em Abril de 1968 na “Canto de Página”	74
Tabela 4 – Categorias de análise das crônicas em Maio de 1968 na “Canto de Página”	82
Tabela 5 – Categorias de análise das crônicas em Junho de 1968 na “Canto de Página”	89

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. A CRISE DA EDUCAÇÃO CINCO DÉCADAS ATRÁS.....	17
2.1. DE GAULLE EM MAIO DE 68 NA FRANÇA	19
2.2. O ESTOPIM NO BRASIL: MORTE DO ESTUDANTE EDSON LUÍS	21
3. TEMPOS DE CENSURA E SILENCIAMENTO NA IMPRENSA.....	31
3.1. O “DIÁRIO MERCANTIL” DE JF NO CONTEXTO DA DITADURA	35
3.2. ASSIS CHATEAUBRIAND E OS MILITARES.....	38
4. O CRONISMO DE COSETTE DE ALENCAR NO “DIÁRIO MERCANTIL”	41
4.1. A CRÔNICA COMO GÊNERO: OPINIÃO E MEMÓRIA	46
4.2. A COLUNA CANTO DE PÁGINA	49
5. REFLEXOS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO CANTO DE PÁGINA.....	59
5.1. ANÁLISE DE CONTEÚDO: CRÔNICAS DE 1968.....	66
5.2. “QUE DESEJAM OS ESTUDANTES?”	74
5.3. “EM PARIS, CLARO ESTÁ, MATAR ESTUDANTE É CRIME”	82
5.4. “OS MOÇOS TÊM RAZÃO”	89
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	103

1. INTRODUÇÃO

Em tempos de rememoração, cinco décadas depois, a proposta deste trabalho consiste em fazer um levantamento das crônicas da escritora Cosette de Alencar (1918-1973), publicadas na coluna “Canto de Página”, do jornal “Diário Mercantil”, em Juiz de Fora, no ano de 1968. Em um primeiro momento, será feita uma leitura flutuante do cronismo de Cosette no ano do AI-5 para detectar as temáticas e pinçar as que abordam as questões da educação. Em seguida, será aplicada uma análise de conteúdo das crônicas selecionadas, com foco na repercussão da crise estudantil. Somados a essa proposta, será realizada também uma análise dos campos temáticos das crônicas nos meses de abril, maio e junho de 1968. A escolha por estes meses específicos está relacionada à repercussão dos acontecimentos emblemáticos do período na coluna “Canto de Página”, como a morte do estudante Edson Luís, o maio de 68 na França e a manifestação conhecida por “Passeata dos Cem Mil”, no Rio de Janeiro, em junho de 1968.

A presente dissertação foi desenvolvida no âmbito do grupo de pesquisa “Narrativas midiáticas e dialogias” e teve origem na pesquisa “Memória da cidade nas crônicas de Cosette de Alencar”, cuja proposta inicial foi fazer um estudo das crônicas de Cosette mapeando as temáticas e detectando traços memorialísticos sobre a cidade. A pesquisa foi coordenada pela profa. Dra. Cláudia de Albuquerque Thomé (Facom/UFJF) e vinculada ao PPGCOM/UFJF. O estudo sobre a atuação de Cosette como cronista e suas temáticas surge, então, nessa pesquisa, em que fui bolsista de iniciação científica (BIC/UFJF), com início em 2015 e encerramento em 2016, e que se estendeu até o meu trabalho de conclusão de curso, na Facom/UFJF. O TCC apresentou a análise das crônicas de Cosette publicadas na coluna “Canto de Página”, no jornal “Diário Mercantil”, em Juiz de Fora, em três momentos decisivos dos primeiros anos do período ditatorial, partindo dos resultados da pesquisa original: a tomada de poder pelos militares em 1964, a virada de posição da cronista em relação ao golpe em 1967 e a instituição do AI-5 em 1968.

Nesse percurso, que incluiu a digitalização das crônicas de Cosette, localizadas no acervo público do Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, e a posterior análise desse material resgatado em fonte primária, foi interessante detectar a presença da crise da educação no ano de 1968 como temática recorrente da cronista, um alerta feito pelo prof. Dr Marco Aurelio Reis, que integrou a equipe da pesquisa original e sublinhou a necessidade de entender o olhar de Cosette para o movimento estudantil, ao ler, ao fim de uma crônica, a frase que dá título a uma seção desse trabalho e que indica um olhar: “Em

Paris, claro está, matar estudante é crime”. Esse foi o principal motivador de dar continuidade ao estudo sobre o cronismo de Cosette no mestrado: detectar o que as crônicas conseguiram registrar em um conturbado período de crescente censura e repressão, e o que ficou para as gerações futuras daquele movimento na narrativa de Cosette, através da contextualização do período e aplicação da análise de conteúdo dessas crônicas durante o emblemático ano de 1968.

O movimento estudantil tornou-se a principal força de oposição e a mais visível para a sociedade nos primeiros anos da ditadura no Brasil, alcançando o seu ápice em 1968, quando os confrontos com a polícia resultaram em inúmeras mortes, torturas e prisões, provocando o aumento da repressão e endurecimento do regime. Ao redor do mundo, os movimentos estudantis também eclodiram com manifestações de protesto nas ruas, passeatas, ocupações de prédios públicos e greves, em função das reivindicações e ideais em cada país.

Portanto, a proposta da presente pesquisa consiste em dar prosseguimento às análises da coluna de Cosette de Alencar, contextualizando esse período, observando quais foram as estratégias narrativas utilizadas pela cronista naquele momento histórico, e verificando como a crise estudantil agendou a coluna, em um jornal que apoiou o golpe militar em 1964. Tendo como foco a análise das crônicas da autora como narrativas midiáticas e de produção de sentido sobre o cotidiano da sociedade ao longo das décadas, a pesquisa se ancorou também na conceituação de Motta (2013) considerando a crônica uma narrativa jornalística como ato de fala em um contexto que não deve ser ignorado.

O estudo das crônicas como gênero jornalístico e sua relação com a memória se justifica pela força deste gênero em revelar traços do cotidiano da cidade, em uma narrativa que transita entre o jornalismo e a literatura, e que carrega aquilo que, muitas vezes, não aparece no noticiário. As crônicas analisadas na presente pesquisa apresentam um tom politizado, com conteúdo que dialoga diretamente com o contexto da época. Levando em conta o período da ditadura militar identificamos a força da crônica como formadora de opinião e o vínculo que esse gênero apresenta com a linha editorial dos jornais.

Configurando um estudo com fundamentação teórica interdisciplinar, o presente trabalho apresenta teorias e pensamentos de inúmeros autores em diversos campos do conhecimento: comunicação, história, literatura e educação. No capítulo 2 desta pesquisa fez-se necessário apresentar o contexto global das manifestações estudantis que emergiram em vários países durante o ano de 1968. Além de fazer um aparato geral dessas repercussões que marcaram o mundo neste ano emblemático, o capítulo apresentou minuciosamente os

desdobramentos do maio francês, sob o governo do general Charles De Gaulle, e o estopim no Brasil, em plena ditadura militar.

No capítulo 3 é apresentado o contexto e trajetória do jornal “Diário Mercantil”, principal veículo noticioso de Juiz de Fora naquele momento, em uma cidade de onde partiram as tropas comandadas pelo general Olympio Mourão Filho em direção à cidade do Rio de Janeiro para a deflagração do golpe militar de 1964. Além de apresentar um histórico do jornal, a pesquisa buscou aprofundar a relação de Assis Chateaubriand, fundador dos “Diários Associados” ao qual o “Diário Mercantil” fazia parte, com os militares. É necessário abordar a relação deste jornal com o regime ditatorial, principalmente pelo fato do objeto de estudo desta pesquisa ter sido veiculado no DM. Finalizando este capítulo, é importante apresentar também o papel da imprensa neste período conturbado da história, desde o apoio e legitimação dos veículos de comunicação ao golpe militar de 1964 até o silenciamento dos mesmos, através da crescente censura e repressão impostas no período.

O capítulo 4 apresenta a crônica como gênero jornalístico e literário, se ancorando na conceituação teórica de autores de ambos os campos, jornalismo e literatura. Este estudo leva em consideração e toma por base as características da crônica como gênero formador de opinião, podendo indicar o olhar do cronista, sem a exigência de simular uma objetividade, mas que, por sua vez, não pode violar a linha editorial dos veículos de comunicação e seus posicionamentos. Além disso, foi necessário traçar um perfil da escritora Cosette de Alencar no jornal “Diário Mercantil”, apontando também suas estratégias narrativas e resgatando peculiaridades da cronista e do seu modo de produção. Na finalização desse capítulo será apresentado o resultado de análise da pesquisa anterior sobre as crônicas de Cosette publicadas na coluna “Canto de Página”, em dois momentos decisivos dos primeiros anos do regime ditatorial: a tomada de poder pelos militares em 1964 e a virada de posição da cronista em relação ao golpe em 1967. O objetivo é mostrar como a coluna vinha atuando nos anos anteriores, observando como se deram as mudanças de estratégias narrativas da cronista no decorrer dos acontecimentos que se sucederam durante o período ditatorial. O resgate desses resultados se faz necessário como uma continuidade das pesquisas que transcorrem e dialogam entre si, formando uma complementaridade que favorece um entendimento mais abrangente e contínuo.

O quinto e último capítulo desta dissertação se dedica à análise das crônicas do “Canto de Página” durante o ano de 1968. Iniciando o capítulo, foi feito um levantamento de todas as crônicas publicadas no referido ano, com exposição de exemplos com sucintas análises no decorrer de vários meses, que não faziam parte do corpus principal desta pesquisa.

Dessa forma, damos conta de exibir um cenário geral da coluna durante o ano inteiro, contribuindo também para a análise final do trabalho proposto. Em seguida, elucidamos a proposta de análise desta pesquisa, referente à metodologia de análise de conteúdo, de Laurence Bardin (2011), que será aplicada separadamente nos três meses que compõem o objeto de estudo: abril, maio e junho de 1968.

Essa metodologia foi escolhida para identificar de forma qualitativa as temáticas sobre a crise da educação, que formam o objeto da presente proposta de leitura da obra de Cosette de Alencar. Com este amparo metodológico, pretende-se detectar elementos da linguagem (termos peculiares presentes nas crônicas, por exemplo), estratégias narrativas, seu uso nas crônicas e os sentidos dados para estes termos nos textos estudados, de modo a identificar o comportamento e postura da cronista durante o contexto da crise estudantil de 1968. Vale ressaltar que a nomenclatura utilizada para identificar os subtítulos deste capítulo corresponde a trechos resgatados das próprias crônicas de Cosette, veiculadas nos respectivos meses submetidos à análise.

O presente trabalho demandou, além do estudo teórico, uma pesquisa de campo em acervos públicos para a obtenção do material a ser submetido às análises. Todas as crônicas do ano de 1968 foram digitalizadas, em fotos feitas com dispositivo móvel para esta pesquisa, uma forma também de trazer a público e facilitar o acesso às narrativas de um tempo passado, em uma contribuição com pesquisas futuras.

As principais questões que norteiam a pesquisa são: Como a cronista abordou a temática da educação em 1968? Quais foram as suas estratégias narrativas no ano do AI-5? Como (e o quanto) os movimentos estudantis agendaram a coluna “Canto de Página” em 1968, na cidade de onde partiu o golpe militar?

O objetivo geral da pesquisa consiste em detectar quais são as estratégias narrativas utilizadas por Cosette para, no jornal sabidamente conservador, permitir-se uma narrativa mais polifônica. Esta análise é importante, sobretudo na rememoração dos 50 anos do AI-5, para que a atuação da imprensa possa ser refletida não apenas como a favor ou contra os militares, mas levando em conta o contexto político incerto e inseguro para aqueles que vivenciavam aquele momento. Nesta perspectiva, olhar para as crônicas jornalísticas desse período é fazer um exercício de releitura dessas narrativas e ressignificação daquele momento histórico, buscando se colocar no contexto da época, mas com o olhar dos dias de hoje. É um desafio, ao mesmo tempo em que é gratificante reconhecer o poder que o gênero crônica tem como formador de opinião e também como contribuinte para os estudos sobre o jornalismo, memória e literatura.

2. A CRISE DA EDUCAÇÃO CINCO DÉCADAS ATRÁS

Os movimentos de protesto no ano de 1968 percorreram todo o mundo, em seus respectivos propósitos e motivações. A revolta da juventude, por exemplo, resultava de numerosos problemas que a sociedade ocultara durante muito tempo: enquanto os governantes alegavam defender o espírito liberal e humanitário de seus governos, mantinha-se a discriminação racial, a exploração do Terceiro Mundo e a intolerância ideológica. Dessa forma, a juventude sentiu-se na obrigação de denunciar os abusos de poder, bem como a manipulação da opinião pública e lutaram pelos seus direitos.

Verificamos o surgimento dessas contestações ao redor do mundo anos antes de atingir o ápice de 1968. Por volta de 1965, nos Estados Unidos, o problema racial e o início da Guerra do Vietnã abalaram a confiança de uma juventude de ideias não dogmáticas na orientação política dada ao país pelos seus governantes. Nesse momento identificamos o fenômeno dos “Baby Boomers”, que compreendem os nascidos entre a década de 1950 e 1960, termo este que corresponde à explosão demográfica pós-Segunda Guerra Mundial.

Mais do que uma explosão demográfica, essa foi uma transformação cultural. A ascensão da televisão moldou o comportamento desses jovens, visto que ela servia como mensageira e mobilizadora, e ainda retratava a juventude como um grande acontecimento. Essa geração participou da revolução dos anos 1960, o que mudou não só o papel das mulheres na sociedade, mas também o papel dos jovens, que criaram seu estilo de vida próprio e tinham a televisão como principal ferramenta de comunicação.

Dessa geração surgiram os ideais de liberdade, o feminismo e os movimentos civis a favor dos negros e homossexuais. O comportamento hippie também surgiu nessa época e junto a ele, protestos contra a Guerra Fria e a Guerra do Vietnã.

Os *baby-boomers* chegaram a 1968 com o mundo acompanhando com temor a Guerra dos EUA contra o Vietnã (1959-1975). Esses jovens foram os primeiros a crescer com a televisão que, pelos telejornais, mostrava detalhes do conflito que dividia a população estadunidense. Esses mesmos jovens protagonizavam em solo dos EUA fortes movimentos sociais, como a “segunda onda” de feminismo e uma nova onda de protestos pelos direitos de gays e lésbicas. As políticas discriminatórias raciais estadunidenses eram combatidas nas ruas pelo movimento militante negro “Black Power”, institucionalizado por meio do partido dos Panteras Negras (1966-1982). (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.96).

Os movimentos negros revelam as “diversas estruturas de dominação, segregação e preconceito vigentes não apenas nos Estados Unidos, mas no mundo todo” (KRÜGER, 2010, p.142). Dos movimentos negros nos Estados Unidos encontramos vertentes mais

pacifistas, cuja referência é Martin Luther King, bem como verificamos a existência dos mais combativos como os Panteras Negras. O movimento para os direitos humanos dos negros americanos encontrava-se no início de uma fase de radicalização; em 1966 já era lançado o slogan “Black Power”, que reivindicava autonomia dos negros em relação ao “domínio branco”.

[...] especialmente no que se refere aos Estados Unidos, toda a movimentação em torno das várias manifestações da cultura jovem, indo do flower power aos estudantes e intelectuais da Nova Esquerda, passando por movimentos como o gay power ou women’s lib, é acompanhada de perto pelo surgimento e pela consolidação do black power, o poder negro, cuja luta teve como ponto de partida e ponte de articulação com a revolta de outros grupos a difícil batalha pelos direitos civis que marcou, desde o início, a década de 60 nos Estados Unidos (PEREIRA, 1983, p.41).

Esses movimentos ao redor do mundo “refletiam o enfraquecimento ou o fim da classe política e das organizações políticas de massa com elas associadas, bem como sua fragmentação em vários e separados movimentos sociais” e recorriam para “a identidade social de seus sustentadores” (HALL, 2003, p. 44): o feminismo às mulheres; a política sexual aos gays e lésbicas; as lutas raciais aos negros; o movimento antibelicista aos pacifistas. A juventude pretendia viver livre de opressões e frustrações, no plano político, privado, profissional e sexual. Para Hall, “isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade – uma identidade para cada movimento” (HALL, 2003, p. 45).

O movimento que ficaria conhecido como Maio de 1968 na França foi eminente, mas de modo algum o primeiro ou o único dos anos 60 no âmbito internacional.¹ Os movimentos estudantis, embora tenham se manifestado e evoluído diferentemente de país para país, tinham uma origem em comum com todos os movimentos sociais de então: um descontentamento reprimido e a disposição de agir com maior ou menor violência contra os regimes estabelecidos e ainda contra a ordem social e a ordem política vigentes.

As revoltas universitárias e os sistemas políticos diferiam de país para país, mas ganharam caráter internacional. Quais eram então as causas profundas de um movimento que mobilizava a juventude de vários países? O reconhecimento de que um abismo separava os ideais e as realidades apresentados pela sociedade levou a juventude a uma atitude idealista de

¹ Para se restringir a 1968, basta recordar que na antiga Tchecoslováquia um movimento que ficaria conhecido como Primavera de Praga chamaria a atenção. Liderado por intelectuais reformistas do Partido Comunista Tcheco, o movimento buscava “desestabilizar” o país, e banir daquele país o autoritarismo. Em solo estadunidense, os movimentos contra o racismo também se destacaram, sendo um dos mais importantes o que ficaria conhecido como Panteras Negras, grupo político que reivindicava pela igualdade de direitos entre negros e brancos, porém, lançava mão de ações agressivas.

revolta contra sistemas que pareciam não reconhecer ao indivíduo seu direito a uma educação digna, sistemas que não davam outra saída senão a adaptação e marginalização.

Na Universidade de Berkeley², Califórnia, a reitoria procurou travar a excessiva politização dos estudantes, que se manifestavam no campus pela liberdade de expressão, com sessões de informação e discussão, e o crescente protesto contra a Guerra do Vietnã. Em consequência das intervenções policiais, frequentemente duras ao longo do tempo, verificou-se o alastramento do conflito e a progressiva solidarização dos estudantes.

Na Europa, a juventude encontrava vasto campo para formular suas críticas ao “gaullismo” paralisado da França e, no mesmo ano que eclodiu a Revolução de Maio naquele país, estudantes no Brasil também começaram a se movimentar mais rispidamente.

2.1. De Gaulle em maio de 68 na França

Uma onda de indignação eclodiu em todo o bairro universitário, o Quartier Latin, quando em 3 de maio³ de 1968 a polícia de Paris prendeu vários estudantes na Sorbonne, que se manifestaram contra o fechamento da Faculdade de Letras de Nanterre. Com isso, outros manifestantes e colegas desses estudantes presos atacaram com pedras os carros da polícia, fazendo barricadas com automóveis, transformando as ruas em um cenário de violenta batalha – a primeira das muitas que se sucederiam nas semanas seguintes neste início de maio em 1968.

Dentre os presos, encontravam-se Jacques Sauvageot, importante dirigente da União dos Estudantes Franceses (UNEF), e o franco-alemão Daniel Cohn-Bendit, mais conhecido por Danny, o Vermelho, convertido em pouco tempo no mais destacado porta-voz dos estudantes.

Com o fechamento da Sorbonne por tempo indeterminado, a direção da UNEF convocou manifestações maciças e o Sindicato dos Professores também ameaçou declarar greve. Na semana de 6 a 13 de maio, as manifestações em Paris assumiram proporções ainda maiores, para além dos limites do Quartier Latin. Realizaram-se marchas de protesto e greves em várias universidades com adesão de professores universitários e estudantes. O objetivo era protestar contra a invasão da Universidade de Sorbonne pela polícia e reivindicar a libertação dos estudantes presos durante manifestações.

² PURDY, 2008.

³ THIOLENT, 1998, p.67.

Um dos confrontos mais violentos entre polícia e estudantes se deu na noite do dia 10 para 11 de maio⁴, conhecida como a Noite das Barricadas, quando os manifestantes decidiram tomar o Quartier Latin, até então ocupado pelos policiais. O desfecho foi de muito conflito, dezenas de feridos e manifestantes presos. As imagens da violência policial indignaram os parisienses e aumentou a solidariedade popular aos estudantes. Após este episódio, os grandes sindicatos, sobretudo a CGT (Confederação Geral do Trabalho), convocaram uma grande manifestação e declararam greve geral no dia 13 de maio⁵, com o objetivo de exercerem pressão sobre o governo e não perderem a sua influência sobre o movimento.

O confronto com a polícia era inevitável. Os estudantes jogavam paralelepípedos arrancados das calçadas. Muitos carros foram incendiados, sobretudo pela polícia, para produzir efeito contrário na opinião pública. Os estudantes gritavam "CRS-SS!", sempre denunciando o nazismo ou fascismo dos guardas armados de cassetetes e granadas lacrimogêneas. (THIOLENT, 1998, p.67)

No fim de maio, a popularidade do governo havia atingido o seu ponto mais baixo. De Gaulle regressa de uma viagem internacional. O presidente encontra um país em greve, companhias de aviação paralisadas, transportes públicos da maioria das cidades funcionando pouco e bancos perdendo progressivamente dinheiro de seus depositantes.

No dia 24 de maio⁶, De Gaulle anunciou um plebiscito visando o restabelecimento da autoridade do Estado. Seu discurso foi transmitido pelo rádio e a reação geral foi de recusa.

No dia 29 de maio, De Gaulle se deslocou à base militar francesa de Baden-Baden, na Alemanha Ocidental, para um encontro secreto com o comandante do Exército Francês na Alemanha, general Massu, a fim de assegurar a lealdade desses militares em caso de emergência⁷. Ao regressar a Paris, De Gaulle anunciou a dissolução da Assembleia Nacional e a realização de novas eleições. Este plano semeou a discórdia entre os grupos revolucionários por um lado, e por outro, entre os políticos e os dirigentes sindicais. No dia 30 de maio, após o pronunciamento de De Gaulle, realizou-se uma manifestação elitista em Paris, a chamada “maioria silenciosa”⁸, que durante as últimas semanas se mantivera

⁴ AUGUSTINHO, 2010, p 104.

⁵In: <http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/maio-de-68-sacudiu-franca-9195148>, acesso em fevereiro de 2018.

⁶In: <http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/maio-de-68-sacudiu-franca-9195148>, acesso em fevereiro de 2018.

⁷ THIOLENT, 1998, p.77.

⁸ SOARES, PETARNELLA, 2009, p.349.

praticamente inerte. Contando com cerca de um milhão de pessoas, os manifestantes marcharam em apoio ao presidente e contra a greve geral.

A partir de junho de 1968 era visível que a revolta tinha enfraquecido. A onda de violência não tinha desaparecido por completo, mas em 12 de junho o governo sentiu-se forte o suficiente para proibir todas as manifestações e declarou ilegais as organizações revolucionárias.

As eleições de 23 e 30 de junho para o parlamento francês decorreram sob o símbolo da “defesa da república contra a revolução comunista”. A frente política liderada por De Gaulle vence as eleições.

No ano seguinte, em 28 de abril, após a derrota de suas propostas de reforma constitucional em um referendo nacional, Charles de Gaulle renuncia como presidente da França.

Vós, a quem falei tantas vezes em nome da França, sabeis que vossa resposta no domingo comprometerá vosso destino, porque acima de tudo trata-se de introduzir na estrutura de nosso país, modificações bastante consideráveis. É de grande importância fazer renascer nossas velhas províncias, organizadas de maneira moderna sob a forma de regiões: dar-lhes os meios necessários para que cada uma delas solucione seus próprios assuntos sem deixar de cumprir seu respectivo papel em nosso conjunto nacional: transformá-las em centro onde a iniciativa, a atividade e a vida alcancem seu pleno desenvolvimento em cada lugar. (...) Vossa resposta está ligada ao destino da França porque a reforma é parte integrante da participação que, agora, exige o equilíbrio da sociedade moderna. (Fala de Charles De Gaulle, veiculada na capa do jornal Diário Mercantil, na edição de 27 e 28 de abril de 1969)

O apelo que o então presidente, Charles De Gaulle, fez através da mídia não foi suficiente para conquistar a maioria dos votos da população francesa. O fracasso do referendo se converteu em renúncia de De Gaulle no dia seguinte às votações.

Após renúncia do general Charles De Gaulle, Georges Pompidou, que ocupava até então o cargo de primeiro-ministro da França, foi eleito seu sucessor na presidência da República francesa.

2.2. O estopim no Brasil: morte do estudante Edson Luís

O espírito crítico que contestava o abuso de autoridade, a desigualdade e o emprego da violência esteve presente no conturbado ano de 1968 no Brasil. A preocupação se fez presente nas discussões em torno do futuro da população, dos jovens, do papel da educação, dos direitos e igualdades. O cenário político da ditadura militar no país foi fator

ainda mais relevante para o contexto da mobilização estudantil no Brasil, que se fez presente antes mesmo de 1968.

O fim da opressão, a liberdade de expressão, igualdade social, por exemplo, encabeçaram os ideais revolucionários da época. Estudantes brasileiros se reuniram em torno de uma causa que tornasse o país uma nação democrática e mais igualitária.

As mulheres também se engajaram na luta pelo reconhecimento dos seus direitos pela sociedade, baseados nos movimentos feministas crescentes nos Estados Unidos e Europa, muitas mulheres no Brasil se tornaram militantes políticas. Lutaram contra a ditadura, apoiaram minorias étnicas e a cada dia tentavam conquistar seu espaço na sociedade.⁹

O movimento estudantil brasileiro se firmou como um movimento esfacelado e que tentava se organizar, com grande capacidade de mobilização de massas e com direção política crítica e contestadora em relação ao governo ditatorial, e se consolidou como um dos mais relevantes movimentos no cenário nacional.

A União Nacional dos Estudantes (UNE), fundada em 11 de agosto de 1937, consolidara “sua participação e posicionamento frente aos principais assuntos nacionais, fortalecendo o movimento social brasileiro”¹⁰. No primeiro dia em que os militares tomaram o poder, em 1964, o Comando de Caça aos Comunistas (CCC) invadiu e incendiou a sede da UNE, na Praia do Flamengo, no Rio de Janeiro.¹¹ A partir de 1964, iniciou a proibição dos grupos de estudantes e centros acadêmicos, dando autoridade aos militares para prender todos os professores suspeitos de apoiar quem fosse identificado como subversivo.

A Lei “Suplicy de Lacerda”¹², promulgada em 9 de novembro de 1964, retirou legalmente a representatividade da UNE e a entidade passou a atuar na clandestinidade. Como substituição, o regime militar anunciou o surgimento do Diretório Nacional dos Estudantes¹³, uma organização criada pelo governo como uma máscara para uma democracia que já não existia. Todas as greves e propagandas políticas foram decretadas proibidas, com o intuito de impedir os alunos a expressarem seus pontos de vista sobre o regime.

Este foi o primeiro de muitos atos dos militares a fim de silenciar os estudantes. Uma vez que a UNE estava proibida de exercer qualquer atividade, na visão do governo, os estudantes ficaram sem os seus antigos locais de organização e representação. Contudo, embora a UNE tenha sido considerada ilegal a partir de 1964, “greves, manifestações e

⁹ DINIZ, 2009, p.3.

¹⁰ In: <https://www.une.org.br/memoria/>, acesso em fevereiro de 2018.

¹¹ BRASIL NUNCA MAIS, 1985, p.132.

¹² In: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4464-9-novembro-1964-376749-publicacaooriginal-1-pl.html>, acesso em fevereiro de 2018.

¹³ BRASIL NUNCA MAIS, 1985, p.133.

passatas eram convocadas em nome da entidade, que continuava elegendo seus presidentes e realizando clandestinamente seus congressos”. (ARAUJO, 2007, p.157)

A abordagem militar para lidar com os alunos visava expulsar o sentimento de rebelião e qualquer inclinação, para o que era considerada na época de “atividade subversiva”. Mas essa destruição e ameaça à existência da UNE como uma identidade política deu ao movimento dos estudantes o impulso necessário para se fortalecer ainda mais e lutar.

Em 1966, a UNE conseguiu realizar, na clandestinidade, em Belo Horizonte, o seu 28º congresso nacional, repetindo o feito no ano seguinte, em Vinhedo (SP), mais uma vez com ajuda de uma congregação religiosa, em cujo mosteiro se efetivou o 29º congresso. Ambos os eventos foram divulgados de modo a desmoralizar abertamente as proibições e ameaças feitas pelas autoridades. (BRASIL NUNCA MAIS, 1985, p.133)

No ano de 1966 as tensões se agravaram ainda mais entre estudantes e o governo. A polícia nacional foi encarregada de “manter a paz” e manipular protestos. No dia 23 de setembro, alunos se reuniram na Faculdade Nacional de Medicina (atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro) para protestar contra a ditadura e em defesa da autonomia universitária. A polícia reprimiu violentamente cerca de 600 estudantes que estavam no local, episódio que ficou conhecido como “Massacre da Praia Vermelha”¹⁴.

Até o ano de 1968 os confrontos armados não estavam muito evidenciados, mas um fato ocorrido no dia 28 de março mudara todo esse cenário. O protesto de estudantes de várias instituições, na maior parte secundaristas, no Restaurante Calabouço¹⁵, Centro do Rio de Janeiro, foi fortemente reprimido pela polícia militar e resultou na morte do estudante Edson Luís Lima Souto. A partir daí deu-se início a uma nova postura por parte dos estudantes e uma das consequências deste fato foi a adoção mais frequente de uma política de maior enfrentamento com os policiais.

A morte do estudante ganhou a capa dos principais jornais do país. O jornal “Diário Mercantil”, objeto de estudo desta pesquisa, veiculou uma pequena nota, de autoria da agência de notícias “Meridional”. O nome do estudante foi informado erroneamente, como “Milton Luiz Lima Souto”. A tragédia foi chamada de “incidente” logo no título do texto e, sobre a invasão da polícia militar, o jornal afirmou que a polícia havia sido chamada a intervir, como se os estudantes estivessem agindo fora da lei no Restaurante Calabouço.

¹⁴ SIQUEIRA, 2014, p. 383.

¹⁵ “Funcionando na Avenida Infante Dom Henrique, próximo ao Aeroporto Santos Dumont, o Calabouço era o restaurante Central dos Estudantes e desde a década de 1950 oferecia comida a preços reduzidos a alunos de baixa renda no Rio de Janeiro.” (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.98)

Nenhuma foto sobre o acontecimento foi destaque na capa do DM nesta edição de 29 de março de 1968.

Figura 1: Capa do “Diário Mercantil”, edição do dia 29 de março de 68

4 PÁGINAS DE HOJE

DIÁRIO MERCANTIL

Órgão dos DIÁRIOS ASSOCIADOS, fundado em 1912

JUIZ DE FORA — Sexta-feira, 29 de março de 1968

NÚMERO AVULSO
NC\$ 0,10

N. 16.464

Deputado oposicionista quer acabar com SNI

RIO, 29 (Meridional) — O deputado oposicionista Hermo Alves quer acabar com o SNI (Serviço Nacional de Informações) e apresentou ao Conselho Nacional de Informações e de Segurança uma proposta de alteração da Lei nº 13.655/64, que instituiu o SNI. A proposta prevê a extinção do SNI e a criação de um órgão de inteligência civil, sob o comando do presidente da República. A proposta também prevê a extinção do SNI e a criação de um órgão de inteligência civil, sob o comando do presidente da República.

ESSA QUESTÃO DE ANISTIA

Além de não contar a favor da anistia para todos os crimes políticos, a proposta de anistia apresentada pelo deputado Hermo Alves não prevê a extinção do SNI e a criação de um órgão de inteligência civil, sob o comando do presidente da República.

Incidente entre polícia e estudantes: duas mortes

RIO, 29 (Meridional) — Um novo incidente ocorreu ontem, pouco depois das 18 horas, entre a polícia e os estudantes que frequentam o restaurante da Colômbia. Pretendem os estudantes realizar nova passeata de protesto contra o abandono em que se encontra aquele restaurante. A polícia, chamado o interventor fez com violência, atirando, matando por motor o estudante Milton Luiz Lima, de 16 anos, natural do Pará e o porteiro do INPS, cujo identidade é ainda desconhecida.

Os estudantes, revoltados, embulharam o corpo de seu companheiro, levando-o em passeata para o AL, provocando a interrupção dos trabalhos. A polícia tentou invadir o recinto da Assembleia, sendo recebida pelo presidente Amoral Peixoto.

O governador do Estado está em Palácio acompanhando todos os acontecimentos, tendo designado o local para tomar as providências cabíveis. No mesmo local se encontram também o comandante da Polícia Militar.

FLAGRANTE POLITICO

Câmara encerra trabalhos do mês na noite de hoje

Os vereadores encerrarão na noite de hoje o período de trabalho do mês corrente, após ter cumprido um mês de trabalho normal. Os trabalhos do mês foram encerrados com a aprovação de uma proposta de lei que institui o dia 15 de março como dia da mulher, sendo fixado para conclusão ulterior o projeto que ainda depende de pareceres para ser encaminhado e votado.

GRACIA E SIMPATIA

A Sra. Zita Aubrey, esposa de Sr. Adolfo E. Aubrey, representante da presidente do Rotary International, chegou a Juiz de Fora para visitar o Rotary Club de Juiz de Fora.

Pioneiro do Cosmo morre em acidente

LONDRES, 28 (UPI) — Yuri Gagarin, o primeiro homem que conseguiu o espaço extraterrestre, a 12 horas, saiu do mundo do Universo Soviético, sacrificando sua vida num acidente de avião, para não abandonar seu aparelho científico, o qual ele usava para sua missão. Ele morreu em um acidente de avião, para não abandonar seu aparelho científico, o qual ele usava para sua missão.

CONDOLÊNCIAS DE JOHNSON

WASHINGTON, 28 (UPI) — O presidente dos Estados Unidos, Lyndon B. Johnson, expressou suas condolências ao povo brasileiro pela morte de Yuri Gagarin.

PROGRAMA DE HOJE

1ª sessão plenária do Rotary Club de Juiz de Fora, presidida pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora, pelo secretário Jorge da Rocha Parodi, do Rotary Club de Belo Horizonte-Oeste, e pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora.

2ª sessão plenária do Rotary Club de Juiz de Fora, presidida pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora, pelo secretário Jorge da Rocha Parodi, do Rotary Club de Belo Horizonte-Oeste, e pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora.

3ª sessão plenária do Rotary Club de Juiz de Fora, presidida pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora, pelo secretário Jorge da Rocha Parodi, do Rotary Club de Belo Horizonte-Oeste, e pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora.

4ª sessão plenária do Rotary Club de Juiz de Fora, presidida pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora, pelo secretário Jorge da Rocha Parodi, do Rotary Club de Belo Horizonte-Oeste, e pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora.

5ª sessão plenária do Rotary Club de Juiz de Fora, presidida pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora, pelo secretário Jorge da Rocha Parodi, do Rotary Club de Belo Horizonte-Oeste, e pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora.

6ª sessão plenária do Rotary Club de Juiz de Fora, presidida pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora, pelo secretário Jorge da Rocha Parodi, do Rotary Club de Belo Horizonte-Oeste, e pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora.

7ª sessão plenária do Rotary Club de Juiz de Fora, presidida pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora, pelo secretário Jorge da Rocha Parodi, do Rotary Club de Belo Horizonte-Oeste, e pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora.

8ª sessão plenária do Rotary Club de Juiz de Fora, presidida pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora, pelo secretário Jorge da Rocha Parodi, do Rotary Club de Belo Horizonte-Oeste, e pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora.

9ª sessão plenária do Rotary Club de Juiz de Fora, presidida pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora, pelo secretário Jorge da Rocha Parodi, do Rotary Club de Belo Horizonte-Oeste, e pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora.

10ª sessão plenária do Rotary Club de Juiz de Fora, presidida pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora, pelo secretário Jorge da Rocha Parodi, do Rotary Club de Belo Horizonte-Oeste, e pelo governador indicado para o ano 1968/1970 — Paulo Machado de Lima, do Rotary Club de Juiz de Fora.

Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, Juiz de Fora/MG

O primeiro comentário sobre a morte do estudante na coluna “Canto de Página” apareceu na edição do dia 03 de abril. Com o título “Receita para os moços”, Cosette de Alencar não demonstra muita compaixão pelo acontecimento. A cronista, ao relatar o fato, dá mais importância aos comentários referentes aos jovens considerados subversivos na época.

Não há dúvida de que os baderneiros dos tempos de João Goulart, metendo-se no meio dos estudantes, sonham em reeditar as façanhas daquela época ominosa [maligna]. Tal como se esperava, o cadáver do rapazinho baleado pela polícia carioca assanhou tais desordeiros, cuja meta principal é implantar no País aquele clima de agitação espúria que tanto lhes convém. Servem-se os malandros, para tanto, do descontentamento da classe estudantil, que exploram com solércia e criminosa crueldade. (Jornal Diário Mercantil, coluna Canto de Página, edição de 03 de abril de 1968)

No dia 04 de abril, Cosette utiliza o espaço de sua coluna para responder uma leitora, que não foi identificada na crônica. Neste momento, a cronista assume uma postura mais crítica, com comentários mais ácidos ao abordar novamente o assassinato do estudante

Edson Luís (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.110). Na crônica, Cosette considera que o “status” em que vivia o Brasil era o responsável pelo crime:

Na verdade, não foi o fuzil do soldado incriminado no caso que matou o jovem Néelson Luiz¹⁶: para mim, matou-o muito principalmente o “status” em que nosso País vive. (...) É tem muita gente morrendo mercê dessa situação incômoda, ainda que de morte menos escandalosa do que a do estudante do Calabouço. (Jornal Diário Mercantil, coluna Canto de Página, edição de 04 de abril de 1968)

Edson Luís de Lima Souto, vindo de uma família pobre de Belém do Pará, mudou-se para o Rio de Janeiro para ingressar no Instituto Ginásial Cooperativo de Ensino¹⁷, localizado no mesmo prédio do restaurante Calabouço. O referido restaurante central dos estudantes foi um dos cenários mais marcantes do movimento estudantil na luta contra a ditadura. Durante o protesto no dia 28 de março de 1968, cuja pauta consistia na melhoria da qualidade da alimentação e oposição ao aumento do preço dos pratos no restaurante Calabouço, os estudantes foram surpreendidos pela invasão da polícia militar, comandada pelo aspirante Aloisio Raposo, no Calabouço.

Segundo relatos posteriores, o comandante da tropa da PM, o aspirante a oficial Aloisio Azevedo Raposo, de 22 anos, temia que os estudantes invadissem o consulado dos EUA que funciona a duas quadras dali. Edson Luís foi morto com um disparo a queima roupa no peito. (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.98)

Edson Luís, aos 18 anos de idade, não foi o único estudante morto naquele dia. O seu colega Benedito Frazão Dutra, de 20 anos, também levou um tiro da polícia militar, chegando a ser internado em um hospital, mas acabou falecendo no dia seguinte. (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.98)

Estudantes carregaram Edson Luís até a Assembleia Legislativa, onde permaneceu lá cercado de diversos outros estudantes que aguardavam a autópsia do corpo. Os jovens exigiram que a autópsia fosse realizada nas dependências do Palácio Pedro Ernesto, pois estavam temerosos de que o corpo do estudante desaparecesse.¹⁸ Edson se tornou símbolo da resistência ao regime militar e sua morte marcou um dos mais tristes episódios da história do movimento estudantil no Brasil. O enterro de Edson Luís reuniu 50 mil pessoas e deflagrou uma série de “manifestações vigorosas de protesto, em todo o país, com os choques

¹⁶A cronista Cosette de Alencar publica erroneamente o nome do estudante assassinado. O correto é Edson Luís de Lima Souto.

¹⁷REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.98.

¹⁸VENTURA, 1988, p. 64.

e a repressão policial se repetindo em todos os Estados” (BRASIL NUNCA MAIS, 1985, p.133-134).

No dia 26 de junho de 1968, uma multidão se manifestou no Rio de Janeiro contra a repressão crescente do regime militar. O movimento que ficou conhecido como a “Passeata dos Cem Mil” ganhou maior dimensão a partir da morte do estudante Edson Luís, no dia 28 de março. Participaram das manifestações estudantes, artistas, intelectuais, trabalhadores e religiosos. Nos outros estados brasileiros os movimentos estudantis também ampliaram sua organização e mobilização. Durante o ano de 1968 as manifestações em todo o país ocorreram até a decretação do AI5.

Este lugar tem um significado muito grande para nós. Foi na Candelária que foi rezada a missa do estudante morto no Calabouço. Foi aqui que nós fomos massacrados pela cavalaria da polícia militar. Hoje é diferente. Prova de que potencialidade de luta popular é maior do que as forças da repressão. Hoje damos uma demonstração de força e de fraqueza ao mesmo tempo. Temos força para retomar a praça, mas ainda não podemos tomar o poder que eles usurparam. (Discurso feito pelo presidente da UME, Vladimir Palmeira, na Passeata dos Cem Mil)¹⁹

O então presidente da União Metropolitana dos Estudantes (UME), Vladimir Palmeira, foi um dos principais líderes dos protestos em 1968 e realizou discursos durante a Passeata dos Cem Mil, repetindo sempre aos estudantes que não aceitassem provocações dos policiais infiltrados na concentração. Com voz ativa e exigências ao governo, Vladimir Palmeira afirmou:

Nós queremos os cadáveres dos estudantes que foram mortos durante as últimas manifestações. Todos viram seus corpos, ao vivo e nos jornais, e não é possível que o governador e as outras forças repressivas continuem a esconder os seus corpos para iludir a população. (Discurso feito pelo presidente da UME, Vladimir Palmeira, na Passeata dos Cem Mil)²⁰

Na tentativa de realizar clandestinamente o 30º congresso da UNE, em Ibiúna/SP, no dia 12 de outubro de 1968, a fim de discutir alternativas à ditadura militar, 693 estudantes de vários estados brasileiros foram presos após invasão da PM, evidenciando a repressão e a restrição à liberdade de expressão que eram características desse período²¹. Dentre os presos estavam os líderes estudantis Vladimir Palmeira, José Dirceu e Luís Travassos.

O Ato Institucional nº 5, instaurado em 13 de dezembro de 1968, representou o endurecimento do regime, com a suspensão de direitos, e “definiu o momento mais duro do

¹⁹In: http://www.vladimirpalmeira.com.br/ano1968_4.html, acesso em fevereiro de 2018.

²⁰In: http://www.vladimirpalmeira.com.br/ano1968_4.html, acesso em fevereiro de 2018.

²¹BRASIL NUNCA MAIS, 1985, p.136.

regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados”.²²

O AI-5 institucionalizou a tortura de opositores aos militares, entre eles professores universitários, líderes estudantis e funcionários das instituições de ensino superior. O resultado foi a “pacificação” à força da insatisfação estudantil, que ganhara as ruas em abril de 1968, após o assassinato do estudante “ginasial”²³ Edson Luís. (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.92)

Em fevereiro do ano seguinte foi divulgado um decreto-lei que proibiu definitivamente toda e qualquer manifestação política dentro das universidades do país. Assinado pelo segundo presidente do regime militar, general Artur da Costa e Silva, o decreto-lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969, conhecido como “AI-5 das universidades”, estabeleceu punições como demissões e desligamento de professores, funcionários e estudantes que praticassem qualquer tipo de atividade que fosse considerada subversiva nas universidades brasileiras. Na prática, o decreto estabeleceu rito sumário aos acusados, ou seja, os professores condenados eram impedidos de exercer sua profissão em outra instituição educacional por cinco anos, “ao passo que os estudantes ficavam proibidos de cursarem qualquer universidade por três anos.”²⁴

Dentre insatisfações pontuais do período, é importante ressaltar as reivindicações do movimento estudantil no contexto da reforma universitária. A política de privatização do ensino e o projeto de reforma universitária inspirado pelo governo dos Estados Unidos²⁵, por exemplo, pautaram protestos estudantis.

Os seminários da UNE sobre a Reforma Universitária no início dos anos 60, de modo geral, colocam sempre o problema da universidade articulado com as reformas de base e questões políticas mais globais. Contudo, de abril de 1964 a 1967, as discussões no movimento estudantil passam a centrar-se sobretudo em dois pontos: a) revogação dos Acordos MEC/USAID, e b) revogação da Lei Suplicy (Lei nº 4.464, de 9.11.1964), pela qual a UNE foi substituída pelo Diretório Nacional de Estudantes. (FÁVERO, 2006, p.30)

²² Fonte: CPDOC Fundação Getúlio Vargas. In: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>, acesso em 02 de fevereiro de 2018.

²³ “Edson Luís cursava o extinto Madureza Ginásial, um curso de dois anos destinado à educação de jovens e adultos instituído pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1961. Dez anos depois de sua criação, o Curso de Madureza foi substituído pelo Projeto Minerva e, posteriormente, pelo curso Supletivo” (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.93)

²⁴ In: <<https://www.documentosrevelados.com.br/repressao/forcas-armadas/lei-477-o-ai5-das-universidades/>>, acesso em fevereiro de 2018.

²⁵ “Concebida como estratégia de hegemonia, a intervenção da USAID na América Latina se processa de modo integrado, nos anos 60, em várias áreas e sob três linhas de atuação: assistência técnica; assistência financeira, traduzida em recursos para financiamento de projetos e compra de equipamentos nos EUA, além da assistência militar, concretizada pela vinda de consultores militares norte americanos ao Brasil e do treinamento de militares brasileiros nos Estados Unidos, assim como do fornecimento de equipamentos militares.” (FÁVERO, 2006, p.30)

O descaso do governo no financiamento da educação pública foi pauta de reivindicação dos estudantes, bem como o pedido pela autonomia universitária e ampliação da oferta de vagas nas escolas públicas. Os estudantes, por intermédio da UNE, tentavam combater “o caráter arcaico e elitista das instituições universitárias” (FÁVERO, 2006, p.29).

Para entender melhor este cenário é preciso recorrer a acontecimentos que o precederam. Por meio de estudos realizados na Universidade do Brasil, o Ministro da Educação solicita, em 1966, recomendações do documento da Universidade do Brasil com algumas modificações, posteriormente transformadas em Decreto lei Nº 53/66. No mesmo período surgem outras medidas destacando-se: plano de assistência técnica estrangeira, ligado aos acordos MEC/USAID; plano Atcon e o relatório Meira Mattos. (FÁVERO, 2006, p.30)

O Plano Atcon foi o documento que continha estudo realizado pelo consultor americano Rudolph Atcon, entre junho e setembro de 1965, e apresentava possibilidade de implantação de nova estrutura administrativa universitária, baseada em rendimento e eficiência como princípios básicos. (FÁVERO, 2006, p.31)

Uma comissão especial, presidida pelo General Meira Mattos, foi criada ao final do ano de 1967 em função de uma preocupação com a “subversão estudantil”. O Decreto nº 62.024 possuía como finalidades a emissão de pareceres sobre reivindicações e sugestões para as atividades estudantis; planejamento e ideias que possibilitassem aperfeiçoamento das diretrizes governamentais no setor estudantil, além da supervisão para execução das mesmas, mediante delegação do Ministro de Estado.

Os estudantes viam a formação da comissão com justificada desconfiança uma vez que para presidi-la foi designado o coronel Carlos de Meira Mattos (promovido a general em abril de 1968). Combatente pelas forças paulistas durante a Revolução Constitucionalista de 1932, Meira Mattos lutou na Itália pela Força Expedicionária Brasileira atuando como oficial de ligação entre o 4º Corpo de Exército dos EUA e a FEB. Em 1964, como oficial superior, teve papel relevante na conspiração para o golpe militar de 1964, tanto que, como reconhecimento, ocupou o cargo de vice-chefe do gabinete militar do general ditador Castello Branco (com quem cultivava amizade desde a campanha da FEB), foi nomeado interventor do estado de Goiás (1965) e encarregado de invadir e fechar o Congresso Nacional em outubro de 1966. (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.103)

O fortalecimento do princípio de autoridade dentro das instituições de ensino através da intimidação e repressão foram objetivos do General Meira Mattos e sua comissão especial, e esse recurso foi executado totalmente com a promulgação do AI-5, a partir de 13 de dezembro de 1968.

De acordo com Fávero, no início de 1968, os estudantes exigem do governo soluções para os problemas educacionais. A resposta do governo é o Decreto lei nº 62. 937, com a criação do Grupo de Trabalho (GT) encarregado de estudar a crise na universidade. O relatório final do Grupo registra que a crise sensibiliza vários setores da sociedade exigindo do governo uma ação eficaz para resolução dos problemas da universidade.

O GT tinha como objetivo “(...) estudar a reforma da Universidade brasileira, visando à sua eficiência, modernização, flexibilidade administrativa e formação de recursos humanos de alto nível para o desenvolvimento do país”. (RELATÓRIO DO GRUPO DE TRABALHO, 1968, p.15 apud FÁVERO, 2006, p.32)

Das questões levantadas no Relatório encontra-se a afirmação de que a universidade está inadequada para o processo de modernização desde 1950; a expansão das instituições ocorre apenas pela multiplicação das unidades, e mesmo com essa expansão ela permanece com uma estrutura obsoleta, “faltando flexibilidade para ser capaz de satisfazer às solicitações de um mercado de trabalho cada vez mais diferenciado.” (FÁVERO, 2006, p.33)

Apesar do início da reestruturação das universidades ser oriundo de decretos nos anos de 1966 e 1967, só em 1968 com o resultado do Grupo de Trabalho e com a ação de 66, é que se pode falar em legislação básica para a Reforma Universitária. (FÁVERO, 2006, p.34)

As principais medidas propostas pela Reforma foram: um sistema departamental, vestibular unificado, ciclo básico, sistema de créditos, matrícula por disciplina, carreira do magistério e pós-graduação. O departamento como unidade de ensino e pesquisa teve apenas caráter nominal, existindo certa rejeição à departamentalização.

Quando ao vestibular unificado e classificatório, verifica-se que, no momento de sua implantação, exerceu dupla finalidade: racionalização no aproveitamento do número de vagas e admissão do ingresso não para determinado curso, mas para determinada área de conhecimento. A introdução do vestibular unificado como recurso para tornar mais racional a distribuição de vagas vai se revelar problemática poucos anos depois. (FÁVERO, 2006, p.34)

No conjunto sobre o que implicou o conteúdo da Lei 5.540/68, mais conhecida como “Reforma Universitária de 1968”, nota-se um resultado das discussões realizadas sobre o modelo de universidade a ser adotado no Brasil, além disso, segundo ROTHEN (2008, p.471) é “fruto da vontade dos militares, mediante uma legislação centralizadora, de imporem à sociedade civil um consenso sobre o modelo de universidade e diminuir as resistências internas das universidades ao regime militar”. A participação e influência do Conselho Federal de Educação também podem ser observadas na elaboração da Reforma Universitária de 1968.

Após análise sobre a Reforma Universitária de 68, a partir da década de 80 aparecem outras propostas para reformulação da universidade brasileira. A Lei da Anistia, sancionada em 28 de agosto de 1979, visava reverter as punições aos cidadãos brasileiros, civis e militares, que foram considerados criminosos políticos pelo regime militar. “Nas universidades públicas, após esta Lei se processa o retorno de vários professores afastados, compulsoriamente, após o AI-5” (FÁVERO, 2006, p.34). Apesar de o governo Geisel apresentar, no final da década de 70, uma inclinação para a criação de condições de uma abertura política “lenta, gradual e segura”, apenas no final da década de 80 que ela é consolidada e observamos o fim do regime militar no país.

3. TEMPOS DE CENSURA E SILENCIAMENTO NA IMPRENSA

A década de 60 foi um marco na história da imprensa brasileira. Cinquenta anos após a promulgação do AI-5, ato instaurado em 13 de dezembro de 1968, vigorando até dezembro de 1978, e que representou o endurecimento do regime militar com a suspensão de direitos, é necessário abordarmos o papel da imprensa antes e durante este recrudescimento da ditadura.

Tomando partido da conjuntura política e, com grande influência, a imprensa brasileira contribuiu fortemente nos desdobramentos dos acontecimentos de 1964, criando um ambiente favorável à derrubada do governo democrático e na consequente implantação de um regime militar. A derrubada de João Goulart foi legitimada através dos discursos contra o “perigo vermelho (comunista)” e “ameaça de subversão da ordem”, veiculadas na mídia.

Toda luta da imprensa pró-golpe começa em 1945, ainda no Governo Vargas. O cenário era um Brasil que vinha de uma crise no presidencialismo. Nesse período diversos jornais alinharam-se, em momentos chave, a posicionamentos anti-getulistas que constituíram ações e opiniões golpistas. Anos depois, Jango assume a presidência mediante um clamor popular e uma forte oposição. O país estava um caos. A crescente desigualdade social e a ideia das reformas de base apavoravam a elite brasileira. (BALTAZAR, 2017, p.34)

O contexto da crise política que precedeu a ditadura de 1964 foi pauta para as manchetes de diversos jornais brasileiros. As matérias agiram com elevado poder de formação de opinião das pessoas, através do posicionamento favorável de grande parte da mídia em relação ao governo ditatorial neste primeiro momento. Segundo Beatriz Kushnir (2004, p.214) a atuação de parte da imprensa com a ditadura civil-militar de 1964 pode ser detectada tanto na ausência de enfrentamento ao regime e suas formas violentas de ação, quanto no próprio apoio à ditadura.

Os meios de comunicação atuaram como um instrumento ideológico na preparação do golpe e na instalação da ditadura militar. Segundo a pesquisadora Alzira Alves de Abreu, “sem a participação da imprensa, o desfecho de um determinado processo ou acontecimento poderia ser totalmente outro” (ABREU apud SILVA, 2014, p.43).

A imprensa brasileira cumpriu rigorosamente esse papel na preparação e legitimação do golpe de 1964. Usou todo o seu prestígio para convencer parte da população, especialmente as classes médias, a aderir aos propósitos das elites econômicas vinculadas aos interesses do capital internacional. O trabalho intelectual dos jornalistas consistiu numa operação de guerra retórica para desqualificar as “reformas de base” de Jango como sendo antimodernas, retrógradas, inexequíveis,

demagógicas, populistas e, suprema chantagem da época, comunistas. (SILVA, 2014, p.11)

O pesquisador Juremir Machado (2014, p.32) afirma que grande parte da classe média brasileira foi manipulada pela imprensa e sem o trabalho da mídia não haveria legitimidade para a derrubada de João Goulart do poder. Segundo Juremir Machado, “os grandes jornais de cada capital atuaram como incentivadores e árbitros” (2014, p.32).

Figura 2: Capa Jornal “Correio da Manhã”, em 31 de março de 1964



Fonte: Site Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1964_21775.pdf. Acesso em 11/11/18.

Os principais jornais do país saudaram o golpe como a salvação da democracia, se pronunciando abertamente contra João Goulart. Em 31 de março de 1964, o jornal “Correio da Manhã” publicou na primeira página um editorial intitulado “Basta”.

Quase todas as medidas tomadas pelo sr. João Goulart, nestes últimos tempos, com grande estardalhaço, mas inexecutáveis, não têm outra finalidade senão a de enganar a boa fé do povo, que, aliás, não se enganará. (...) Se o sr. João Goulart não tem a capacidade para exercer a Presidência da República e resolver os problemas da Nação dentro da legalidade constitucional não lhe resta outra saída senão entregar o Governo ao seu legítimo sucessor. (...) Os poderes Legislativo e Judiciário, as Classes Armadas, as Forças Democráticas devem estar alertas e vigilantes e prontos para combater todos aqueles que atentarem contra o regime, o Brasil já sofreu demasiado com o Governo atual. Agora, basta! (JORNAL “CORREIO DA MANHÃ”, 31 de março de 1964)

Em euforia, o editorial do jornal “O Globo”²⁶, publicado em 02 de abril de 1964, celebrou a tomada do poder pelos militares. Com o título “Ressurge a Democracia”, Roberto Marinho vibrava com o golpe militar em seu jornal: “o Brasil livrou-se do Governo irresponsável, que insistia em arrastá-lo para rumos contrários à sua vocação e tradições (...)”. Ao final, ainda completa que “este não foi um movimento partidário. Dele participaram todos os setores conscientes da vida política brasileira, pois a ninguém escapava o significado das manobras presidenciais”.

Figura 3: Editorial do Jornal “O Globo”, em 02 de abril de 1964



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com>. Acesso em 11/11/18.

A atuação da imprensa em 1964 configurou o que Juremir Machado (2014) denomina golpe midiático-civil-militar. Segundo o pesquisador, o golpe de 64 resultou de uma “tripla traição”:

a dos militares, que traíram a pátria em nome dos interesses norte-americanos; a das elites brasileiras comprometidas com o capital internacional; e a dos jornalistas, que traíram o compromisso com a liberdade e com a verdade por excesso de conservadorismo e por atuar como “intelectuais orgânicos” da modernização conservadora. (SILVA, 2014, p.140)

²⁶ Em 31/08/13 o jornal publicou uma retratação do apoio ao governo ditatorial em 64. Parte deste texto de “mea culpa” cita nome de outros jornais envolvidos no apoio ao militares: “O GLOBO, de fato, à época, concordou com a intervenção dos militares, ao lado de outros grandes jornais, como ‘O Estado de S.Paulo’, ‘Folha de S. Paulo’, ‘Jornal do Brasil’ e o ‘Correio da Manhã’, para citar apenas alguns (...)”.

A exceção entre os principais grupos de comunicação do período ficou por conta do “Última Hora”, jornal criado pelo jornalista Samuel Wainer²⁷ em 1951. Única voz entre os principais jornais que deu suporte a João Goulart e suas reformas de base, o “Última Hora” publicava manchetes provocativas e, em pleno regime militar, “era comum aparecer no alto da primeira página algo como ‘ELEIÇÕES, SÓ DE MISS’ ” (KUSHNIR, 2004, p.239).

Figura 4: Capa do Jornal “Última Hora”, em 01 de abril de 1964



Fonte: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital>. Acesso em 11/11/18.

A redação do “Última Hora” foi invadida e depredada, no dia 02 de abril de 1964, em resposta às manchetes e matérias que o jornal publicava em oposição aos militares (SILVA, 2014, p.53). No dia seguinte ao atentado contra a sede do jornal, o UH publicou um texto no canto superior direito da capa do jornal intitulado “A Liberdade de Imprensa Sobrevive”, onde afirmou que:

A liberdade de imprensa de imprensa sofreu um grave atentado com a depredação da redação do ÚLTIMA HORA, levada a cabo, anteontem, por elementos terrorsitas a serviço da MAC [Movimento Anticomunista], sob pretexto de comemorar a deposição do Presidente João Goulart. Em consequência desse ato de selvageria, nosso jornal só pode circular ontem com uma edição extraordinária de quatro páginas e ainda hoje chega as mãos dos leitores sem várias das suas seções habituais. (JORNAL “ÚLTIMA HORA”, 03 de abril de 1964)

²⁷ “Samuel Wainer nasceu em Edenitz, uma aldeia da Bessarábia – parte da Transilvânia transformada em território da União Soviética depois da Segunda Guerra Mundial.” (MORAIS, 1994, p.553).

A partir da radicalização do regime com o AI-5, a grande imprensa se viu vítima dos ditadores que tinha apoiado e suas redações passaram a contar com a presença de censores. Com isso, alguns jornais passaram a publicar versos e receitas de bolos no lugar de matérias para indicar de maneira subliminar que estavam sob censura.

O Jornal da Tarde é igualmente lembrado por suas receitas de bolo, publicadas nos espaços onde matérias foram cortadas pelo censor. Era uma forma de, na concepção do jornal, denunciar que estava sob censura, mesmo que, como já relatou Oliveiros S. Ferreira, os leitores ligassem reclamando que as receitas não davam certo. (KUSHNIR, 2004, p. 228)

Com base no decreto n° 20.493/46, os militares instituíram a Divisão de Censura e Diversão Pública, aparelho repressivo fortalecido pela Lei n° 5.536, de 21 de novembro de 1968, que instaurava o cargo de censor.

A censura é colocada em reflexão na obra de Eni Puccinelli Orlandi (2007, p.108) e é analisada tanto a censura quanto a recusa de submissão a ela, exemplificando com o contexto político brasileiro pós-1964. Segundo a autora, a censura, como silêncio imposto por um grupo dominante, intervém na formação e no movimento dos sentidos. Na “língua-de-espuma”, termo que de certa forma traduz a formação discursiva da censura, os sentidos não se desdobram:

Gostaria de definir a noção de língua-de-espuma: uma língua 'vazia', de uso imediato, em que os sentidos não ecoam. É uma língua em que os sentidos batem forte mas não se expandem. Na língua-de-espuma os sentidos se calam. Eles são absorvidos e não produzem repercussões. (...) Historicamente, a língua-de-espuma é aquela falada, por exemplo, pelos militares no período que começa em 1964 com a DITADURA no Brasil. Mas, pelas suas características, podemos alargar essa noção abrangendo toda expressão totalitária nas sociedades ditas democráticas. A língua-de-espuma trabalha o poder de SILENCIAR. (ORLANDI, 2007, p.99)

O poder da violência não se constitui e não se revela única e exclusivamente pela violência física. O fazer calar atua fortemente nas relações de dominação, observadas principalmente durante o período ditatorial. O silêncio do oprimido, o silêncio da submissão, o silêncio da resistência. Configura-se como agressivo e torturante.

3.1. O “Diário Mercantil” de JF no contexto da ditadura

Em 23 de janeiro de 1912 foi fundado, por Antônio Carlos de Andrada e João Penido Filho, o jornal “Diário Mercantil” que representou os interesses da elite de Juiz de

Fora com seu perfil conservador, nos seus 71 anos de circulação. O jornal também ficou marcado pelo seu nítido apoio ao regime militar que estava sendo instaurado em 1964, dando grande espaço para as matérias de interesse da ditadura militar.

Em 1932 o jornal “Diário Mercantil” passou por um momento de transição ao ser integrado aos “Diários Associados”, sob o comando de Assis Chateaubriand (1892—1968). Incorporando empresas de mídia impressa, rádio e televisão ao longo dos anos²⁸, a rede dos “Diários Associados” iniciou sua trajetória adquirindo “O Jornal”²⁹, em 1924.

Com a vinculação aos “Diários Associados” no ano de 1932, as matérias sobre a política nacional passaram a ser orientadas pela rede, ao contrário da política local, que continuou a ser produzida pelo “DM”. O jornal de Chatô manteve a hegemonia em Juiz de Fora.

Os outros jornais que circulavam em Juiz de Fora, a Gazeta Comercial e a Folha Mineira, também diários, não conseguiam fazer sombra ao gigante do império de Assis Chateaubriand. Nem o inovador Binômio, lançado em 1958, e que fazia um contraponto à sisudez do DM, pela corrosiva linha editorial, e a diagramação mais arejada e moderna, quebrou a hegemonia do Diário Mercantil junto às lideranças políticas e econômicas da cidade. (MUSSE, 2008, p.4).

A década de 60 foi um marco para o “Diário Mercantil” e reforçou ainda mais o seu caráter liberal-conservador com a deflagração do golpe militar em 64. Juiz de Fora, por sua vez, ficou conhecida como a “Capital Revolucionária”, termo que se deu devido à sua participação direta na deflagração do movimento da ditadura, tendo em vista que da cidade saíram as tropas militares comandadas pelo general Olímpio Mourão Filho rumo ao Rio de Janeiro.

A cobertura dos acontecimentos políticos durante o período inicial da ditadura militar, no “Diário Mercantil”, se mostrou totalmente favorável ao golpe (LISIEUX, MUSSE, 2013, p.12). Nessa época, as questões políticas locais diminuíram, dando lugar a discursos em apoio ao novo regime militar que se instaurava no país. A prevalência de temas políticos nacionais e a moderada participação dos temas locais traduziram a cobertura política do DM em 1965 (LEAL, MENDES, FERNANDES, 2008, p.12).

²⁸ Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br/home/conteudo.php?co_pagina=44>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

²⁹ Jornal que circulou no Rio de Janeiro, fundado em 1919 por Renato Toledo Lopes, e comprado por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello em 02 de outubro de 1924, tendo sido, até 28 de abril de 1974, o “órgão líder dos Diários Associados”.

A cobertura política nacional do DM em meados dos anos 60 se caracterizava pela “permanente associação do conteúdo jornalístico à opinião explícita – inclusive com soluções textuais visivelmente bajulatórias ao recém-instalado regime militar” (LEAL, CARVALHO, TENÓRIO, FERNANDES, 2007, p.13).

A pouco delineada fronteira entre jornalismo e opinião marcava a cobertura política do Diário Mercantil em 1965. Na semana do Exército, o jornal publicou, desassociadas de qualquer remissão a algum outro conteúdo jornalístico, frases de apoio às Forças Armadas: “A 31 de março, Juiz de Fora e seu Exército, Unidos, salvaram a Nação” (21/08); “O Exército Brasileiro tem estado sempre identificado com o povo: é ele uma parcela desse povo” (22/8). (LEAL, CARVALHO, TENÓRIO, FERNANDES, 2007, p.12).

Os anos 70 no “Diário Mercantil” foram marcados pela necessidade de inovação na linguagem adotada pelo jornal. O perfil conservador permaneceu, mas vieram mudanças tendo em vista a configuração do “leitor moderno”. A preocupação era com o “projeto de modernização do texto, mais coloquial, objetivo, direto” (MUSSE, 2008, p.11). Diante dessas novas renovações, o “DM” apresentou um manual com “Normas de Redação para o Diário Mercantil e o Diário da Tarde” contendo “o alinhamento editorial com o que se fazia nas grandes capitais do país” (MUSSE, 2008, p.12).

Se nos anos 60 predominava a escolha por matérias de âmbito nacional, a década de 70 trouxe ênfase para as pautas locais, como, por exemplo, nas matérias de esporte, que apareceram com muita frequência nessa época, privilegiando equipes amadoras da cidade (MUSSE, 2008, p.12).

A crise do “Diário Mercantil” se inicia com a morte de Assis Chateaubriand, em 1968. E, por consequência, em 1973 a administração do “DM” fica por conta de pessoas ligadas ao “Condomínio dos Diários Associados”³⁰ (MUSSE, 2008, p.13). Sob esse novo comando, o “DM” foi contraindo dívidas cada vez maiores, resultado de empréstimos feitos para realizar mudanças no seu parque gráfico. Em 29 de novembro de 1983 o “Diário Mercantil” publicou, na primeira página, o anúncio de fechamento do jornal.

³⁰ “Chateaubriand lembrava que, com a criação do Condomínio Associado, ele dera uma prova cabal de que jamais considerara seus rádios, jornais e televisões como bens pessoais ou de família (em 1962, ele fizera um testamento legando aos 22 condôminos os 51% restantes do controle acionário – assim, depois de sua morte, o Condomínio seria proprietário da totalidade dos Diários Associados). ‘Meu filho Fernando não é membro do Condomínio Associado’, ele reiterava, ‘e minha filha Teresa também não faz parte desse consórcio’.” (MORAIS, 1994, p. 674).

3.2. Assis Chateaubriand e os militares

Os “Diários Associados” tinham uma relação direta com o poder e formação de opinião, principalmente no âmbito político. Com isso, o “Diário Mercantil” não foi diferente. Como órgão Associado, o “DM” assume a linha editorial de acordo com a posição de Assis Chateaubriand. Assim sendo, o jornal deu voz aos que defendiam a saída do presidente João Goulart do poder, evidenciando, em suas páginas, argumentos favoráveis ao novo regime que começava a ser imposto ao país.

Desde que começara a conspirar contra Jango, nos primeiros meses de 1963, até a eclosão do golpe, em abril de 1964, foram raros os artigos escritos por Chateaubriand que não tratassem de política nacional. (...) O Chateaubriand dos primeiros meses de 1964 estava empenhado em uma verdadeira cruzada para “salvar a ordem capitalista ameaçada pela corja vermelha que ocupa o Palácio do Planalto”. (MORAIS, 1994, p.646-647).

A importância do estudo do “Diário Mercantil” nesse contexto político se dá a partir do fato de que esse jornal era o principal veículo noticioso da cidade de onde partiu o golpe militar de 1964. Comandados pelo general Olympio Mourão Filho, soldados marcharam da 4ª Divisão de Infantaria do Exército de Juiz de Fora em direção à cidade do Rio de Janeiro para a deflagração do golpe.

O “Diário Mercantil” se manifestou a favor de uma tomada de atitude pelos militares para impedir as reformas que Jango pretendia realizar. Contudo, foi com os militares que os “Diários Associados” mais se afligiram.

Os desentendimentos entre o magnata da comunicação e os generais se agravariam em junho de 1965, diante da vista grossa que os militares fariam para ajuda financeira que o grupo norte-americano Time Life deu à TV Globo (MORAIS, 1995, p. 665). Além disso, em 1966 a concorrente direta da TV Tupi – pertencente aos “Diários Associados” – adicionou à sua grade de programação a nova conquista: o telejornal Repórter Esso (1952-1970), abalando financeiramente a rede dos “Diários Associados”, “uma vez que, por efeito manada, agências de publicidade norte-americanas também deslocaram seus anúncios para veículos correntes” (THOMÉ, REIS e VALLADARES, 2015, p.326).

Com o descontentamento de Chateaubriand ao aporte financeiro a concorrentes, as páginas do “Diário Mercantil” publicaram o artigo “Administrador de Cemitérios”, assinado por Chatô, em 18 de março de 1967 (ANEXO A). Este artigo também foi publicado na íntegra nos periódicos “Gazeta Mercantil”, no dia 18 de março, e em “O Jornal”, no dia 15 de março (THOMÉ, REIS e VALLADARES, 2015, p.326).

Nessa época, Chateaubriand já estava doente, com problemas de saúde resultantes de uma trombose manifestada em fevereiro de 1960, mas isso não o impediu de publicar o artigo em que descrevia Castelo Branco como “defunto grosso e feio”³¹.

Em 15 de março de 1967, Chatô romperia de vez com os militares, atacando Castelo Branco de forma direta com artigo publicado no dia em que este transferia a faixa presidencial para seu sucessor, o general Costa e Silva. Com o título “Administrador de Cemitérios”, o artigo chama Castelo de “grosso e feio”, classifica seu governo de desastroso e festeja sua saída do poder. O midas dos Diários Associados daria, com isso, o tom da linha editorial dos veículos de seu grupo de comunicação, dali em diante. (THOME, REIS e VALLADARES, 2015, p. 326).

Ainda nesse artigo, Chatô faz referência ao episódio da Time Life associando-a a um Cavalo de Tróia brasileiro. Suas alfinetadas não pararam por aí: sobre o legado que Castelo Branco deixou antes de sair do poder, nesse mesmo ano de 67, Assis Chateaubriand destaca:

Dois vácuos: interno e externo. Lá fora matou a confiança no País por uma alarve estatização. (...) Não há nem tem havido investimentos privados, e estes traduzem o padrão da confiança exterior num Estado e seu governo. É fato que se tentaram reformas estruturais. Todos ficaram no papel. (...) O nôvo govêrno recebe o país das mãos do outro, que exauriu o mercado interno, e pôs em fuga o externo, por se vê diante de uma nação, cujo governo infligiu à sua gente os piores vexames, sem contudo defender a moeda, cada vez mais aviltada. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho do artigo “Administrador de Cemitérios”, de Assis Chateaubriand, 18/3/67).

Os anos de repressão dali em diante passariam a ter uma abordagem diferente daquela presenciada no início do golpe, principalmente na coluna “Canto de Página”, da cronista Cosette de Alencar, no jornal “Diário Mercantil”.

³¹ Retirado do artigo “Administrador de Cemitérios”, publicado no Diário Mercantil, em 18 de março de 1967.

4. O CRONISMO DE COSETTE DE ALENCAR NO “DIÁRIO MERCANTIL”

É importante entender como Cosette de Alencar trilhou o seu caminho no mundo das letras, antes de contribuir com o “Jornal Diário Mercantil”. A cronista, que ocupou um lugar fundamental e se tornou uma importante voz na imprensa juiz-forana, nasceu no dia 18 de janeiro de 1918, em Juiz de Fora/MG, na antiga Rua Imperatriz³².

Retomando o termo citado anteriormente nesta pesquisa, Cosette de Alencar não fazia parte do fenômeno do “baby boom”, correspondente às pessoas nascidas entre a década de 1950 e 1960. Nesta época Cosette já era uma mulher madura, completara 50 anos em 1968 e mesmo encontrando-se em outra geração não abriu mão de se posicionar sobre os acontecimentos políticos e educacionais da época. Dessa forma, sua contribuição para o “Diário Mercantil” se faz ainda mais relevante para a presente pesquisa, em que se pode observar uma intelectual da elite juiz-forana atuando como formadora de opinião, explicitando sua liberdade crítica através da escrita para atuar como “porta-voz” de estudantes e da população em geral para um jornal cujo público alvo era direcionado para as classes média e alta da cidade de Juiz de Fora.

Neta, bisneta e filha de escritores, Cosette de Alencar era membro de família que se distinguiu de forma notável nas letras brasileiras. Prima de Rachel de Queiroz e filha de Gilberto de Alencar e Sofia Áurea do Espírito Santo, Cosette iniciou seus estudos no Grupo Delfim Moreira, em seguida cursou magistério e lecionou na Escola Normal de Juiz de Fora, atual Instituto Estadual de Educação. Passou do magistério à administração pública, sendo nomeada em 1964, pelo governador biônico Magalhães Pinto, ao cargo de Assistente da Comissão de Planejamento na Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, o qual se aposentou no ano de 1969.

Simultaneamente a esses cargos, Cosette também colaborava com publicações para o jornal “Diário Mercantil”, ao qual iniciou suas contribuições em 1939 e se vinculou profissionalmente em junho de 1961. Além de Juiz de Fora, a literata também chegou colaborar para jornais do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São João Del Rey.

Sua atuação nos periódicos de Juiz de Fora foi bastante significativa. A cronista escreveu para “O Pharol”, “Jornal do Comércio”, “Gazeta Comercial” e no “Diário Mercantil”, de 1939 até 1973. Neste último, publicou crônicas em diversas colunas: Bilhete de 1939 a 1941, Semana de 1942 a 1945, Correio da Província de 1945 a 1946, Coisa da Cidade em 1946, Conversa de Domingo em 1947, Duas Palavras de 1947 a 1948, Conversa com

³² Atual Rua Marechal Deodoro, na cidade de Juiz de Fora/MG.

Joaquim de 1950 a 1951, Letras aos amigos ausentes em 1951, Instantâneo em 1951, Rodapé Dominical, de 1953 a 1973; Canto de página, de 1960 a 1973; Grifo, de 1961 a 1962; Suelto, de 1961 a 1966; Cravo e Canela, de 1963 a 1967, e Livros e Letras, de 1968 a 1973.³³

Ao contrário de outras mulheres, que estrearam nas páginas dos jornais juiz-foranos com versos, Cosette o fez através das crônicas, gênero literário que ocupou lugar de destaque na imprensa nacional desde meados do século XIX e através do qual se consagraram muitos literatos brasileiros. (...) os textos cronísticos trazem comentários de assuntos que interessaram ou incomodaram aos seus cronistas e aos contemporâneos e, portanto, são produtos históricos que permitem compreender a versão/visão dos mesmos acerca do momento de sua criação. (ROSA, 2015, p.190).

Ainda no “Diário Mercantil”, Cosette contribuiu no suplemento dominical “Arte e Literatura” com a coluna “Rodapé Dominical”, espaço este destinado à publicação de crônicas semanais de Cosette de Alencar. Na coluna “Rodapé Dominical” Cosette de Alencar escreveu algumas edições do “Diário de Ana”, espécie de folhetim dentro do jornal, espaço no qual os leitores encontravam a cada domingo uma continuidade da narrativa da cronista nesta coluna. O “Diário de Ana” circulou até outubro de 1967, e depois disso o “Rodapé Dominical” continuou sendo publicado no jornal até o ano de seu falecimento, em 1973. A pesquisadora Rita de Cássia Vianna Rosa (2015, p.193) contabilizou 793 crônicas publicadas nos semanais do “Rodapé Dominical”, entre 1953 a 1973. Era uma coluna diferente da “Canto de Página”, uma vez que não se propunha a comentar o contexto político, mas sim focar na tipologia de crônica mais voltada para casos do cotidiano, em estilo mais próximo ao conto.

A segunda coluna mais duradoura da cronista foi a “Canto de Página”, circulando durante treze anos no jornal. Durante os primeiros oito anos de veiculação, a coluna apareceu no canto superior direito da página 2 do caderno principal do “Diário Mercantil”, mas no decorrer dos anos de repressão observamos mudanças notórias na coluna: tanto em caráter de posicionamento, quanto de mudança de editoria (houve realocação de páginas - alguns meses antes da fase mais sombria e opressiva da ditadura: a decretação do Ato Institucional Nº 5). A partir de setembro de 1968 a coluna de Cosette passou a figurar no suplemento de Cultura, localizado na página 5 do jornal, se adequando conforme as exigências da ditadura militar – que será demonstrado na análise de conteúdo no capítulo seguinte.

Resgatando a memória dos tempos em que conviveu com Cosette de Alencar, no jornal “Diário Mercantil”, o professor José Luiz Ribeiro³⁴ concedeu uma entrevista³⁵ ao

³³ MOL, 2015, p.23.

³⁴ José Luiz Ribeiro atuou no “Diário Mercantil” como programador e, posteriormente, editor do Segundo Caderno do Jornal.

Grupo de Pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias, em 20 de novembro de 2018 (APÊNDICE A). Compartilhando peculiaridades da cronista, José Luiz conta que ela era leitora assídua e escritora rígida. Lembra que Cosette foi uma profissional muito respeitada no ambiente de trabalho e escrevia seus textos na redação do jornal sempre no período do almoço, horário em que o local permanecia mais tranquilo. José Luiz Ribeiro relembra ainda que, ao chegar no DM, já a encontrava imersa nas leituras e datilografias, e por volta de 14h a cronista já não estava mais no jornal, isso se dava pelo fato de Cosette reservar seus horários de almoço do emprego público que possuía na Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, para escrever no “Diário Mercantil”.

Apontada como “conservadora” na maioria das referências bibliográficas a seu respeito, Cosette muitas vezes não apresentou esse perfil que estava sendo sempre creditado a ela. Nas palavras de José Luiz Ribeiro, Cosette foi “uma jornalista com acuidade, uma cronista com acuidade, mas fiel a um cotidiano”.

Suas crônicas desnudavam uma escritora atenta às questões sociais, culturais, políticas e econômicas do Brasil e do mundo. Escrevia, também, sobre fatos e sentimentos observados em seu cotidiano. Com frequência, recebia obras inéditas de autores de todo o país, elaborando a respeito dessas um parecer crítico. (CALIXTO, 2014, p.23).

O rótulo de conservadora esteve presente na trajetória de Cosette, que por sua vez resolveu falar por si mesma e abordar essa definição em sua coluna “Rodapé Dominical”, afirmando não se sentir como tal e atribuindo seu comportamento, tido como “conservador”, a fatores hereditários:

Comecei a sê-lo quando ainda não tinha idade para compreender o fenômeno, mas tão logo atingi certo grau de entendimento passei a aceitar a ideia de ser elo de uma longa cadeia e aceitei-a sem aborrecimento maior. Sempre me senti parte de alguma coisa, fração de um todo, membro de um clã, associada a um grupo, participante. (...) Conservadora, tinha de ser: velhos avós me marcaram o espírito e a caminhada, onde houve bom tempo, com intervalos de insegurança, névoa e frio: mas o sol, quando vinha, varria tudo, e se impunha, complemento do céu azul, das asas, do verde. (ALENCAR, Cosette de. Rodapé Dominical. Livre Fialmente. Diário Mercantil, 30 e 31 agosto 1970, p.2)³⁶

O hábito de leitura desde sua infância, sob o exemplo de seu pai, lhe conferiu uma herança literária que perpetuou em sua vida. Cosette de Alencar trocava correspondências com grandes nomes da nossa literatura, enviando a eles, muitas vezes, recortes de suas

³⁵ Disponível em: <http://www.ufjf.br/narrativasmidiaticas/2018/12/01/os-movimentos-estudantis-de-1968-no-jornal-diario-mercantil-e-na-coluna-canto-de-pagina-em-juiz-de-fora/>

³⁶ In: ROSA, 2015, p.205

crônicas no “Diário Mercantil”, além de críticas das obras que recebia. “Com a correspondência, Cosette aproximava-se mais dos literatos e discutia questões sociais, políticas, culturais e, acima de tudo, literárias.” (CALIXTO, 2014, p.20). Seu primeiro correspondente foi Eduardo Frieiro³⁷, “com quem trocou cartas desde os idos de 1930”³⁸. Outro nome conhecido pela troca de correspondências com a literata é Enrique de Resende³⁹. Além de responder colegas escritores, ela também respondia as cartas enviadas por seus leitores.

Essa identidade de leitora assídua corroborou com o talento da cronista não apenas em relação ao domínio da língua portuguesa, como também com o idioma francês⁴⁰. Cosette se revelou autodidata com a língua francesa e colaborou com a Editora Itatiaia em traduções como “O Adolescente”, de Dostoievski, “Grandes Esperanças”, de Dickens e a saga de Henri Troyat, “Les Semailles et les Moissons”.

Mantendo presente e consagrado o sobrenome Alencar no mundo das letras, Cosette também contribuiu com seus textos para a revista “Alterosa”, de Belo Horizonte. Esta participação lhe conferiu, em 1967, o reconhecimento de melhor cronista do estado de Minas Gerais. Neste mesmo ano, Cosette terminou o seu primeiro e único livro “Giroflê, Giroflá”, romance que, em 1968, foi selecionado a concorrer ao Prêmio Walmap⁴¹, considerado o maior prêmio literário do país na época, reconhecido em âmbito internacional (CALIXTO, 2014, p.22). Em 1970 a obra foi premiada pela Imprensa Oficial e publicada no ano seguinte.

Dando prosseguimento à carreira de seu pai, Cosette recebeu prêmios por sua contribuição na literatura. Ainda com sua obra “Giroflê, Giroflá”, a escritora recebeu o

³⁷ Eduardo Frieiro (1889 –1982) foi um escritor e crítico literário mineiro, natural de Matias Barbosa/MG. Ao longo da sua vida, contribuiu por mais de 40 anos com o jornalismo literário, assinando regularmente artigos para jornais e revistas. Disponível em: http://www.descubraminas.com.br/MinasGerais/Pagina.aspx?cod_pgi=2957.

³⁸ Morreu ontem a escritora e jornalista Cosette de Alencar. Diário Mercantil, Juiz de Fora, 11 julho 1973. Caderno Cidade, p.8.

³⁹ Enrique de Resende (1899 – 1973) foi um escritor mineiro, natural de Cataguases/MG. Enrique de Resende trocou correspondências com Cosette de Alencar no período compreendido entre janeiro de 1962 e janeiro de 1973, e o lote completo das cartas enviadas por Enrique de Resende à Cosette de Alencar encontra-se no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), MG. (CALIXTO, 2014, p.10)

⁴⁰ Cosette de Alencar começou a estudar no auge do positivismo, o que afirma sua referência na formação francesa.

⁴¹ “O prêmio Walmap nasceu em 1964, para suscitar o aparecimento de obras literárias acima do nível comum. Seu idealizador, o banqueiro José Luiz de Magalhães Lins e o escritor Antônio Olinto, lançaram-no pela coluna “Porta de Livraria”, do jornal O Globo (RJ). O nome Walmap, que passaria a designar o maior e mais importante prêmio literário do Brasil, foi dado pelo banqueiro, em homenagem ao seu tio Waldomiro Magalhães Pinto, fundador e primeiro diretor do Banco Nacional de Minas Gerais.” Disponível em: <http://joseluzdemagalhaeslins.com.br/assets/premiowalmap.pdf>.

Prêmio Nelson de Faria, que era considerado a láurea máxima da Academia Brasileira de Letras⁴².

“Giroflê, Giroflá” continuou lhe gerando gratificações. Em 1971 foi eleita Personalidade do Ano dos “Diários Associados” e, em janeiro de 1972, durante solenidade no Cinema Pálace, o deputado Tarcísio Delgado lhe entregou o prêmio. Seis meses depois, em julho de 1972, recebeu das mãos do ministro da Educação, Jarbas Passarinho, o Prêmio Antônio Procópio Teixeira de Andrade. A homenagem aconteceu na reitoria da Universidade Federal de Juiz de Fora. Ainda em 1972, Cosette conquistou o troféu Pequeno Jornaleiro, “que homenageava as personalidades literárias do ano de 1971” (MOL, 2015, p.26).

Figura 5: Cosette de Alencar recebendo o Prêmio Antônio Procópio Teixeira de Andrade, das mãos do ministro Jarbas Passarinho, na reitoria da UFJF, em 1972



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, Juiz de Fora/MG

Após um período de luta contra a leucemia⁴³, na manhã do dia 10 de julho de 1973, Cosette faleceu em sua residência. Ainda na véspera de sua morte, havia mandado um recado para o Editor Geral do jornal avisando que voltaria ao trabalho nos próximos dias.⁴⁴ Seu corpo foi velado no salão de sessões da Câmara Municipal de Juiz de Fora, saindo de lá às nove horas do dia 11 de julho para ser enterrado no Cemitério Nossa Senhora Aparecida.

⁴² CALIXTO, 2014, p.22.

⁴³ MOL, 2015, p.23.

⁴⁴ Morreu ontem a escritora e jornalista Cosette de Alencar. Diário Mercantil, Juiz de Fora, 11 julho 1973. Caderno Cidade, p.8.

Aos 55 anos, Cosette deixou quatro irmãos: Emília de Alencar, Heitor de Alencar, Fernando de Alencar e Marta da Conceição Alencar. Além de muitos amigos, admiradores e leitores. A crônica “Paz” foi a última escrita de Cosette para o jornal “Diário Mercantil”, publicada na página 6 do “Caderno de Domingo”, na edição de 24 e 25 de junho de 1973 (ANEXO B).

4.1. A crônica como gênero: opinião e memória

A crônica está localizada na fronteira entre jornalismo e literatura, podendo atuar entre esses dois campos, que dialogam entre si. Trata-se de um gênero híbrido: ora jornalismo, com seu caráter factual comentando o noticiário, ora literatura, com inspiração no cotidiano, em histórias contadas pelo cronista. (THOMÉ, 2015).

A crônica, do grego *khronos*, é um gênero vinculado ao tempo. Em seus primórdios pretendia-se o registro dos fatos em sua ordenação cronológica, através de relatos de viagens, narração de episódios históricos, assim por diante. Jorge de Sá (2005) defende que o surgimento da primeira crônica no Brasil foi através da carta de Pero Vaz de Caminha, que relatava o que estava encontrando pelo caminho, como exemplo os índios e os costumes singulares que eles apresentavam, além de registrar a notável diferença entre as culturas.

Essa concretude lhes assegura a permanência, impedindo que caiam no esquecimento, e lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos, ou como é recriada pela arte – é feita de pequenos lances. Estabelecendo essa estratégia, Caminha estabeleceu também o princípio básico da *crônica*: registrar o circunstancial. (SÁ, 2005, p.6).

Sem perder sua característica de registro, com o passar do tempo a crônica incorporou outros atributos, sendo reconhecida pelas possibilidades narrativas de explicitar a subjetividade do narrador. No decorrer de toda sua evolução histórica, a crônica resgata de sua origem etimológica a intensa relação com o tempo vivido. Segundo Sá (2005, p.9), “quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem.”

Esse gênero híbrido, ao registrar o cotidiano na visão do cronista, diante de um determinado acontecimento, permite o acréscimo de sua subjetividade, crítica, ironia, sensibilidade, proporcionando ao leitor uma visão mais abrangente, que vai além do fato. O

cronista pode nos apresentar um fato histórico de diferentes ângulos, que muitas vezes deixamos escapar da nossa observação.

Ao tratar da crônica como gênero literário, Antônio Candido (1992) defende o potencial da crônica de se aproximar do público e, por consequência, dar conta do que não cabe muitas vezes no noticiário. O autor, dessa forma, mostra a grandiosidade da crônica.

Parece mesmo que a crônica é um gênero menor. “Graças a Deus”, - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. (...) Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (CANDIDO, 1992, p.13).

A crônica é considerada como jornalismo opinativo, por Beltrão (1980); um gênero formador de opinião, podendo indicar o olhar do cronista, sem a exigência de simular uma objetividade, mas que, por sua vez, não pode violar a linha editorial dos veículos de comunicação e seus posicionamentos. O teórico acredita que a crônica “é a forma de expressão do jornalista/escritor para transmitir ao leitor seu juízo sobre fatos, ideias e estados psicológicos e coletivos.” (BELTRÃO, 1980, p.66). Ela se desvincula da pretensa objetividade que as notícias carregam, pois é um gênero que tem alto grau de subjetividade, além da alusão à liberdade de escrita dos cronistas.

Permite-se-lhe, nesta parte, muito mais liberdade criadora. Usa, por isso, de todos os meios de que é capaz para transmitir sua mensagem com força vital: a citação, a alusão histórica ou literária, a máxima, o provérbio, a metáfora, a alegoria, o paradoxo, o *humour*, o trocadilho. Matiza o texto (...) extraindo dados do cotidiano, do terra-a-terra, das ideias simples aceitas por todos; ou com revelações interiores dos próprios sentimentos, mostrando-se sincero, melancólico, cético, apaixonado, rebelde, indiferente, seguro, de acordo com a tônica reclamada pelo argumento. (BELTRÃO, 1980, p.70).

A crônica é, portanto, gênero jornalístico e também literário, capaz de formar e fortalecer correntes de opinião, podendo ou não estar vinculada ao noticiário do jornal. Nos termos de Luiz Gonzaga Motta (2013), é narrativa e, portanto, não pode ser analisada independente do contexto nem do modo de produção. Como narrativa jornalística, carrega o ponto de vista do autor, suas vivências e intenções.

As narrativas só existem em contexto e, para cumprir certas finalidades situacionais, sociais e culturais, não podem nunca ser analisadas isoladamente, sob pena de perderem o seu objetivo determinante. (...) É impossível desconsiderar as manobras

e artimanhas discursivas decorrentes das intenções do autor/narrador na análise, sejam elas conscientes ou inconscientes. Além do mais, as narrativas criam significações sociais, são produtos culturais inseridos em certos contextos históricos, cristalizam as crenças, os valores, as ideologias, a política, a cultura, a sociedade inteira. Como analisar narrativas sem considerar tudo isso? (MOTTA, 2013, p.120-121).

Percorrendo os termos de Motta, não existe narrativa isenta do repertório nem do autor nem do receptor. Quando se trata de crônica, além de sua notável subjetividade, carrega também uma memória do seu tempo, como podemos perceber nas crônicas de Cosette de Alencar, tanto nas que dialogam com o noticiário, da coluna “Canto de Página”, quanto nas que se aproximam da história contada, na coluna “Rodapé Dominical”.

A crônica vai cumprir importante papel de tradução do seu tempo e fixação na nossa memória coletiva para além dele. A escolha dos temas e da forma de narrá-los, o diálogo com as notícias e o uso de estratégias narrativas, que encontramos na coluna “Canto de Página”, fortalecem e legitimam este papel. Essas narrativas da memória, referente às publicações da coluna analisada nesta pesquisa, foram construídas com base na lembrança de um passado que foi vivenciado e perpetuado por Cosette de Alencar, através do compartilhamento de seu registro e vivência. Segundo Maurice Halbwachs, o único meio de salvar tais lembranças é consolidá-las por escrito em uma narrativa, “uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem”⁴⁵.

Para Halbwachs (1990), lembrar não é reviver, na maior parte das vezes, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A lembrança é uma imagem construída pelos elementos que estão, agora, à disposição. O resgate das crônicas escritas por Cosette caracteriza um exercício de releitura dessas narrativas que, cinquenta anos passados desde sua escrita, tanto se assemelha ao contexto político e de discussões em luta pela democracia e liberdade que estamos vivenciando atualmente.

É importante analisar a memória buscando entender atentamente como ela se compõe e em qual contexto estava inserida; ler, através dela, os significados atribuídos às experiências e aos sentimentos eternizados através de seus registros. É necessário que percebamos a memória como uma reconstrução do passado, carregada de emoções e vivências. Quando se trabalha com esse tipo de testemunho, a reflexão e a narrativa histórica norteiam-se pela memória de alguns sujeitos, dentre os muitos que construíram a história em

⁴⁵ HALBWACHS, 1990, p.80

um determinado lugar e espaço; no caso da presente pesquisa, resgatamos a memória exteriorizada por Cosette de Alencar em sua coluna “Canto de Página”.

Fazendo um direcionamento ao contexto estudado na presente pesquisa, quando não conhecemos o passado estamos fadados a distorcê-lo ao máximo, ao ponto de não apenas demonstrar desinteresse sobre o que aconteceu, mas, sobretudo, pensar esse tempo de outrora como inexistente.

Observamos na contemporaneidade a construção de camadas de esquecimento da população em relação ao período ditatorial instaurado no país e se faz necessário, sobretudo neste esquecimento, construir um dever de memória, fazendo com que a história deste momento seja contada de forma completa e complexa, para que essas camadas de esquecimento se tornem memórias duradouras. Reproduzindo os pensamentos de Todorov (1995), “quando os eventos vividos por um indivíduo ou por um grupo são de natureza excepcional ou trágica, este direito torna-se um dever: o de se lembrar e de testemunhar”⁴⁶.

4.2. A coluna Canto de Página

Produzida a partir de 1960, a coluna “Canto de Página” apresentou crônicas jornalísticas diárias que dialogavam com a conjuntura do período. Atuante como grande formadora de opinião dentro do jornal “Diário Mercantil”, as crônicas de Cosette de Alencar representam papel significativo principalmente no contexto histórico do golpe militar de 1964 e seus desdobramentos nos anos consecutivos.

A maior parte da coluna de Cosette levantava assuntos relevantes e referentes ao que estava acontecendo no momento sendo, portanto, uma cronista que buscava, nos fatos noticiados na imprensa, matéria prima para seus textos. Vale ressaltar que a cronista contribuía diariamente para o jornal, mas a frequência de seus textos variava, ou seja, algumas vezes a coluna não veiculava e, em substituição, apareciam publicações de diferentes naturezas, como por exemplo, matérias assinadas por outros jornalistas e até mesmo a presença da coluna “Livros e Letras”.

Em estudo anterior, associado à presente pesquisa, viu-se que a coluna de crônicas de Cosette de Alencar orientou-se com voz ativa contra o presidente deposto João Goulart durante o golpe civil-militar de 1964 e deixou de louvar a ditadura três anos mais tarde,

⁴⁶ TODOROV, 1995, p. 16.

quando em 1967 Assis Chateaubriand se posicionou desfavorável aos militares em função da posse de Costa e Silva (THOMÉ, REIS, VALLADARES, 2015, p.326).

Antes de partir para o capítulo de análise com os questionamentos do atual enfoque desta pesquisa, sobre a coluna de crônicas do então principal jornal de Juiz de Fora em 1968, sobretudo nas que focaram nas questões estudantis, faz-se importante resgatar o resultado das análises de 1964 e 1967, que detectaram diferentes fases da “general das letras”, como Cosette era conhecida.

Como dito anteriormente, Cosette de Alencar apresentou momentos distintos do seu cronismo na época da ditadura: a clara oposição ao governo democrático de João Goulart em 1964, que resultou na deposição do presidente com a ascensão dos militares, e três anos mais tarde, se opondo ao governo militar que anteriormente havia defendido.

Para detectar as fases de Cosette foi necessário observar como o cenário político que o Brasil estava vivenciando adentrou às suas crônicas. A análise da narrativa de Cosette nos exige considerar o contexto histórico daquele momento, um cenário político conturbado, retratado pela cronista em textos carregados de metáforas e referências que precisaram ser pesquisadas.

Resgatando a crônica “S. Exa., O Povo”, escrita na véspera do golpe e publicada no dia 1º de abril de 1964, data oficial da tomada de poder pelos militares e deposição do presidente João Goulart, Cosette rotula o governo Jango como “mediocre” apontando as reformas que haviam sido prometidas e não se efetivaram, dessa forma já podemos observar a clara oposição ao governo de Goulart, que contextualizou um período em que a crise econômica, a inflação e a instabilidade política se propagavam no país.

Virou e mexeu, prometeu muito, mas a verdade que não soube deter a inflação, único e verdadeiro flagelo nacional. Apregooou reformas mas não as realizou, afirmando que precisa, primeiro, alterar a Constituição. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 01/04/64).

Ainda nesta publicação, Cosette faz uso de metáfora ao comparar João Goulart a uma “louça fina que as donas de casa gostam de ter em seus armários, embora saibam que jamais terão oportunidade de usá-la”. Esta estratégia narrativa foi utilizada como uma crítica à ascensão de Jango na Presidência após renúncia súbita de Jânio Quadros. Segundo Cosette, para a presidência não havia sido escolhido João Goulart, sua atuação como vice deveria ser apenas um status, por isso fez alusão à louça fina das donas de casa: apesar de tê-la em seu armário, sabem que nunca terão oportunidade de usá-la, e assim, como defende a crônica, deveria ser com Jango, não chegar a ter oportunidade de governar em momento algum.

Em seguida, acrescenta que os eleitores não imaginavam que Jango assumiria de fato a presidência algum dia, não esperavam pela “loucura do homem da vassoura”. Nesta expressão Cosette relembra o episódio da renúncia abrupta de Jânio Quadros à presidência do Brasil, e a palavra “vassoura” retoma o símbolo de sua campanha. Jânio Quadros prometera ao povo varrer a corrupção que se expandia no país. A renúncia de Jânio Quadros foi citada também em outro momento nessa crônica, quando Cosette comenta que Goulart não foi escolhido para assumir a presidência, mas sim Jânio Quadros que “deu rasteira a seis milhões de ingênuos eleitores, que nele acreditavam de modo total”.

No dia 3 de abril de 1964, a publicação da cronista deu voz ao golpe militar, enaltecendo o Estado de Minas Gerais, que exerceu papel importante nesse período de detenção do poder pelos militares, ao mesmo tempo em que expõe a dúvida presente sobre os possíveis desdobramentos da atual conjuntura política no país: “Dê no que der tudo isso, é certo que a História irá registrar mais esta página gloriosa para nossa província, de onde, ainda uma vez sai o grito de alarme ante a liberdade ameaçada”⁴⁷.

Termos como “investida vermelha”, “perigo vermelho” e “comunismo” foram constantes nas publicações de 64. Além disso, o uso de metáforas também esteve muito presente na coluna ao retratar o governo de João Goulart. Na crônica “Malhar o ferro”, do dia 4 de abril, nota-se uma acidez da cronista ao publicar que “um vento cívico varreu certo lixo há muito amontoado pelos desvãos da nacionalidade (...). Havia um germe de desordem, anulou-se de seu foco”. Cosette adota os termos “certo lixo” e “germe de desordem” como metáforas sobre o governo de Jango, e “vento cívico” fazendo referência à investida dos militares que resultou no afastamento do então ex-presidente.

O golpe militar estava sendo visto como uma “vitória da democracia” e dessa forma foi retratado na crônica “Inteligência”, publicada na edição referente aos dias 5 e 6 de abril de 64⁴⁸. No contexto em que a crônica foi veiculada, a população brasileira apoiava a intervenção militar e marchava em vários cantos do país em nome da “família, com Deus e pela liberdade”.

Está ganha, agora, a batalha da democracia. Parece que ainda não foi ganha a guerra da democracia, e isto serão outros quinhentos mil réis (...). Os soldados cumpriram sua parte, e a cumpriram bem como todos vimos – e como verá o mundo inteiro. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 05e06/04/64).

⁴⁷ Trecho da crônica “Presença de Minas”, de Cosette de Alencar, no “Diário Mercantil” em 03 de abril de 1964.

⁴⁸ O Diário Mercantil não circulava às segundas-feiras, com isso, a suas edições eram publicadas junto com as de domingo.

Cosette ainda engrandece o governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto e o general Olympio Mourão Filho, comandante da 4ª Região Militar, pela participação ativa na deflagração do golpe. Segundo palavras da cronista em “Inteligência”, os dois “entraram para a História do Brasil de modo bastante honroso para ambos. E igualmente honroso para Minas Gerais, a que serviram nobre e corajosamente”⁴⁹.

Durante o mês de abril de 1964, predominou na coluna “Canto de Página” uma posição totalmente favorável ao regime militar, através do direcionamento dos leitores a uma oposição explícita a João Goulart na mesma medida em que santificou a ação dos militares, mantendo seu apoio mesmo quando ações mais rígidas foram tomadas, como podemos notar em exemplo detectado anteriormente: “A Revolução tinha que limpar o terreno: meteu a foice, cortou joio, mas cortou também trigo”⁵⁰. Em 1964 Cosette justificava as ações militares com metáforas, como neste trecho retirado da crônica “O Outro Lado”. A cronista mantinha o argumento de que independente da injustiça cometida em nome da revolução, era algo necessário em prol do que era considerado o bem maior.

Em pesquisa sobre o contexto dessa época, especificamente na semana em que Cosette publicou a crônica “O Outro Lado”, o jornal Folha de São Paulo exibiu a manchete: “Mais 72 não tem direitos políticos”⁵¹, no dia 15 de abril de 64. A matéria explica que o Comando Supremo da Revolução, valendo-se ainda de dispositivos do Ato Institucional Número Um, havia assinado no dia anterior a transferência para a reserva de mais sete oficiais do Exército e suspendeu os direitos políticos de mais 72 pessoas, entre as quais diversas estavam ligadas ao governo do ex-presidente João Goulart. A lista de cassação dos direitos políticos de cidadãos crescia, informação esta que poderia estar relacionada como uma das ações que Cosette considerava inevitável para a “limpeza do terreno”, ao mesmo tempo em que compreendia essas medidas extremas, onde fazemos a alusão a “cortar também o trigo”.

As metáforas “limpar o terreno”, presente na crônica “O Outro Lado”, e “reagentes violentos”, exibida na crônica “Futuro”, publicada em 15 de abril, são exemplos explícitos do apoio que a cronista deu aos militares, defendendo suas ações e justificando seus métodos. Para o segundo caso, Cosette atribuía ao governo Jango “comunista” como uma sujeira que deveria ser limpa a todo custo, sendo “razoável o uso de reagentes violentos”

⁴⁹ Trecho da crônica “Inteligência”, de Cosette de Alencar, no “Diário Mercantil” em 05e06 de abril de 1964.

⁵⁰ Trecho da crônica “O Outro Lado”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 17 de abril de 1964.

⁵¹ Disponível em: < <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1964/04/15/2//4424641>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

devido ao fato da “casa”, vulgo Brasil, ter andado muito “suja”, termo usado para remeter ao governo de Goulart.

Justificando novamente o local de fala da cronista favorável ao governo militar encontramos o trecho a seguir, retirado da crônica “Um Ingrato”, publicada na edição dos dias 19 e 20 (domingo e segunda):

Este não é o momento para ridicularizarmos nossos soldados, que tão bem se houveram na defesa do que nos é tão caro. Justamente, este é o momento para reconhecermos o bonito papel representado pelos militares do País, em quem pudemos confiar, plenamente, mais uma vez. (...) Se ainda somos livres, a quem o agradeceremos? Povos mais adiantados têm caído na escravidão e na ditadura. E foi para livrar-nos disso que nossos soldados se moveram. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 19 e 20/04/64).

Cosette atuou como porta-voz do regime militar durante todo o mês de abril de 64. A última publicação do referido mês, por exemplo, permaneceu em defesa do regime. Veiculada no dia 30 de abril, a crônica intitulada “Agora” faz alusão ao que a cronista chamou de revolução, que com quase um mês de idade, deveria dar por encerrada a “fase da limpeza” e iniciar as reformas. Segundo Cosette, “a Revolução não acabou com os direitos de ninguém e justamente para assegurá-los a todo mundo é que foi feita”⁵². Importante destacar que naquele momento ainda não se usava o termo “golpe”, mas sim “revolução”.

Perante essa postura constatada em análise, com a consolidação do golpe em 1964, não era de se esperar que três anos mais tarde esse cenário de apoio seria completamente inverso. Rotulada muitas vezes como conservadora, no ano de 1967 Cosette se mostra defensora das causas sociais durante o que foi denominada como sua segunda fase – de oposição ao regime militar.

Na quarta-feira, dia 5 de abril de 1967, Cosette afronta o governo dos generais fazendo, ao mesmo tempo, um certo apelo pela redemocratização do Brasil. A cronista que antes fora responsável por um apoio incondicional à tomada de poder dos militares, agora se posicionava totalmente contra o novo regime. Mudança esta que ficou evidente e nos fez refletir ter sido espelhada na publicação do artigo de Assis Chateaubriand, “Administrador de Cemitérios” (ANEXO A).

No mais, tem aquela afirmativa presidencial de que estamos em regime democrático e nele sempre estivemos, apesar de algumas suspeitas em contrário. Dir-se-ia que afirmativa transcende, mas eu não acho. Que significa isto? Que diferença faz o nome do regime sob o qual vivemos. O que não se pode negar é que o povo, seja democrático ou não o regime do país, está no último furo de sua resistência. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 05/04/67).

⁵² Trecho da crônica “Agora”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 30 de abril de 1964.

Ainda nesta crônica, ao citar a expressão “morrer de fome” Cosette não se refere apenas à carência de alimentos. Aqui, “a fome dos que não comem quando precisam comer” faz alusão à ausência das eleições democráticas de novos governantes para o país, escolhidas pelo voto popular, e não através da imposição dos militares.

Encontramos na coluna “Canto de Página” em 1967 uso frequente de sarcasmo e ironias, principalmente quando a cronista faz menção ao subdesenvolvimento do país. Na publicação de 8 de abril, por exemplo, ao iniciar a crônica afirmando que tudo referente ao Brasil se torna piada no estrangeiro, Cosette sugere a criação de um instituto qualquer para acabar com o subdesenvolvimento do país. Sarcasticamente, a cronista publica:

Como se sabe, criar um Instituto, para isto ou aquilo, tem sido, entre nós, o melhor meio de dar sumiço a isto ou aquilo. Haja visto o que sucedeu ao nosso café, ao livro nacional, e agora ao próprio açúcar: ganharam instituto, desapareceram da circulação. Existir, existem ainda, mas tornaram-se inacessíveis. Um Instituto do Subdesenvolvimento seria receita infalível para promover nosso desenvolvimento. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 08/04/67).

Dias depois, ao escrever sobre o imposto de renda, Cosette novamente utiliza o sarcasmo para evidenciar sua crítica: “Na extinta classe média, hoje miserável, mesmo em Minas, todo mundo paga suas taxas, e a tempo e a hora. (...) Pode não comer mas paga seus impostos”⁵³. Nota-se que ao mesmo tempo em que critica o governo pela pobreza e desatenção com o povo, a cronista ironiza usando as expressões “extinta classe média, hoje miserável” e “pode não comer mas paga seus impostos”. As estratégias narrativas utilizadas nesta crônica reforçaram a desaprovação de Cosette com os governantes, que estavam fracassando com a população.

Cosette não apenas se mostrou descontente com a administração nacional através de críticas mais veladas, como também denunciou a repressão do regime militar, que já havia se destacado naquele ano. A cronista escreve em sua coluna no dia 11 de abril: “sem falar no olho duro da linha vigilante que não tira um cochilo desde março de 64... A coisa, agora, é de lascar”⁵⁴.

Em alguns momentos, a cronista deixa os sarcasmos de lado e direciona mais intensamente sua crítica ao governo. A inflação era uma das maiores preocupações deste período, como notamos no exemplo a seguir:

⁵³ Trecho da crônica “Por amor ao Brasil”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 12 de abril de 1967.

⁵⁴ Trecho da crônica “Parêntesis”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 11 de abril de 1967.

O que se está vendo é que, o que veio atrás dele, até agora, não conseguiu fazer os preços caírem. Continuam subindo tranquilamente, e todos os dias. Como é este o ponto nevrálgico da crise nacional e o que mais de perto interessa ao povo, não vai demorar a aparecerem queixas e reclamações ácidas. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 13/04/67).

Em meio ao período conturbado e de constantes mudanças na administração do governo, que pouco ou nada faziam para o crescimento do país, Cosette passou a assumir uma postura mais cética. Este exemplo pode ser encontrado na crônica do dia 22, intitulada “21 de abril”, em que a cronista inicia seu texto falando que o espírito de Tiradentes ausentou-se da Nação.

Líder da inconfidência mineira e considerado herói nacional, Tiradentes lutou pela independência do Brasil num período em que nosso país sofria o domínio e a exploração de Portugal. O Brasil não possuía uma constituição e o povo sofria com os altos impostos cobrados pela metrópole. Ao relacionar este momento histórico com o que estava sendo vivenciado em abril de 1967, encontramos um país que sofria o domínio dos militares e um povo que sofria com a crescente inflação. Ao falar de Tiradentes nesta época, desesperançosa, Cosette escreve que não entende o motivo para a comemoração da data 21 de abril, lembrando a morte de Tiradentes, já que “igualmente mortas estão suas idéias, pior que mortas: ridicularizadas”⁵⁵.

O governo atual não mais demonstrava segurança, pelo contrário, com o passar dos dias e meses a ditadura se endurecia cada vez mais e ações mais rígidas iam surgindo no decorrer deste período. Ainda na crônica “21 de abril” vale destacar o seguinte trecho:

É ver os nomes que estão em pauta e convencermo-nos de que a palavra renovação não tem sentido na vida política do País. Estes nomes são os mesmos que, há trinta anos, e até mais, povoam, e assombram, não apenas as colunas políticas mas a alta administração nacional. (...) Vejo que morro antes de ver saneada a área da alta administração e, no fundo, isto já quase não me importa. O País que se arranje, não é isto mesmo que seus donos desejam? (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 22/04/67).

“Nossa Capital”, divulgada na edição referente aos dias 23 e 24 de abril de 1967, reforça a objeção com o regime militar no cronismo de Cosette. Nesta publicação, a cronista critica que, mesmo com a mudança de cargos dos ministros e a troca do “time” de Castelo Branco para o de Costa e Silva, o país continuava deplorável sob a liderança militar.

⁵⁵ Trecho da crônica “21 de abril”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 22 de abril de 1967.

No mais, se tudo não está igual, está bastante parecido. Ainda não houve tempo para substancial modificação? Pode ser. Mas um governo como este, dono e senhor de seu nariz tanto quanto dos narizes de oitenta milhões de concidadãos, se quiser mesmo, muda o disco em vinte e quatro horas. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 23e24/04/67).

A análise geral de abril de 1967 marcou a ausência de amparo aos militares e intensificou o descontentamento com o governo na coluna “Canto de Página”. O tom nas crônicas publicadas por Cosette passou a ser mais exasperado e impaciente, em relação aos acontecimentos que retratava em seus textos. A apatia começou a se manifestar neste momento, marcando o surgimento de uma desilusão em relação ao governo que, a partir daí, se intensificaria progressivamente.

No ano seguinte, com o recrudescimento cada vez mais intenso da ditadura militar, Cosette também reforça sua escrita mais velada, a fim de driblar os censores no emblemático ano de 1968, a ser analisado no capítulo a seguir. Antes de dar prosseguimento ao capítulo de análise, é relevante mostrar a crônica “Em Pane”, publicada no dia 16 de fevereiro de 1968:

Já devem ter observado os leitores desta coluna, se existem mesmo, que a cronista conta com não pequeno adjutório da revisão. Ultimamente, anda ela desconfiada de que também a impressão resolveu colaborar com o "canto de página". O resultado desta boa vontade é que, em certos dias, até mesmo a autora desta conversa fiada fica perplexa com o que aqui aparece. Muito cética quanto à existência de leitores, inteiramente descrente quanto à importância destes registros casuais e simplórios, ela não dá muita bola ao ar do charada com que, frequentemente, a crônica sai revestida. Este ar de charada caracteriza, como se sabe, as composições em letra de forma atuais. Não falto à justiça quando dou a César o que é de César: devo a colaboração acima citada estar bem na crista da onda. Deixo, a quem interessar possa, esta palavra explicativa. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 16/02/68).

Nota-se que a cronista já entra no ano de 1968 atenta e cautelosa ao transmitir suas mensagens aos leitores. No trecho “a cronista conta com não pequeno adjutório da revisão. Ultimamente, anda ela desconfiada de que também a impressão resolveu colaborar com o canto de página”, ao referir-se em terceira pessoa, estaria Cosette elucidando essa colaboração de revisores na impressão de sua coluna, como uma denúncia discreta aos censores atuantes na redação do jornal? A “Canto de Página” teria sofrido algum corte ou alteração? Ao declarar que “até mesmo a autora desta conversa fiada fica perplexa com o que aqui aparece” nos faz pensar que sim.

Cosette também reconhece o uso de charadas em suas crônicas para, de certa forma, alertar seus leitores quanto à realização de uma interpretação mais profunda de seus

textos, no ato da leitura da coluna. Dando prosseguimento à presente pesquisa, iniciaremos o capítulo de análise das crônicas de 1968, objeto de estudo proposto neste trabalho.

5. REFLEXOS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO CANTO DE PÁGINA

Como dito anteriormente, o ano de 1968 deve ser visto como uma concretização de uma série de movimentos que, apesar de suas particularidades, inauguraram e representaram uma mudança importante de paradigma da lógica no mundo. Esse ano emblemático recorre a uma série de eventos e movimentos que eclodiram ao redor do mundo e ganharam contornos no decorrer dos anos 60.

Apesar de haver pontos em comum entre os diversos eventos relacionados a esse ano, os movimentos que eclodiram nesse período são marcados pela pluralidade, tanto em relação às pautas reivindicadas, quanto no que diz respeito aos atores sociais que impulsionaram aquelas lutas e as formas de organização por eles empregadas, ou seja, há em 1968 uma variabilidade de temáticas, de formas de luta diversas, nos diferentes movimentos que emergiram naquela conjuntura.

A conjuntura nacional e internacional deste período agendou a coluna “Canto de Página” em Juiz de Fora em diversos momentos. Durante o período de janeiro a dezembro de 1968 foram publicadas 233 crônicas, deste quantitativo total, 58 abordaram a temática da educação. Os grandes acontecimentos deste contexto nacional e internacional não passaram despercebidos pela cronista, que utilizava suas estratégias narrativas para usufruir da “liberdade do cronismo opinativo”⁵⁶ ao mesmo tempo em que driblava os olhos dos censores durante esse período ditatorial.

Na manhã do primeiro sábado do ano, em 06 de janeiro de 1968, Cosette de Alencar publicou no “Canto de Página” uma crônica direcionada à questão educacional no país, assunto na agenda nacional desde 1965, quando o professor estadunidense Rudolph Atcon foi “convidado” pelo governo ditatorial a “fazer” um estudo sobre a reformulação estrutural da universidade no país⁵⁷ (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.95). A cronista já inicia o ano declarando em sua coluna o seu posicionamento em defesa do direito à educação dos jovens:

Em todo caso, ficou a lição: para fortificar um organismo inflacionado, não basta cortar zeros às cifras. Nem cortar verbas à educação. Ah, quando, mas quando, chegará o governo deste país à conclusão de que não há erro mais crasso do que economizar com o preparo físico e espiritual da juventude? Se há investimento

⁵⁶ REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.93.

⁵⁷ Conhecido posteriormente como Plano Atcon, o estudo que propunha, entre outros pontos, o fim do ensino universitário gratuito, era a aplicação ao Brasil de um trabalho mimeografado do mesmo professor, publicado em 1958, com o título "Esboço de uma proposta para a concentração de políticas dos EUA na América Latina sobre reorganização universitária e integração econômica". (FÁVERO, 1991, p. 20-21)

válido, que diabo! é este... Enquanto disso não estiver capacitado este país, tudo aqui dará em água de barreira. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 6/01/68)

Será citado um exemplo do recurso utilizado por Cosette, para que pudesse retratar o polêmico Festival Internacional da Canção de 1968⁵⁸ em sua coluna. Apesar do conservadorismo e da opressão que marcaram o regime ditatorial, a produção artística brasileira foi grandiosa e notável, principalmente pelo engajamento e pelo embate direto com o governo. Contra a censura, dezenas de artistas utilizaram suas canções para protestar o totalitarismo e a repressão.

A edição de 1968 do Festival Internacional da Canção entrou para a história e foi palco para o protesto ao regime ditatorial, tanto por parte dos artistas e suas canções, como na reação da plateia presente. A música vencedora, “Sabiá”, de Tom Jobim e Chico Buarque de Hollanda, teve sua apresentação final vaiada pelo público, que preferia a canção “Para Não Dizer que Não Falei de Flores”, de Geraldo Vandré, reconhecida como hino contra a repressão política e a prisão de estudantes que se manifestavam desde a morte de Edson Luís (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.107). Cosette de Alencar repercute em sua coluna local este polêmico episódio, além de escrever sobre a vitória de “Sabiá”, a cronista ironiza as prisões arbitrárias provenientes da repressão policial naquele período:

Pelo que vi, o compositor Tom Jobim, noviço sócio de Chico na composição e no prêmio na área festiva de nossa canção em concurso, assustou-se um bocado com as ocorrências que se seguiram ao veredito do júri; ou não esperava o primeiro lugar ou não esperava as vaias. Fato é que arregalou os olhos e sorveteu [sumiu]. No mais, terminada a festa, todos saíram satisfeitos, inclusive os sabiás, devolvidos à liberdade, prêmio maior de qualquer um, mesmo desses pobres bichinhos. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 02/10/68)

Uma semana depois, a repercussão do Festival Internacional da Canção reaparece na coluna “Canto de Página”. Dessa vez, Cosette demonstra estar do lado do público, ao mencionar que em seu próprio julgamento vaias íntimas escapavam:

(...) felizmente para mim, meu julgamento ficou na área restrita do âmbito particular. É nesta área que julgo sempre, sem escapar muita vez daquela vaia íntima que, não raro, acompanha nossas decisões. Uma vaia íntima, sem doer menos que a assoada pública, é bastante menos barulhenta. Pode não doer menos à sensibilidade mas não importuna tanto os ouvidos. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 09/10/68)

⁵⁸ Cf em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/musicais-e-shows/festival-internacional-da-cancao/1968.htm>, acesso em 25/11/2018.

O olhar crítico de Cosette também se projetou diante de acontecimentos em nível internacional. Na crônica intitulada “Não vale a pena” a cronista se dirige aos protestos contra o racismo nos EUA, comentando sobre a marcha dos negros e pobres em Washington, e também faz alusão em seu texto à pílula anticoncepcional, que na década de 60 foi considerada um método revolucionário de controle da natalidade diante da explosão demográfica mundial.

E quem foi que disse não haver pobres nos States? Tanto há que até eles marcharam sobre Washington, parece que levados pelo desejo de se fazerem vistos do governo, mas governo, no mundo inteiro, só vê o que não está diante de seu nariz. (...) Se até lá o negócio vai mal, que se dirá do Vietnam, da Índia, da China, mas na China, e o digo fiada no que estampam as folhas, não sei se será verdade, na China a coisa vai se resolvendo, a pílula anda a ajudar Mao, nasce agora por lá mais arroz do que chinezinhos, está batuta. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 05/05/68)

A aparente liberdade editorial que Cosette detinha em sua coluna a permitia relacionar assuntos de nível mundial com críticas ao governo nacional. Na crônica publicada no dia 15 de outubro, Cosette aborda inicialmente os avanços da corrida espacial, disputada no contexto da Guerra Fria pelos Estados Unidos e União Soviética. Nesta crônica intitulada “A Lua também é nossa”, a cronista expõe o avanço dos EUA ao enviar a nave tripulada Apollo 7⁵⁹ ao espaço, que descreveu órbitas em torno da Terra durante onze dias. Ao mesmo tempo, a cronista aproveitou o espaço para reprovar ironicamente o endurecimento do regime ditatorial no país, como podemos conferir no trecho a seguir:

Não vejo notícia mais importante, confesso. (...) Nem o endurecimento da direita, à sombra da autoridade. Nem a radicalização, cada vez mais assanhada, das mais diversas correntes em atuação nas incompreensíveis ramificações do poder que governa o País. Tudo pequenininho. E rasteiro. Notícia, hoje, é a Lua. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 15/10/68)

O simbólico 1968 também ficou marcado ao redor do mundo como o ano da revolução sexual. Na França, Estados Unidos, Brasil, entre outros países, movimentos de contracultura vieram à tona para contestar a política vigente, os valores, a liberdade, uso de drogas, o lugar da mulher, do homem e do sexo. O enfrentamento aos padrões impostos pela sociedade e pelos governantes ganhava força em diversas esferas. Questões como nudez, pílula anticoncepcional, homossexualidade, poligamia e legalização do aborto foram sendo pautados e se expandindo nas relações da sociedade.

⁵⁹ Cf em https://www.nasa.gov/mission_pages/apollo/missions/apollo7.html.

Na crônica publicada no dia 01 de agosto, Cosette recorre ao uso da metáfora para, ao citar a pílula anticoncepcional, fazer uma analogia entre “algumas outras pílulas” que a Igreja precisava engolir com toda essa revolução de ideais, paradigmas e comportamento protagonizada pelos jovens de 68. A linguagem figurada foi utilizada pela cronista para realizar essa comparação implícita ao mesmo tempo em que deu uma maior expressividade a esse discurso.

Penso que, antes de autorizar a pílula, a Igreja terá de algumas outras pílulas engolir e aí é que está o busilis [obstáculo] Prudência. (...) Ora, quem não sabe que os moços, de todos os tempos, são exatamente a mesma coisa? Não podem os moços diferir já que a mocidade é imutável: maneira de se exprimir, isto sim, isto muda um pouco, variando de acordo com as épocas. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 01/08/68)

A partir do momento em que o leitor está distante do tempo cronológico de determinada obra a ser lida, passa a ser imprescindível a familiarização com o contexto da época, como pudemos notar nos exemplos citados acima.

A reforma do ensino superior proposta por uma comissão especial, presidida pelo General Meira Mattos, também pautou a coluna “Canto de Página”. O Decreto nº 62.024⁶⁰ possuía como finalidades a emissão de pareceres sobre reivindicações e sugestões para as atividades estudantis; planejamento e ideias que possibilitassem aperfeiçoamento das diretrizes governamentais no setor estudantil, além da supervisão para execução das mesmas, mediante delegação do Ministro de Estado. Na crônica intitulada “Um relatório e alguns comentários”, publicada em 24 de agosto, Cosette questiona:

Sim, agora é que a gente vai ver duas coisas importantes: primeiro, se os estudantes paradistas e passeadores estão mesmo interessados é no que mais de perto lhes diz respeito, isto é, na melhoria do nível educacional do País, o mais baixo do mundo, ou dos mais baixos do mundo; segundo, se o Governo, tão afoito na hora de prometer e tão omisso na hora de cumprir, pretende, de fato, reformular todo o mistifório medieval e carunchado que, no País, tem o nome de “lei orgânica do ensino nos seus três graus. (...) Estudantes querem mesmo estudar? Governo pretende mesmo dar-lhes ensino? (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 24/08/68)

O fortalecimento do princípio de autoridade dentro das instituições de ensino através da intimidação e repressão foi objetivo do General Meira Mattos e sua comissão especial. A “reforma do ensino nos seus três graus” foi uma solução que se revelaria severa e,

⁶⁰ FÁVERO, 2006, p.31.

posteriormente, seria conceituada como um golpe na educação (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.97).

A partir de então, o regime ditatorial se mostrou cada vez mais severo e centralizador. Na coluna de Cosette de Alencar, a última crônica publicada no mês de outubro de 1968 foi também a última em que a cronista abordou a temática da educação. Destemida e rigorosa, Cosette critica de forma direta e áspera o silêncio dos professores brasileiros perante as manifestações estudantis e o cenário educacional do país.

Mas descambando para fora dos limites vai caminhando, todos os dias, a chamada questão dos estudantes brasileiros. E só agora, tão tarde, é que a imprensa do país vai acordando para um fenômeno que, a mim, não é de hoje que espanta: como se explicar, no panorama da guerra de extermínio travada entre polícia e estudantes brasileiros, o silêncio dos mestres? Tamanha boca de sirí em hora de tal gravidade é para medusar qualquer um. (...) os professores, entre uma e outra sangrenta refrega de rua, com mortos de saldo, limitem-se a ir encadeando tranquilamente o mofado currículo de suas estafadas disciplinas. (...) Pergunta-se em bom português: por que os professores do Brasil assistem em silêncio ao que aqui está acontecendo na faixa universitária? Por quê? Por quê? (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 31/10/68)

Sem resposta à pergunta que marcou o desfecho da crônica “Por quê?”, Cosette, a partir daí, emudece também a sua coluna. O olhar da cronista para os estudantes e sua voz ativa em prol das questões da reforma no ensino desaparecem das páginas do “Diário Mercantil”, de Juiz de Fora, em novembro e dezembro de 1968. Vítima da censura? Possivelmente. (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.120).

Se por um lado a coluna “Canto de Página” atuou como relevante porta-voz dos movimentos de 1968, em nível nacional e também internacional, a repercussão local não correspondeu às expectativas da presente pesquisa. Durante todo o ano de 1968 a pauta local envolvendo a atuação dos estudantes juiz-foranos, nesse contexto ao qual também estavam inseridos, não foi relatada na coluna diária de Cosette. Ainda com razão desconhecida, essa quietude perante a relevância da representação dos jovens de Juiz de Fora configura um silenciamento de uma história local que deveria ter sido contada.

A “Capital Revolucionária”⁶¹, além de inaugurar uma universidade federal na década de 60, foi o lar de muitos estudantes ativos no movimento estudantil, com suas narrativas não exploradas pela coluna de crônicas da cidade.

⁶¹ Juiz de Fora ficou conhecida como a “Capital Revolucionária”, termo que se deu devido à participação direta da cidade de Juiz de Fora na deflagração do movimento da ditadura em 1964, tendo em vista que da cidade saíram tropas militares rumo ao Rio de Janeiro.

Acompanhando a movimentação nacional, o Movimento Estudantil em Juiz de Fora também retomou algumas atividades posicionando-se abertamente contra a política repressiva do governo ditatorial. Dentre as atividades realizadas em nossa cidade, podemos destacar uma passeata onde os alunos da Universidade Federal de Juiz de Fora carregaram somente cartazes em branco; e a greve geral de 48 horas em apoio ao “Dia Nacional de Luta” contra a ditadura. (PAULA, DURIGUETTO, 2007, p.180)

A cidade de Juiz de Fora também sofreu com o uso de instrumentos repressivos, especialmente os Inquéritos Policiais-Militares (IPMs). “Em fevereiro de 1968, 26 pessoas foram indiciadas no IPM, que foi presidido pelo então coronel Everaldo José da Silva, em que figuraram tanto estudantes como professores da UFJF” (PAULA, 2015, p.4).

Como se sabe, o ano de 1968 representou um endurecimento ainda maior do governo ditatorial frente a qualquer movimento social. Passeatas, greves e manifestações foram proibidas em todo território nacional. O 30º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), marcado clandestinamente para o dia 12 de outubro de 1968, em Ibiúna/SP, não chegou a acontecer e suas lideranças foram presas. Em depoimento para a Comissão Municipal da Verdade de Juiz de Fora, Ricardo Fontes Cintra, professor aposentado, conta que representou os universitários da UFJF na tentativa de realização do Congresso, quando foi preso pela primeira vez:

Então, eu fui de sala em sala, defendendo algumas posições que eu defenderia no congresso da UNE, a gente não sabia que seria em Ibiúna. Naquela época a gente tinha que sair escondido, e eu fui pra Belo Horizonte, de Belo Horizonte é que eu fui pra São Paulo. Eu acho que o congresso foi feito de uma forma tão absurda que era pra cair mesmo, tanto que encontrei com um grupo de Juiz de Fora que tinha marcado ponto na Fernão Dias, nunca vi marcar ponto em estrada. (...) Foi muito difícil chegar ao congresso de Ibiúna, porque os pontos eram furados, nós acabamos indo parar em Campinas, quando chegamos, nosso ponto de Campinas falou assim “Pelo amor de Deus, some daqui porque eles estão pegando todo mundo”. (Depoimento de Ricardo Fontes Cintra à CMV-JF em 29/07/14)⁶²

Residentes atualmente em Juiz de Fora, o casal José Luiz Moreira Guedes e Nair Barbosa Guedes também participou ativamente das manifestações estudantis em 1968, comparecendo também na tentativa de realização clandestina do 30º Congresso da UNE, em Ibiúna/SP. No ano de 1966, José Luiz foi presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE) e, mais tarde, da União Nacional dos Estudantes (UNE). Um dos maiores desafios do enfrentamento com o regime ditatorial em sua gestão na UNE foi a batalha contra a Lei Suplicy de Lacerda:

⁶² Cf em: <http://www.ufjf.br/comissaodaverdade/depoimentos/>

A Lei Suplicy de Lacerda teve que ser vencida em cada entidade. Eles acabaram com os Centros Acadêmicos, que eram os CAs, com a UNE, com a UEE, e criaram o Diretório Nacional dos Estudantes (DNE), o Diretório Estadual dos Estudantes (DEE), que era manipulado pelo Ministério da Educação, vinha de cima para baixo. E é claro que o Ministério da Educação era uma expressão do poder ditatorial. Então, nós tivemos que derrotar o DNE, o DEE e os Diretórios Acadêmicos. (...) Tinha um significado para nós, significava um conteúdo, significava a independência do poder. (Depoimento de José Luiz Moreira Guedes para estudantes do sétimo período de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFJF, divulgado em 06/11/18, no site Documento 68)⁶³

A consciência política do casal Guedes e sua militância em prol da democracia foram determinantes para que José Luiz e Nair, mesmo grávida da primeira filha, se mantivessem engajados dentro do movimento estudantil. “Nós optamos por lutar. Você podia se submeter ao regime ditatorial, mas nós decidimos ir à luta”⁶⁴. Assim, convocados pela União Nacional dos Estudantes, eles participaram da passeata pelo Direito Nacional de Luta⁶⁵, episódio este que ficou conhecido como “O Massacre da Praia Vermelha”⁶⁶.

Neste dia, os estudantes foram violentamente reprimidos após invasão da polícia no prédio da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, local onde ocorria a manifestação. Em depoimento ao site Documento 68⁶⁷, José Luiz Guedes fala do “corredor polonês”, formado para que os jovens fossem arremessados e maltratados: “Nós quase fomos mortos nesse corredor. Fomos asfixiados e eles literalmente pisavam na gente”⁶⁸.

José Luiz e Nair foram defensores do direito dos jovens, e a participação efetiva nessas manifestações foi essencial para a formação da memória e história do casal, baseadas no ativismo, luta a favor da democracia, repressões sofridas, prisões, fugas e exílio na França.

Eu me espelhei no exemplo desses companheiros que eu pude ajudar a tirar de Juiz de Fora, a evitar que fossem presos, que fossem torturados, eu me espelhei neles. E quero... digo isso com muita clareza, que toda a juventude, que todas as pessoas me vejam como um exemplo. Exemplo de luta, não exemplo de sofrimento. (Depoimento de José Luiz Moreira Guedes à CMV-JF em 27/03/16)⁶⁹

⁶³ Cf em: <https://estudiofacom.wixsite.com/documento68>, acesso em 06 de dezembro de 2018.

⁶⁴ Depoimento de José Luiz Moreira Guedes para estudantes do sétimo período de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFJF. Disponível em <https://estudiofacom.wixsite.com/documento68>, acesso em 06 de dezembro de 2018.

⁶⁵ Cf em: <https://estudiofacom.wixsite.com/documento68>, acesso em 06 de dezembro de 2018.

⁶⁶ “Nós estávamos ocupando a faculdade de Medicina e enfrentando várias dificuldades. A repressão foi grande. Foi um dia marcante nas nossas vidas”. (Depoimento de José Luiz Moreira Guedes). Disponível em <https://estudiofacom.wixsite.com/documento68>, acesso em 06 de dezembro de 2018.

⁶⁷ Site feito por estudantes do sétimo período de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFJF, no segundo semestre de 2018, sob orientação das professoras Cláudia Thomé e Janaína de Oliveira Nunes, em trabalho conjunto das disciplinas Laboratório de Telejornalismo e Laboratório de Jornalismo Digital da Facom/UFJF - <https://estudiofacom.wixsite.com/documento68>.

⁶⁸ Cf em: <https://estudiofacom.wixsite.com/documento68>, acesso em 06 de dezembro de 2018.

⁶⁹ Cf em: <http://www.ufjf.br/comissaodaverdade/depoimentos>, acesso em 06 de dezembro de 2018.

A presente pesquisa considerou relevante e necessário apontar alguns acontecimentos e personagens relacionados à história local, neste contexto dos movimentos estudantis que revolucionaram o Brasil e o mundo. Personagens estes com história para contar e narrativas que permaneceram por tanto tempo silenciadas.

5.1. Análise de conteúdo: crônicas de 1968

Fundamentada na metodologia de análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011), a presente pesquisa buscou detectar como a cronista Cosette de Alencar abordou a temática da crise da educação no emblemático ano de 1968, evidenciando também, as estratégias narrativas utilizadas naquele momento histórico, e observando como os movimentos estudantis daquele ano agendaram a coluna, em um jornal que apoiou o golpe militar em 1964.

A análise de conteúdo formulada por Bardin consiste em um método empírico, dependente do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Dessa forma, a análise permite a identificação das temáticas que formam o objeto da presente proposta de leitura da obra de Cosette de Alencar, de uma forma qualitativa. Com este amparo metodológico (olhar acadêmico sobre as características do texto, inferência ou dedução da maneira lógica e interpretação ou significação relacionada a estas características), buscou-se elementos da linguagem (termos peculiares presentes nas crônicas, por exemplo), seu uso nas crônicas e os sentidos dados para estes termos nos textos estudados, de modo a identificar o comportamento e postura da cronista durante três meses importantes de 1968: abril, maio e junho.

A metodologia de Bardin compreende que “a maioria dos procedimentos de análise organiza-se em redor de um processo de categorização” (BARDIN, 2011, p. 147). Os princípios dessa categorização estabelecem a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. “O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles” (BARDIN, 2011, p. 148). Levando em conta essas considerações, a presente pesquisa optou pela criação de categorias temáticas para as análises das crônicas da coluna “Canto de Página”.

Faz-se necessário compreender o método de Laurence Bardin, que exige uma organização da análise em torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A primeira fase, de pré-análise, corresponde à organização propriamente dita. Ela incorpora algumas funções iniciais que devem ser feitas para estabelecer o corpus, as hipóteses e a preparação de materiais para que possam ser submetidos à análise final posteriormente. A pré-análise conta com a leitura “flutuante”, a escolha dos documentos, a formulação das hipóteses e dos objetivos, a referenciação dos índices e elaboração de indicadores e, por fim, a preparação do material.

A primeira atividade consiste na leitura “flutuante”, responsável por estabelecer o primeiro contato com os documentos, neste caso, com as crônicas do “Canto de Página” publicadas em 1968, a fim de “conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 2011, p. 126).

Nesta pesquisa foi necessário ir mais além, não apenas fazendo a leitura flutuante, como também contextualizando cada período que a crônica aludia. Foi preciso resgatar as referências do cenário que estava sendo vivenciado na época em que as crônicas foram publicadas, para assim entender cada crítica e uso de ironias e metáforas que Cosette empregava nesses momentos específicos.

Levando em conta o período histórico o qual as crônicas analisadas se enquadram, é preciso fazer um exercício de releitura dessas narrativas, buscando entender ora esse contexto social e político, ora os termos usados e as referências utilizadas pela cronista. Por exemplo, na crônica do dia 01 de julho de 1968, intitulada “Uma piada”, Cosette critica e compara ironicamente a ocorrência de excedentes universitários⁷⁰ em 1968 com o excesso da produção de café decorrente da Grande Depressão dos anos 1930 (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.105):

(...) a receita usada quando se constatou aqui excesso de produção de café: o excesso foi lançado ao mar... Pois acho que se fez a mesma coisa com os excedentes universitários: eles também vão sendo atirados por cima das bordas. E não se iludam, agora, os que pensam haver possibilidade de modificação no panorama educacional, visto o sucesso da passeata dos moços. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 01/07/1968)

A contextualização de termos e informações da época, que Cosette incorporava em suas crônicas, é importante para a ampliação do entendimento geral na análise. Ainda nesta crônica, podemos referenciar o trecho “sucesso da passeata dos moços” com a “Passeata dos Cem Mil”, manifestação popular de protesto contra a Ditadura Militar no Brasil, organizada pelo movimento estudantil e que contou com a participação de intelectuais, artistas

⁷⁰ Jovens que ficavam fora das universidades em função das poucas vagas oferecidas e iam para as ruas protestar contra essa situação. Eram classificados, mas não matriculados pela escassez de vagas.

e demais setores da sociedade brasileira, nas ruas do centro do Rio de Janeiro, no dia 26 de junho de 1978.

Ainda na leitura flutuante das crônicas de Cosette de Alencar é possível observar o uso de metáforas, ironias, críticas veladas que a cronista utiliza em sua coluna, estratégias estas que, levando em conta o ano em que foram veiculadas, tinham ainda o desafio de sua crítica passar pela censura do período.

No dia 07 de agosto podemos notar um duplo sentido transmitido na passagem publicada na crônica “Até quando”. Ao criticar a crise econômica do país, Cosette desaprova os recursos que eram “continuamente desviados para manutenção de um sistema de segurança capaz de conter manifestações à margem da lei”⁷¹. Nota-se que “à margem da lei” faz alusão tanto às manifestações dos estudantes que contrariavam a “ordem” do governo ditatorial, quanto às ações repressivas dos militares justificadas e protegidas pela ditadura, mas que não deveriam ser legitimadas dessa forma.

Outro exemplo de análise da conjuntura se revela na crônica intitulada “Renovação”, publicada no dia 03 de setembro de 1968.

Balbino, o jornal está de roupa nova, a natureza também, setembro chegou temos primavera no ar, temos no ar outras coisas, a pugna estudante versus polícia recomeça a levantar poeira, suspeito que o caldo, desta forma, acabará mesmo por entornar (...). (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 03/09/1968)

Nota-se que no trecho “o jornal está de roupa nova”, logo no primeiro parágrafo da crônica, Cosette já aborda a migração⁷² que sua coluna sofreu da página 2, caráter exclusivo de política, para a página 5, suplemento de cultura. Pela primeira, em oito anos de coluna, a Canto de Página sofreu essa alteração, meses antes do AI-5. Dando continuidade ao parágrafo, o trecho “temos primavera no ar, temos no ar outras coisas” dialoga com a Primavera de Praga⁷³ encarando o radar dos censores da época. “O alter ego Balbino, no ‘diálogo’ com a cronista, fica sabendo com os leitores que novos ares estariam mesmo por vir,

⁷¹ Trecho da crônica “Até quando”, de Cosette de Alencar, no “Diário Mercantil” em 07 de agosto de 1968.

⁷² O 13 de dezembro de 1968 apenas legitima algo que já vinha sendo colocado em prática. Com isso, podemos presumir que a realocação da coluna de Cosette no “Diário Mercantil” já fazia parte de uma das ações do AI-5 que estava por vir, ações que foram se intensificando cada vez mais.

⁷³ Em meio à Guerra Fria e sob domínio absoluto da União Soviética (URSS), a Tchecoslováquia pretendia reduzir a influência de Moscou e implantar um “socialismo de face humana”. O movimento, conhecido como Primavera de Praga, foi esmagado pelos tanques e pelos milhares de soldados dos países-membros do Pacto de Varsóvia, que invadiram a capital tcheca em 20 de agosto de 1968. A Primavera de Praga mostrou que a população tcheca queria um sistema político mais aberto e democrático, e um sistema econômico mais flexível e sensível às necessidades da sociedade. Fonte: Correio Braziliense.

ares que encerrariam 1968 sufocados pelo truculento A1-5” (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.106).

No mês seguinte, com o regime ditatorial ainda mais rígido, Cosette aproveita o espaço de sua coluna para ironizar a ineficiência do governo diante às insatisfações dos jovens e suas reivindicações, para amenizar sua crítica e possivelmente driblar a censura crescente do período a cronista generaliza sua crítica, estendendo sua fala a todos os movimentos de protesto ao redor do mundo:

Qual, o que tem aumentado no mundo inteiro, é a sujeira dos muros, a necessidade de substituir vidros quebrados, a porcentagem das salas de aulas vazias e a inquietação geral. No mais tudo permanece na mesma. Ou quase. Mundo atribulado. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 23/10/68)

Dando prosseguimento à metodologia de Bardin, ainda na fase de pré-análise, a próxima etapa consiste na escolha dos documentos. Como o próprio nome diz, esse momento consiste em escolher o conjunto dos documentos que serão submetidos aos procedimentos analíticos. Essa escolha pode ser feita a priori ou diante de um objetivo específico levantado.

Na presente pesquisa, o universo de documentos de análise demarcado ficou decidido em função do período histórico envolvendo os movimentos estudantis de 1968. Para abranger três acontecimentos simbólicos específicos para o período, que se sucederam, foi necessário analisar três meses separadamente.

A definição do corpus se deu, inicialmente, com os meses março, maio e junho de 1968. A escolha por março de 1968 estava relacionada ao fato deste ter sido o mês do assassinato do estudante secundarista Edson Luis de Lima Souto, no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro.

O expressivo e revolucionário maio de 1968 na França também não poderia passar despercebido nesta análise, visto que o mesmo pautou diversas crônicas na coluna de Cosette de Alencar.

Por fim, junho de 1968 foi selecionado tendo em vista o acontecimento da emblemática “Passeata dos Cem Mil” que, conforme citada anteriormente neste trabalho, foi organizada pelo movimento estudantil e contou com a participação de intelectuais, artistas e demais setores da sociedade brasileira, nas ruas do centro do Rio de Janeiro.

No entanto, no quarto item da pré-análise, referência dos índices e elaboração de indicadores, foi necessário fazer uma alteração no corpus, a ser explicado mais adiante.

Mas, antes de tratar dos índices, a metodologia de Bardin prevê a formulação das hipóteses e dos objetivos.

Seguindo este terceiro tópico presente na pré-análise da metodologia de Laurence Bardin e conduzindo para a presente pesquisa, o objetivo deste estudo consiste em detectar como a cronista abordou a temática da crise da educação, observando suas estratégias narrativas naquele momento histórico, bem como observar como a crise estudantil agendou a coluna, em um jornal que apoiou o golpe militar em 1964.

A referenciação dos índices e a elaboração de indicadores também são características da primeira fase (pré-análise), onde através de recortes de textos nos documentos analisados, os temas que mais se repetem podem constituir os índices. O índice é o responsável por fornecer indícios da mensagem, do conteúdo, e os indicadores são os elementos que asseguram esses índices previamente estabelecidos. Dessa forma, a partir da pré-análise os índices auxiliam na categorização para a análise temática que será justificada através dos indicadores. Neste trabalho sobre as crônicas do “Canto de Página”, durante a leitura do texto, características específicas puderam ser observadas, assim como as temáticas mais recorrentes e sua frequência nas diversas publicações. Estratégias narrativas utilizadas pela cronista e detectadas ao longo dessas leituras também serviram de indicador para as categorias que começavam a ser pensadas.

Nesta metodologia proposta por Bardin, é aconselhada a certificação da eficácia e pertinência dos indicadores através da realização de testes em algumas passagens ou elementos dos documentos. A partir deste procedimento, conhecido por “pré-teste de análise”, verificamos a necessidade de rever a escolha do corpus referente ao mês de março de 1968. Analisando o conteúdo para criar possíveis temas categóricos, foi possível notar que apesar do assassinato do estudante Edson Luís ter acontecido em março, ele foi pautado na coluna “Canto de Página” a partir de abril de 1968. Portanto, o corpus da pesquisa, a partir deste momento, passou a abranger os meses de abril, maio e junho de 1968.

“Antes da análise propriamente dita, o material reunido deve ser preparado” (BARDIN, 2011, p. 130). Ao falar da preparação do material é importante ressaltar todo o trajeto realizado na pesquisa, desde a coleta até a edição dos materiais.

As crônicas do “Canto de Página”, objeto de estudo deste trabalho, estão disponíveis no Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes. Existe também um acervo da cronista Cosette de Alencar no Museu de Artes Murilo Mendes, mas pelo impedimento de fotografar as crônicas optou-se por fazer toda a pesquisa na biblioteca municipal da cidade.

Ao todo foram fotografadas e digitalizadas em fonte primária 233 crônicas, de janeiro a dezembro de 1968. Dos meses propostos para análise contabilizamos 24 crônicas em abril, 23 em maio e 24 em junho de 68. Este corpus abrange todas as crônicas do “Canto de Página” publicadas na coluna nos períodos citados. Os aparecimentos nos demais meses, bem como o quantitativo mensal das temáticas abordadas sobre Educação, podem ser observados na tabela a seguir.

TABELA 1: 25,3% das crônicas de todo o ano de 1968 tratam diretamente e indiretamente do golpe na educação

Crônicas “Canto de Página” – Ano de 1968			
Mês	Quantitativo de Crônicas por mês	Temática abordada educação/estudantes	Dias do mês em que essa temática apareceu na coluna
Janeiro	19	03	06 / 26/ 28e29
Fevereiro	22	03	06 / 16 / 21
Março	25	01	07
Abril	24	08	02 / 03 / 04 / 09 / 16 / 18 / 23 / 30
Maio	23	10	04/ 05e06/ 08 / 12e13 14 / 17 / 22 / 23 / 28 29
Junho	24	10	02e03 / 08 / 15 / 19 23e24 / 25 / 26 / 27 28/ 30
Julho	24	09	01 / 03 / 04 / 05 / 10 26 / 27 / 29 / 30
Agosto	23	07	01 / 04e05 / 07 / 08 09 / 21 / 24
Setembro	13	03	03 / 10 / 27
Outubro	15	05	01 / 05 / 23 / 24 / 31
Novembro	11	0	-----
Dezembro	10	0	-----
TOTAL	233	59	

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Após digitalizar e organizar em pastas foi preciso fazer ajustes de edição nas imagens para facilitar a leitura, visto que muitas páginas do jornal já estavam mais comprometidas devido ao seu tempo de existência. Por fim, cada imagem precisou ser identificada de acordo com o título da crônica e renomeada com sua data de publicação para facilitar o acesso do material durante a pesquisa.

É importante destacar também, que todas as 233 crônicas foram submetidas à leitura flutuante para se chegar ao resultado demonstrado na tabela acima, com a identificação de quantas e quais crônicas se enquadraram na temática “Educação”.

A segunda fase da metodologia de Bardin, “exploração do material”, corresponde à definição das categorias. Já com o corpus delimitado fez-se necessário criar as temáticas principais que norteariam as análises. Apesar de representar um momento histórico voltado para as questões estudantis do emblemático ano de 1968, cada mês escolhido se respalda em um acontecimento distinto dentro deste “contexto geral” dos movimentos estudantis. Dessa forma foi necessário analisar cada um dos três separadamente, mas seguindo a mesma opção do conjunto das categorias, para que ao final da análise pudesse ter um nível de comparação final desejável.

Classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles. (...) A partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias. A categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental) fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. (BARDIN, 2011, p.148).

O critério de categorização escolhido para nortear a análise desta pesquisa foi a criação por categorias temáticas. O processo de escolha destas categorias foi alcançado através de modificações projetadas na categorização elaborada em pesquisa anterior, a qual dá sequência ao presente trabalho.

Após fazer a leitura flutuante de todas as crônicas publicadas no ano de 1968 foi, então, realizada uma segunda leitura mais crítica dos meses específicos de análise (abril, maio e junho), a fim de repensar e modificar as categorias, para que pudessem contemplar esse novo corpus de análise.

Apesar do uso de ironias, metáforas e críticas veladas ter sido muito recorrente nas crônicas, a pesquisa considerou que estes não se enquadrariam em uma categoria. Ainda que não pudessem ser consideradas categorias temáticas, as ironias, críticas e metáforas não

poderiam ser ignoradas, portanto, foram comentadas ao longo do processo de análise, como estratégias narrativas.

Antes de aplicar a análise categorial é preciso explicar o que cada temática propõe selecionar. Segue abaixo a tabela elaborada com a escolha das temáticas e em seguida a explicação do que cada subcategoria representa para a análise, que será iniciada a seguir.

TABELA 2: Categorias de análise das crônicas na Coluna “Canto de Página”

CATEGORIA	SUBCATEGORIA
EDUCAÇÃO	Crítica aos estudantes
	Porta-voz dos estudantes
POLÍTICA	Crítica ao governo
	Porta-voz do contexto internacional
CIDADE	Cultura e memória
LITERATURA	Análise
	Divulgação

Fonte: tabela elaborada pela autora.

A categoria principal da análise desta pesquisa é a de “Educação”, subdividida em duas subcategorias: “Crítica aos estudantes”, para aquelas em que Cosette desaprova certos comportamentos dos jovens e “Porta-voz dos estudantes”, identificando os momentos de apoio e voz ativa da cronista em prol das reivindicações dos estudantes.

Dentro da categoria “Política” encontramos duas subcategorias, sendo elas: “Crítica ao governo” e “Porta-voz do contexto internacional”. A primeira, como o próprio nome diz, engloba as crônicas as quais Cosette faz críticas explícitas ao governo. Já “Porta-voz do contexto internacional” enquadra as menções ao contexto internacional, bem como a identificação de momentos de “idolatria” da cronista ao general Charles De Gaulle.

Na categoria “Cidade” encontramos a subcategoria “Memória e cultura”. Nela abordamos momentos vividos e mencionados pela cronista, além do resgate à cultura de cidades, presente em algumas crônicas.

Finalizando a explicação das categorias, em “Literatura” temos a presença da subcategoria “Análise”, destinada ao espaço em que Cosette analisa obras literárias

específicas ou até mesmo o campo literário da época, e “Divulgação”, espaço destinado à divulgação para leitura que a cronista faz de obras publicadas ou prestes a publicar.

Depois de selecionadas e explicadas as categorias, passamos para a identificação de quais foram as temáticas mais recorrentes. Neste momento entramos no terceiro pólo cronológico da metodologia de Bardin: o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Nas próximas seções iniciaremos a verificação e aplicação da metodologia de análise de conteúdo nas crônicas do “Canto de Página”, respeitando cada mês analisado separadamente, conforme justificado neste trabalho.

5.2. “Que desejam os estudantes?”

Dando início às análises de conteúdo propostas na presente pesquisa, o mês de abril de 1968 contabilizou 24 crônicas publicadas na coluna, sendo que desse quantitativo tivemos 08 aparições na categoria “Educação”, todas incluídas na subcategoria “porta-voz dos estudantes”, o que representa 33,3% do total de textos na coluna neste mês.

TABELA 3: Categorias de análise das crônicas em Abril de 1968 na “Canto de Página”

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	FREQUÊNCIA DAS CRÔNICAS
EDUCAÇÃO	Crítica aos estudantes	0
	Porta-voz dos estudantes	8
POLÍTICA	Crítica ao governo	9
	Porta-voz do contexto internacional	3
CIDADE	Cultura e memória	4
LITERATURA	Análise	4
	Divulgação	1

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Na primeira crônica publicada no mês de abril, Cosette atua como “porta-voz dos estudantes”, ao alegar que “existem realmente forças poderosas que lutam, obstinadamente, neste País, para impedir que nossa juventude seja educada”.

E agora, tão tarde, estou convencida de um fato em que muito me custou acreditar: existem realmente forças poderosas que lutam, obstinadamente, neste País, para impedir que nossa juventude seja educada. Isto, pelo menos, ficou claro. Ficou claro para mim. Quanto aos demais, que sei eu? Diz-se que uma boa parte da nossa gente meteu a cabeça na areia há muito tempo. Outra parte nem mesmo precisou de apelar para tal recurso: faltava-lhe o que esconder. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 02/04/68)

O trecho em que a cronista afirma “Isto, pelo menos, ficou claro. Ficou claro para mim” marca talvez uma claridade para Cosette deste contexto grandioso, visto que até então pouco se abordava sobre a temática educacional em sua coluna. Conforme mostrado anteriormente nesta pesquisa, na tabela de todas as crônicas publicadas no “Canto de Página” em 1968, em janeiro e fevereiro o máximo de publicações na coluna que pautaram os estudantes foram 03, e em março apenas 01. Abril marca essa mudança de um posicionamento mais ativo e polifônico da cronista, dando mais voz e espaço às questões estudantis, triplicando as ocorrências dessa temática em sua coluna a partir do referido mês.

Além de se posicionar abertamente sobre a juventude nesta crônica, Cosette ainda nos fornece um trecho velado, o qual podemos associar àqueles que faziam vista grossa diante das atrocidades impostas pela ditadura militar. “Diz-se que uma boa parte da nossa gente meteu a cabeça na areia há muito tempo”⁷⁴, se calando perante as torturas e mortes já recorrentes no período, como aconteceu com os jovens estudantes Edson Luís e Benedito Frazão.

No dia seguinte Cosette publica sua primeira menção explícita aos assassinatos desses jovens estudantes: “E o pior é que, toda vez que uma bala repressiva atinge um alvo inesperado, quem morre é sempre um estudante de verdade”⁷⁵. Em “Receita para os moços” o olhar da cronista para os protestos em decorrência do crime busca separar o que a imprensa conservadora considerava arriscado (o perigo vermelho no contexto da Guerra Fria, retratado pelos termos “desordeiros” e “baderneiros”) dos estudantes de fato (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.110):

Não há dúvida de que os baderneiros dos tempos de João Goulart, metendo-se no meio dos estudantes, sonham em reeditar as façanhas daquela época ominosa. Tal como se esperava, o cadáver do rapazinho baleado pela polícia carioca assanhou tais desordeiros, cuja meta principal é implantar no País aquele clima de agitação espúria que tanto lhes convém. Servem-se os malandros, para tanto, do descontentamento da classe estudantil, que exploram com solércia e criminosa crueldade. Assim, ao mesmo tempo que desmoralizam as justas reivindicações dos moços, subvertem-lhes o espírito(...). (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 03/04/1968)

⁷⁴ Trecho da crônica “Que choldra!”, de Cosette de Alencar, no “Diário Mercantil” em 02 de abril de 1968.

⁷⁵ Trecho da crônica “Receita para os moços”, de Cosette de Alencar, no “Diário Mercantil” em 03 de abril de 1968.

“O mundo continua lá fora, melhor será chegarmos à janela para espreitar das tristezas locais, muitas e fundas. Quem disse que lá fora está mais alegre? Não está”⁷⁶. E neste momento, se distanciando e fugindo um pouco da conjuntura política nacional, Cosette começa a discorrer sobre assuntos da conjuntura política internacional na crônica veiculada em 05 de abril. A cronista aborda a pausa unilateral dos bombardeios no Vietnã do Norte, divulgado no dia 31 de março de 1968⁷⁷ pelo então presidente dos EUA, Lyndon Baines Johnson, e a surpresa que o mesmo causou à nação ao divulgar que não se candidataria à reeleição da presidência norte-americana.

Primeiro, tem a histórica hesitação de Johnson na questão dilatada do Vietname, hesitação tingida de não pequena melancolia pessoal. Se a gente não se engana, o Presidente dos E. Unidos atravessa fase de grande desilusão com o poder, e não o esconde. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 05/04/1968)

Retomando a conjuntura política nacional, no dia 06 de abril, Cosette publica uma crítica ácida ao governo, carregada de ironias e desaprovação ao regime. Logo no primeiro parágrafo de “Conversa fiada” a cronista evidencia que não tem “a menor ilusão sobre a possibilidade de termos aqui uma democracia, ou até mesmo um válido arremedo [imitação] de democracia, nestes próximos anos. (...) Nestes últimos quatro anos de governantes impostos não fizemos qualquer progresso no setor da educação política. Pelo contrário.”⁷⁸

Dando prosseguimento, ao ironizar a situação do país com o provérbio “se ficar o bicho pega, se correr o bicho come”⁷⁹, Cosette declara não ser favorável à manutenção do governo da época. Na finalização do texto a cronista, ao se manter atenta aos desdobramentos dos acontecimentos, faz alusão a um possível prêmio de consolação para o país, o qual, seguindo a charada que compõe esta crônica, poderia ser a queda do governo ditatorial no Brasil: “não teremos o que sonhamos, mas também não teremos o que tememos. Já não estará tão mau.” Nota-se que Cosette, literata que prezava constantemente pelo uso correto da gramática, opta pelo uso do adjetivo “mau” ao invés do advérbio de modo “mal”. Esta colocação tanto pode ser um erro de datilografia, quanto uma troca proposital, a ponto de que “mau” poderia estar fazendo referência ao governo ditatorial, tão cruel e perverso naquele contexto. O que “tememos” seria, no caso, a ditadura, e em um cenário em que ela fosse

⁷⁶ Trecho da crônica “Na janela”, de Cosette de Alencar, no “Diário Mercantil” em 05 de abril de 1968.

⁷⁷ SANDER, 2018.

⁷⁸ Trecho da crônica “Conversa fiada”, de Cosette de Alencar, no “Diário Mercantil” em 06 de abril de 1968.

⁷⁹ Nota-se que a cronista inverteu a ordem do provérbio para, de certa forma, potencializar a referência ao contexto ditatorial.

extinta, a situação do país não estaria tão “mal”, tão ruim, quanto o perverso e “mau” que se encontrava naquele governo opressor.

Seguindo o caminho de suas críticas e alusões ao regime mais codificadas, na crônica publicada no dia seguinte e intitulada “O perigo de ser feliz”, Cosette aproveita para citar uma estatística divulgada na mídia, em que o índice de suicídios seria mais elevado na Suécia do que no Brasil. Em seguida, a cronista conclui: “Tudo indica que a fome, a miséria, o atraso, o desconforto, a doença são mais estimulantes que seus antônimos: enquanto o brasileiro, roído de carências, aguenta firme o rojão, o sueco entrega os pontos.”⁸⁰ Neste momento, Cosette faz uma crítica velada ao ponto em que faz alusão ao “rojão” tanto no sentido literal, referindo-se àqueles utilizados nas manifestações de rua entre os jovens e a repressão policial, quanto no sentido figurado, de aguentar as injustiças, desigualdades e descaso com a população no governo.

No dia 09 de abril, a cronista resolve falar mais explicitamente contra a repressão policial aos estudantes, sugerindo a intervenção de professores no impasse e indicando a necessidade de uma reforma educacional que envolvesse mais recursos e docentes para as escolas. (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.111):

Está mais do que provado ser um erro, e crasso, colocar a questão dos nossos estudantes na alçada da polícia. Não é com gás lacrimogênio nem com borracha que se conseguirá obter dos moços sublevados ouvido atento. Assim, tudo se agravará constantemente. Encolerizá-los é má política: enraivecidos, ninguém poderá detê-los. E o pior poderá acontecer. A polícia não pode ser usada neste caso. Neste caso a palavra deve caber aos professores, talvez mais ainda do que aos pais dos moços. Os professores têm um papel a cumprir no episódio que o País está a viver. (...) a solução pode ser outra, tem de ser esta: reforçar depressinha o esquema educacional do País, dar recursos às escolas, dar professores de verdade ao ensino. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 09/04/1968)

O contexto internacional retoma à coluna “Canto de Página” no dia 11 de abril. Em “Nós somos latinos”, Cosette dedica suas palavras para citar e criticar os Estados Unidos, tanto sobre a “barbaria” dos embates no Vietnã, quanto sobre a questão do racismo e assassinato de um dos líderes mais importantes do movimento por direitos civis no país, Martin Luther King:

E quanto à barbaria dos E. Unidos, não há dúvida que a gente sempre teve muitas suspeitas sobre sua existência. Civilização bárbara. Caldeamento monstruoso de raças antagônicas, desumanização maciça, submissão total à máquina, à técnica, inteira sujeição à matéria. Tinha que dar no que deu, e a gente ainda não viu o pior.

⁸⁰ Trecho da crônica “O perigo de ser feliz”, de Cosette de Alencar, no “Diário Mercantil” em 07e08 de abril de 1968.

O pior continua no tinteiro. E explodirá a menos que se verifique um recuo espetacular. Nada indica que este recuo se registre tão cedo. (...) E não digo isto por causa do negro agora assassinado. A luta racial não é episódica nos E. Unidos: é permanente. Matar um negro, nos E. Unidos, parece ato meritório à boa parte da gente norte-americana. Que, aliás, não esconde este modo de ver. O ódio racial é, nos E.U., arma política poderosa: em muitos Estados norte-americanos a tomada de posição contra a integração racial elege governadores. Asqueroso? Pode parecer. Mas o progresso da maior nação do mundo, não apenas da maior, mas da mais rica e mais desenvolvida, está cheio de facetas nauseantes. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 11/04/1968)

Martin Luther King foi assassinado no dia 04 de abril de 1968, ao levar um tiro que rompeu sua medula espinhal, na cidade Memphis, no estado do Tennessee, onde estava para apoiar uma greve de trabalhadores norte-americanos. Seu enterro aconteceu no dia 09 de abril, em Atlanta, e contou com a participação de milhares de pessoas. Martin Luther King, conhecido mundialmente pelo seu discurso “I have a dream”, sonhava com uma sociedade racialmente igualitária em que os negros estivessem totalmente incluídos, apoiava a não-violência e se posicionou abertamente contra a Guerra do Vietnã.

A temática da educação retorna à coluna “Canto de Página” no dia 16 de abril. Atuando como “porta-voz dos estudantes”, Cosette sustenta a necessidade de reformas educacionais no país:

Velho e arcaico como é, o organismo pedagógico que esmaga o estudante brasileiro está alicerçado firmemente nos usos do País. Não vai ser mole atacá-lo, muito menos ainda destruí-lo. Primeiro, há que fazer surgir, na área competente, a firme intenção de encetar realmente a reforma por que todos esperam. Depois, outros quinhentos virão. Não será fácil que além da instintiva inércia nacional, outros instintos se levantarão: o menos pernicioso deles não será, certamente, aquele que determina nossa fatal inclinação pelo safado “slogan” de recente governo do País: deixar como está para ver como fica. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 16/04/1968)

Como o próprio título da crônica indica, “Dois Assuntos” foram tratados na publicação do dia 18 de abril no “Canto de Página”. No primeiro deles, sobre a temática da educação, Cosette atribui crédito favorável aos jovens pela iniciativa dos mesmos em alertar a população para o “estado de insolvência” em que a sociedade se encontra. O segundo assunto abordado na coluna (APÊNDICE E) caracterizou-se pelo resgate da memória e nostalgia da cronista em relação à cidade de São João Del Rei.

(...) nós aqui tomamos consciência de que estamos, mais uma vez, diante de uma encruzilhada: ou arrancamos ou despencamos... E foram os moços que, afinal, obrigaram o País a abrir os olhos. São eles mesmos que, no mundo inteiro, estão a alertar os mais velhos para o estado de insolvência em que a civilização ocidental se encontra. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 18/04/1968)

Após passar alguns dias com temáticas mais amenas na coluna, priorizando cidade e literatura, Cosette retoma o conteúdo político de suas crônicas na publicação do dia 23 de abril. Representando os estudantes, a cronista deposita seu voto de confiança e esperança para que eles alterem o cenário político e educacional do país através de suas manifestações, mas também ironiza, de certa forma advertindo, as reações violentas dos jovens durante esses atos públicos de reivindicações.

Ela aí está [a mocidade], e quer seu lugar: se não lho cedermos de boa vontade, vamos ter muita pedrada chovendo em cima das nossas cabeças. Sou, convictamente, pelo direito dos jovens de se sentarem à mesa do banquete da vida. (Desta mesa, como se sabe, conforme a latitude em que ela está posta, muitos saem com o estômago nas costas: entre nós, bem poucos são os que de fato se banqueteam. A grande maioria só figuradamente participa do referido banquete da vida). Quem sabe os moços consigam consertar esta injustiça? Em todo caso, deem-lhes ser dado experimentar a mão. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 23/04/1968)

Ainda na crônica “Palavra de ordem”, Cosette faz duras críticas ao governo, demonstrando abertamente seu posicionamento divergente no que diz respeito à ordem imposta pelo governo ditatorial. A cronista ainda menciona a “bomba atirada num grande jornal paulista”.

Quando eles declararam que a ordem, a qualquer custo, será mantida no País, põem-se do outro lado e condenam-se a si mesmos. Estão cansados de saber que vivemos em plena desordem, e há muito tempo. Não é a bomba atirada num grande jornal paulista que frisa a intranquilidade brasileira, que ela faz é revelar, na paisagem convulsionada da Nação semi-desperta, a presença de agitadores profissionais. Não temos qualquer ordem para ser mantida. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 23/04/1968)

Contextualizando o episódio mencionado acima, no dia 20 de abril de 1968 a sede do jornal “O Estado de S. Paulo” foi atacada por uma bomba, estilhaçando os vidros do edifício (ANEXO C) e deixando o porteiro ferido. No dia seguinte, o jornal declarou, em editorial (ANEXO D):

(...) A bomba que explodiu em nosso edifício na madrugada de ontem é apenas um acidente nessa batalha sem fim. Não foi a primeira e é provável que não seja a última. Não nos surpreendeu. Consideramo-la, afinal, como mais um galardão a marcar uma etapa da nossa luta pela democracia. Apenas isso. (“O Estado de S. Paulo”, editorial, 21/04/1968)⁸¹

⁸¹ In: <https://acervo.estadao.com.br>, acesso em 04 de dezembro de 2018.

Dando prosseguimento às análises, no dia 24 de abril, em uma crítica ao governo, Cosette aborda a pauta do arrocho salarial em Minas Gerais naquele período e aproveita para, irônica e enigmática, aludir à greve dos operários em Contagem/MG.

A grande maioria dos servidores mineiros recebe hoje o mesmo que recebia há três anos passados, e o recebe agora com um atraso que não ocorria naquela época. (...) Introvertido e caladão, é realmente em silêncio que o mineiro, não tendo mais que engolir, engole sua fome. O que duvido é que engula igualmente sua raiva. Isto se verá quando a hora soar, e ela acabará soando. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 24/04/1968)

Na passagem “é realmente em silêncio que o mineiro, não tendo mais que engolir, engole sua fome. O que duvido é que engula igualmente sua raiva”, Cosette faz alusão à atuação dos operários na greve de Contagem, onde sua “raiva” e seus protestos não se silenciaram.

O movimento deflagrado pelos operários na região metropolitana de Belo Horizonte foi a primeira greve desde a tomada de poder pelos militares em 1964. Articulada pela diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos, a paralisação mobilizou por dez dias cerca de 1.200 trabalhadores em Contagem/MG. Os trabalhadores da siderúrgica Belgo-Mineira reivindicavam um reajuste salarial de 25%.⁸²

Retornando à coluna “Canto de Página”, o repúdio perante a repressão policial no período ditatorial, resultando em mortes e torturas, foi novamente evidenciado através das palavras de Cosette de Alencar, no dia 25 de abril: “Todos estes mortos, que conheceram as agruras impostas pela repressão cívica em que vivemos, foram roubados em um direito precioso: o de viver melhor”⁸³.

A cada dia que se passa, sem a desejada solução dos nossos problemas administrativos, estamos sendo roubados individualmente em alguma coisa. Quantos morreram, nestes últimos anos, desesperados de melhores dias para o País? Adiar continuamente o advento da tal hora melhor, tão anunciada, é fraudar a esperança de muitos. Enquanto a hora melhor é postergada indefinidamente, a hora final não poupa ninguém. Estive refletindo a respeito: só aqui na minha rua a porcentagem de mortos nestes três últimos anos confirma o que digo. Todos estes mortos, que conheceram as agruras impostas pela repressão cívica em que vivemos, foram roubados em um direito precioso: o de viver melhor. E morreram na fossa ainda por cima, não verão o outro lado do tempo. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 25/04/1968)

⁸² “O movimento terminou no décimo-primeiro dia, 26 de abril, com uma aparente derrota dos grevistas. Mas em 1º de maio o general presidente Costa e Silva foi obrigado a anunciar um aumento de 10% nos salários de todos os trabalhadores brasileiros, furando pela primeira vez a política de arrocho.” Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/greve-de-contagem-fura-o-arrocho-salarial>. Acesso em 04 de dezembro de 2018.

⁸³ Trecho da crônica “Do que falta”, de Cosette de Alencar, no “Diário Mercantil” em 25 de abril de 1968.

Além de criticar explicitamente a ineficácia do governo perante a resolução dos problemas administrativos do país, Cosette redige também uma metáfora relacionada à censura do período: “Vazios, vazios, andam os jornais. Lembram a mesa da classe média: tem pratos, tem talheres, tem copos, tem até bocas. Só não tem é comida.”⁸⁴. Nesta passagem, a cronista alude ao fato de que os jornais, apesar de possuírem jornalistas, pautas, fontes e matérias, não possuíam uma coisa: a liberdade de publicá-las.

No dia seguinte, Cosette dedica o espaço de sua coluna para falar do ofício literário, com o surgimento de novos escritores e analisando a linguagem oral e escrita utilizada pelos mesmos. Prezando nesta crônica pelos ensinamentos do importante uso das regras gramaticais, a cronista por sua vez teria escolhido de fato esta angulação ou a temática foi fruto de uma censura relacionada à sua publicação no dia anterior?

Seguindo com a pergunta anterior em aberto, no dia 27 de abril, ao criticar e ironizar o aumento de salário que deputados mineiros usufruíram no auge do arrocho salarial dos trabalhadores, Cosette cita novamente a greve dos operários em Contagem, se posicionando favoravelmente à causa:

Diante desta arrancada, os operários siderúrgicos, saindo pela tangente, não podendo o mesmo processo usar, cruzaram os braços e se declararam em greve. Também querem aumento, uai, que nem por serem da outra ponta deixam de considerar-se filhos de Deus. Longe de mim censurar-lhes o comportamento. Ou todos comem ou seja a fome geral. E não é de hoje que penso assim. (...) Ainda agora, quando finalmente começo a compreender que a vida é luta de punhal no escuro (não havendo, por isto mesmo, razão alguma para a gente surpreender-se com os golpes que vai recebendo pelas costas) ainda agora, se alguém me perguntasse qual a mais urgente meta da humanidade, eu não hesitaria na resposta: igualar as oportunidades humanas de comer, beber e morar. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 27/04/1968)

Nota-se que na passagem “não havendo, por isto mesmo, razão alguma para a gente surpreender-se com os golpes que vai recebendo pelas costas”, Cosette ironiza discretamente os “golpes”, que podem ser comparados tanto às injustiças impostas através de ações do governo, quanto ao próprio ato do golpe militar deflagrado em abril de 1964.

Encerrando o mês de abril, a crônica intitulada “Muito confuso”, publicada no dia 30, menciona uma passeata dos estudantes de Roma, em prol de melhores salários para os trabalhadores do país. No trecho “eles apanharam muito da polícia, pois polícia não é mesmo para bater nos moços?”, Cosette optou pelo sarcasmo ao apontar a recorrente repressão

⁸⁴ Trecho da crônica “Do que falta”, de Cosette de Alencar, no “Diário Mercantil” em 25 de abril de 1968.

policial nas manifestações estudantis, atitude esta já reprovada anteriormente pela cronista em sua coluna.

(...) estudantes de Roma, empunhando retratos de Che Guevara, realizam passeata barulhenta, gritando por melhores salários para os trabalhadores do país... Como de costume, a arma dos moços foram as pedras e garrafas vazias, mas as notícias assevera, que eles apanharam muito da polícia, pois polícia não é mesmo para bater nos moços? Ao final da pugna [confronto], ficaram no campo de batalha cinquenta pessoas feridas, três moças espancadas, alguns jovens inconscientes, fotógrafos da imprensa surrados e nada menos de duzentos estudantes presos. Ora veja-se como tudo é a mesma coisa neste mundo atual! Roma, Rio, que diferença? (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 30/04/1968)

Podemos notar ao final do trecho destacado acima, que Cosette de Alencar especifica o quantitativo dos presos e feridos, bem como as características de cada um dos envolvidos nesse confronto, a fim de reafirmar e acentuar sua denúncia contra a repressão policial no contexto mundial das manifestações estudantis.

5.3. “Em Paris, claro está, matar estudante é crime”

O segundo mês a ser analisado foi maio de 1968. Com um total de 23 crônicas publicadas nesse mês, foram 10 aparições na categoria “Educação”, abrangendo a reforma no ensino e os protestos estudantis, o que representa 43,4% do total de textos na coluna em maio de 1968.

TABELA 4: Categorias de análise das crônicas em Maio de 1968 na “Canto de Página”

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	FREQUÊNCIA DAS CRÔNICAS
EDUCAÇÃO	Crítica aos estudantes	1
	Porta-voz dos estudantes	9
POLÍTICA	Crítica ao governo	5
	Porta-voz do contexto internacional	7
CIDADE	Cultura e memória	4
LITERATURA	Análise	5
	Divulgação	0

Fonte: tabela elaborada pela autora.

A cronista transparece em suas palavras uma admiração pela França, em diferentes aspectos. Podemos notar logo na primeira crônica do mês de maio, dia do trabalho, em que a cronista se comportou como “porta-voz do contexto internacional” admirando os avanços no referido país: “Enquanto a reformulação social não lança abaixo os últimos destroços do que foi o mundo dos sonhos de alguns poucos, a coisa anda: na França, um transplante de coração é realizado com êxito”⁸⁵.

Neste mesmo dia, Cosette lança uma crítica velada ao governo. Ao falar que “a derrubada dos códigos que regem a sociedade dos homens já está em pleno desenvolvimento e nenhuma força poderá detê-la”⁸⁶, podemos interpretar como a derrubada dos direitos dos homens, da liberdade, das mudanças políticas durante aquele período cada vez mais endurecido pelo regime militar.

No dia 03 de maio a cronista novamente demonstra sua insatisfação com o governo de uma forma bem discreta, utilizando de estratégias narrativas para, de certa forma, amenizar sua crítica durante este ano em que a ditadura se endurecia cada vez mais. No trecho abaixo notamos o recurso de metáfora para comparar o “inverno” que “vai ficando frio e escuro”, fazendo alusão ao controle cada vez menos democrático dos militares. “Usa de ironia para indiretamente falar dos interrogatórios nos porões ditatoriais” (REIS, THOMÉ, VALLADARES, 2018, p.113):

Mas o que começa é um novo inverno, vai ficando frio, frio e escuro. Sempre mais frio, sempre mais escuro, será que era para ser assim mesmo? A receita está certa? Ou erramos em alguma coisa, trocando ingredientes? Sei lá. Tudo que sei é que não sei nada. (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 03/05/68)

Podemos ir até mais além, ao relacionar o trecho “ou erramos em alguma coisa, trocando ingredientes?” com a troca de governo oriunda da errônea decisão de apoio aos militares durante a tomada de poder em 1964. Contudo, afirmar exatamente o que a autora quis dizer em suas metáforas é arriscado, tendo em vista que já se passaram 50 anos desde sua escrita. Com isso a análise fica mais trabalhosa, pois o que fazemos é buscar cada detalhe e informação disponíveis do que estava acontecendo para gerar correlação com os temas tratados nas crônicas, além de fazer possíveis suposições sobre o significado por trás do uso de comentários irônicos, metafóricos e sarcásticos – ferramentas narrativas muito recorrentes nos materiais escritos por Cosette de Alencar. Além disso, a intenção do autor, a partir do que

⁸⁵ Trecho retirado da crônica “O que importa”, em 01 de maio de 1968.

⁸⁶ Trecho retirado da crônica “O que importa”, em 01 de maio de 1968.

nos ensina MOTTA (2013), mesmo quando o texto é contemporâneo, não é sozinha garantia de nada, porque a narrativa se completa na fruição de quem lê a obra, em seu repertório, em sua vivência.

Dando prosseguimento às análises, no dia 04 de maio a coluna abordou inicialmente a temática literária e, em seguida, as palavras escolhidas por Cosette depositavam esperança na reação dos jovens, identificados na crônica por “gente moça”: “estou torcendo para que ela, arregaçando as mangas, opere uma boa derrubada no que aí está.”⁸⁷ Seria esse o início da repercussão dos movimentos estudantis de maio de 68 na coluna “Canto de Página”?

No dia seguinte, logo no início da crônica intitulada “Não vale a pena”, Cosette comenta sobre a famosa marcha dos negros e pobres em Washington, EUA, movimento pelos direitos civis que começava a ganhar mais força na época. A partir da metade da crônica Cosette aborda as questões educacionais no Brasil ao criticar o acordo MEC-USAID⁸⁸:

(...) se a gente vai acreditar no famigerado acordo MEC-USAID, do censo por ele realizado em 64 resultou uma previsão muito vexatória para os nossos brios, a de que nada menos de seis milhões de brasileiros não encontram lugar nas escolas primárias brasileiras, e assim, pergunto, como é que vai ser? Parece mau, isto, parece péssimo, é brasileiro demais crescendo como burro no pasto, depois como é que vai poder tocar o país para diante? (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 05/05/68)

Cosette volta a mencionar a França em sua crônica publicada no dia 08 de maio, citando o fechamento da Sorbonne e fazendo uma crítica ácida que podemos associar claramente ao assassinato do estudante Edson Luís, no Rio de Janeiro, em 28 de março do mesmo ano.

Maus tempos para a aprendizagem. Até a Sorbonne fechou! Todavia, a polícia de Paris, retrucando embora aos ataques dos estudantes, não matou nenhum deles. Em Paris, claro está, matar estudante é crime. (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 08/05/68)

⁸⁷ Trecho retirado da crônica “Conversa com Prudêncio”, em 04 de maio de 1968.

⁸⁸ “O Acordo MEC-USAID surgiu da necessidade de adequar o ensino superior à realidade brasileira e solucionar também a crise pela qual passava a universidade. O Acordo passou assim a ser chamado em razão da série de convênios assinados entre o Ministério da Educação (MEC) e a United States Agency for International Development (USAID) a partir do Golpe Militar de 1964. O Acordo objetivou uma reforma em todos os níveis de ensino brasileiros, adotando-se para tanto, o modelo norte americano, especialmente no ensino superior. Pelo papel estratégico deste nível, a reforma visava uma formação técnica mais ajustada ao plano desenvolvimentista e econômico brasileiro, em consonância com a política norte-americana para o país.” (FRANZON, 2015, p.3)

O ano de 1968 é marcado historicamente pela repressão e silenciamento de intelectuais. Mas em maio deste ano ainda podemos observar o tom crítico e aberto da cronista Cosette de Alencar. Ao abordar a questão de democracia, Cosette é simples e direta:

Que democracia? Com o quadro político paupérrimo de que dispomos? Com o eleitorado maciçamente analfabeto? Com a fome e a miséria que lavram no Brasil inteiro? Realmente, democracia nestas condições é anedota. (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 09/05/68)

Ao final desta crônica, Cosette deixa uma reflexão, que nos remete àquele contexto conturbado de 1968: “um homem que não tem medo de falar a verdade: isto ainda existe. Justamente por ser muito raro mais ainda impressiona. Mas quantos querem ouvir a verdade entre nós?”.

Coincidência ou não, no dia seguinte sua coluna não é veiculada no Diário Mercantil. Cosette retoma ao Canto de Página no dia 11 de maio com uma crônica totalmente voltada à literatura e abordagem sobre ocupação de vaga na Academia Mineira de Letras.

Se nos dias 05 e 08 de maio a cronista atua, de certa forma, como “porta-voz dos estudantes”, na crônica referente aos dias 12 e 13 de maio⁸⁹ Cosette faz uma crítica às ações dos estudantes parisienses. Atenta aos desdobramentos dos movimentos estudantis, Cosette prezava pelas manifestações pacíficas e com estas demonstrava defesa aos estudantes, mas sem abrir mão de também criticá-los quando a situação fugia ao controle.

Paris, até Paris está perdendo a esportiva, veja-me só a insurreição de seus estudantes! Que coisa! Estará faltando trabalho? Meu pai sustentava que só o trabalho enche a vida, não dando brecha ao demônio de vir fazer das suas dentro da gente. E ele acreditava nisso piamente. O mundo precisará de mais trabalho? Está parecendo. (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 12/05/68)

No dia seguinte, Cosette se declara mais uma vez a favor dos movimentos estudantis, considerando “realmente justa a atitude de rebeldia dos novos, a gente está a legar-lhes um mundo podre e ainda queria que eles batessem palmas?”. A cronista completa: “(...) e eu, pessoalmente, prefiro ver a mocidade rebelada a vê-la estupidificada”⁹⁰.

⁸⁹ O Diário Mercantil não circulava às segundas-feiras, com isso, essas edições eram publicadas junto com as de domingo.

⁹⁰ Trecho retirado da crônica “Viver é isto”, em 14 de maio de 1968.

A pauta dos estudantes se ausenta da coluna no dia 15 de maio, em seu lugar Cosette aborda os desdobramentos no contexto internacional, da Conferência da Paz⁹¹ em Paris e em seguida direciona sua fala para uma crítica ao governo ditatorial, cada vez mais controlador: “(...) no Brasil o Estado tem a mania de meter o nariz em tudo, principalmente onde ninguém espera nem deseja sua presença”.

A confiança que Cosette depositava na França se espelhou também em sua opinião de que o movimento estudantil em Paris pudesse inspirar e servir de exemplo a todos os outros:

(...) pode-se esperar que a insurreição da juventude ganhe organização: em Paris, o caos, o próprio caos, obedece a uma ordem, cuja estrutura nunca deixa de se apoiar em postulados simples e claros. Uma coisa é a gente sentir-se insatisfeita, outra muito diferente é saber-se que e que nos satisfaria: vai distância grande entre ambas, mas se há quem possa vencer esta distância será, exatamente, a mocidade do Quartier Latin. Se de lá não vier a luz, a solução será voltarmos ao lampeão, até mesmo à lamparina. (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 17/05/68)

Ao escrever o trecho “Se de lá não vier a luz, a solução será voltarmos ao lampeão, até mesmo à lamparina”, recorremos à característica da lamparina, uma pequena lâmpada que fornece luz de pouca intensidade, dessa forma Cosette faz alusão ao controle cada vez mais autoritário dos militares e o conseqüente retrocesso ao qual a população estava inserida, com a aproximação dos tempos cada vez mais sombrios, decorrentes do endurecimento da ditadura. Dessa forma discreta, Cosette utiliza estratégias narrativas para, de certa forma, ver sua crítica passar pela censura durante este ano de 1968.

Após comentar recortes literários na sua crônica veiculada em 18 de maio, a cronista aborda os festivais da canção da época em sua coluna no dia 21, espaço este destinado também a elogiar Chico Buarque de Hollanda, um dos compositores de maior destaque com as músicas de protesto na ditadura, sendo também um dos artistas mais perseguidos pelos censores na época: “que pega de jeito palavras e imagens e faz poesia com elas... feito isto, o Chico ainda casa seu verbo à mais linda melodia do mundo, a gente ouve, fica vidrada: e voa”⁹².

Cosette de Alencar retoma a temática da educação no “Canto de Página” no dia 22 de maio. Intitulada “Acaciano” a crônica atua como “porta-voz dos estudantes” através de

⁹¹ Depois dos primeiros dias de conversas entre representantes de Hanói e de Washington na Conferência de Paz, em Paris, as esperanças de que o conflito no Vietnã tivesse fim eram praticamente nulas. As posições dos Estados Unidos e do Vietnã do Norte se mostravam rígidas, e nenhum dos lados parecia interessado em ceder. Em mais uma rodada de negociações entre Averell Harriman e Xuan Thuy, representantes da diplomacia dos dois países, ambos mantiveram as exigências dos discursos de abertura da Conferência e formularam recriminações mútuas. (SANDER, 2018)

⁹² Trecho retirado da crônica “Cantos”, em 21 de maio de 1968.

uma abordagem mais sutil ao retratar a insatisfação estudantil, conforme observamos no trecho abaixo:

O que a mocidade quer é ar puro para respirar. Oxigênio. Lavar o peito. É pedir muito? Nem tanto. Mas vai costumar a engrenar. Já está, para nós, bastante bom neste mundo vivermos na hora exata em que a insurreição tem início. Se não chegarmos a presenciar seu fim, presenciemos seu início. Nada mau. (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 22/05/68)

De certa forma controversa, a referida crônica enaltece o presidente francês Charles de Gaulle. Apesar de se inclinar favoravelmente aos estudantes, a cronista engrandece a política de De Gaulle, tão criticada nos movimentos estudantis daquele país:

À frente de seu governo, a França tem uma das figuras humanas mais notáveis dos dias atuais, um líder autêntico, cujas virtudes numerosas compõem uma personalidade quase singular em meio à internacional chatice administrativa desta infeliz época. Grande patriota, grande soldado, grande estrategista político, De Gaulle tantos maus momentos tem vivido desde que pôs sua vida a serviço de seu país, que não será esta efervescência atual que irá lhe desmontar a extraordinária capacidade de ação. (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 22/05/68)

No dia seguinte, outra crônica é publicada a favor de De Gaulle: “é inteligente bastante para alcançar qual deva ser seu comportamento”⁹³. Aproveitando o espaço para abordar a questão da educação e, de forma mais discreta, retomar a memória da morte do estudante Edson Luís, Cosette destaca que “um vivo é sempre semelhante a outro vivo”:

Principalmente no setor da educação é que a derrubada terá de ser total, queimados alegremente todos os princípios defuntos que ainda atravancam o terreno, e educar passará a ser em termos de preparação para a vida, operação limpa, racional, sincera, revogante. (...) não há valores maiores nem menores, um vivo é sempre semelhante a outro vivo, nenhuma tarefa merece tratamento privilegiado, e a palavra privilégio deverá sair do dicionário como terá de sair dos usos humanos a coisa que ela significa. (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 23/05/68)

Em “Esperemos”, crônica publicada no dia 28 de maio, Cosette aborda novamente as ações dos jovens. Ao escrever ao seu alter ego Balbino, a cronista enaltece o contexto no qual estes jovens estavam inseridos, de lutas e reivindicações:

Estão com tudo os jovens e pode ser que não saibam disso, mas são dignos de inveja, eu os invejo, queria ser um deles nesta hora, a hora é única, Balbino, alguma coisa, afinal, está acontecendo, no mundo, e séria, quem sabe a mais séria de todas desde que nele me encontro? (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 28/05/68)

⁹³ Trecho retirado da crônica “Matar a sede”, em 23 de maio de 1968.

Cosette destaca constantemente a grandeza deste contexto estudantil e suas manifestações, considera este momento “uma hora singular na história humana”⁹⁴. Da mesma forma, reafirma a sua opinião em relação à grandeza de Charles De Gaulle e enaltece sua admiração pela França:

Os sinais já visíveis prenunciam que, mais uma vez, a França foi escolhida para palco do primeiro tiro, virá de lá, desta ou daquela forma, a esquematização do fenômeno, mas ninguém pode mais, a esta altura, duvidar de que estamos a viver uma hora singular na história humana. Quem isto entendeu, e logo, foi o grande De Gaulle: (...) o grande soldado meteu o dedo na ferida, sem se assustar. (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 28/05/68)

Na crônica do dia seguinte, veiculada em 29 de maio e intitulada “Carapuça”, a cronista adota uma postura ainda mais rígida ao criticar os problemas educacionais do país, definindo como “comédia educacional” o que estava em curso em todo o território brasileiro. Atuando com voz ativa na defesa de interesses dos direitos dos estudantes, Cosette também repudia os recursos utilizados pela polícia contra os estudantes: gás lacrimogêneo, borracha e tiro de revólver.

Que disseram, há pouco, os estudantes do Rio, num intervalo de calma entre dois entreveros temperados a gás lacrimogêneo, borracha e tiro de revólver? Disseram, com todas as letras, que desejam professores melhores, ensino atualizado, universidade à altura da técnica atual. Como a Universidade Federal do Rio de Janeiro será, pertinentemente, a menos má do País, este atestado de incompetência que lhe foi passado por quem de direito, insinua de maneira catastrófica o que ocorre com os demais colégios universitários brasileiros. (...) na moita ficou o Ministério dito da Educação. (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 29/05/68)

Finalizando sua coluna do mês de maio, Cosette publica a crônica “118”, no dia 31 do referido mês. Nela, após dedicar algumas palavras sobre o aniversário de 118 anos da cidade de Juiz de Fora, a cronista logo desvia o foco para falar novamente da França. Dessa vez, um ar de incerteza e receio toma conta da cronista:

Aniversário de lado, achas que De Gaulle renuncia? Sinto um frio ao pensar nisto, é desgraça grande para o mundo. Um De Gaulle leva tempo a ser fabricado, cá por mim já não disponho de prazo para ver ultimar-se a receita que produz homem deste porte. É desgraça, não só para a França, que perde um de seus maiores governantes, mas para todos nós, que da França dependemos espiritualmente. Como vai ficar tudo? (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 31/05/68)

⁹⁴ Trecho retirado da crônica “Esperemos”, em 28 de maio de 1968.

Ao contrário do que questionava Cosette em maio de 68, a renúncia de De Gaulle só se consolidou no ano seguinte. Em 28 de abril de 1969, após a derrota de suas propostas de reforma constitucional em um referendo nacional, Charles de Gaulle renuncia como presidente da França.

5.4. “Os moços têm razão”

No mês de junho de 1968 também notamos a aparição da categoria “Educação” em 10 crônicas, de um total de 24 publicadas no referido mês. Semelhante ao mês de maio, que também apresentou 10 crônicas na temática que engloba a reforma no ensino e os protestos estudantis, esse quantitativo representa 41,6% do total de textos na coluna em junho de 1968.

TABELA 5: Categorias de análise das crônicas em Junho de 1968 na “Canto de Página”

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	FREQUÊNCIA DAS CRÔNICAS
EDUCAÇÃO	Crítica aos estudantes	1
	Porta-voz dos estudantes	9
POLÍTICA	Crítica ao governo	6
	Porta-voz do contexto internacional	3
CIDADE	Cultura e memória	3
LITERATURA	Análise	7
	Divulgação	1

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Na primeira crônica publicada no mês de junho, Cosette atua como porta-voz deste contexto revolucionário iniciado pelos estudantes, e aproveita para enaltecer o general Charles De Gaulle, à frente do governo francês, o qual a cronista já demonstrou abertamente sua admiração em meses anteriores aqui analisados.

Começou a revolução mundial, Balbino, que não é, desta vez, contra ninguém mas a favor da humanidade inteira: começou, como não podia deixar de ser na França, sempre fanal [guia] nas horas conturbadas. (...) mas a rebelião desencadeada na França, iniciada pelos estudantes, dirige-se é contra a atual estrutura da sociedade

humana, e por esta não pode ser responsabilizada o patriota de Liille, o arquiteto da Resistência, o restaurador da grandeza francesa. (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 02e03/06/68)

Na crônica “Raro”, publicada em 04 de junho, Cosette critica o governo brasileiro, elucidando a atuação de Octávio Gouveia de Bulhões, Ministro da Fazenda naquele período, com o arrocho salarial da população. No trecho abaixo, levando em conta o contexto no qual estava inserido, podemos associar que a crítica estava direcionada ao chamado PAEG (Plano de Ação Integrada do Governo):

Quanto à política econômica do governo atual, que foi quem a iniciou como Ministro da Fazenda de Castelo Branco, considera-a acertada, mas ainda em fase de implantação. Até eu concordaria com este ponto de vista se não houvesse, para anulá-lo em parte, o fato inegável de que as autoridades governamentais não conseguiram cumprir a promessa de estabilizar o custo de vida. Assim, o arrocho salarial tomou colorido de corda no pescoço para as classes assalariadas, sempre dotadas de recursos menores para enfrentar preços mais altos. (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 04/06/68)

O Plano de Ação Integrada do Governo (PAEG) foi implementado entre 1964 e 1967, elaborado pelos ministros Roberto Campos (Planejamento) e Octávio Gouveia de Bulhões (Fazenda), com o objetivo de tentar superar a crise econômica e reacelerar o crescimento do País. Esse plano possuía ações conjunturais de combate à inflação, associadas a reformas estruturais da economia (BELLINGIERI, 2005).

O Governo considerava que a causa da inflação estava associada ao excesso de demanda na economia (demanda maior que a oferta), resultando no aumento dos preços dos bens e serviços. Dessa forma, para combater a inflação, o Governo reduziu gastos, restringiu o crédito (por meio do aumento das taxas de juros) e adotou uma nova política salarial que impedia o aumento dos salários a uma velocidade maior que a taxa de inflação, provocando uma notável redução no salário real da população⁹⁵.

Depois de dois dias consecutivos abordando a temática literária em sua coluna, Cosette muda sua angulação na crônica do dia 07 de junho, atuando como porta-voz do contexto internacional, abordando a morte do senador norte-americano Robert Kennedy e fazendo uma alusão novamente em sua coluna sobre a morte de Martin Luther King (ao utilizar os termos “crime novo” e “memória curta”).

⁹⁵ Fonte: BELLINGIERI, Julio Cesar. A Economia no Período Militar (1964-1984): crescimento com endividamento. Revista Hispeci & Lema, Bebedouro-SP, 2005. Disponível em: unifafibe.com.br.

Pode o mundo manifestar surpresa diante deste crime novo? Se a manifesta é porque o mundo, além de memória curta, não tem pela lógica qualquer inclinação. Esta morte não foge à linha de violências que caracteriza as lutas políticas norte-americanas. Tais violências vêm recrudescendo nos últimos tempos, explodindo em gestos de brutalidade extrema que chegam até a traumatizar o mundo. (...) As vinhas da ira... Seja quem for o assassino, seja quem for o assassinado, a brutalidade do episódio, acrescida do toque emocional de ter cortado a vida a um moço que se preparava para, no governo de seu país, dar orientação pacífica a seu destino, fere o mundo no instante exato em que ele, mundo, se reconhece irremediavelmente carente de uma reforma radical. (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 07/06/68)

Robert Kennedy teve sua trajetória interrompida aos 42 anos, justamente quando se transformava em um forte candidato à presidência dos Estados Unidos. Contrário à Guerra do Vietnã e se empenhando na luta para frear a escalada militar no sudeste asiático, Robert rompeu com Lyndon Johnson, sucessor de seu irmão John Kennedy, também assassinado, na presidência dos Estados Unidos.⁹⁶

Dois meses antes de morrer, Robert Kennedy anunciou a morte do líder Martin Luther King a uma multidão em Indianápolis, e prometeu lutar pela causa a qual o irmão John e Martin Luther King tinham sacrificado suas vidas: a justiça e a igualdade entre os homens. Tragicamente, Robert sofreu o mesmo cruel destino dos dois.

No dia 08 de junho, ao divulgar o avanço dos movimentos de protesto na França, Cosette também aproveita para criticar a atitude violenta e de repressão contra os estudantes no Brasil. No trecho localizado abaixo “mas não houve morte de ninguém” Cosette remete aos assassinatos dos estudantes Edson Luís e Benedito Frazão para repreender novamente a invasão policial no Restaurante Calabouço. Outro trecho em que notamos uma insinuação por parte da cronista em comparar o contexto francês, para então criticar a situação no Brasil, foi em “numerosas chefias francesas foram mudadas dentro do respeito à Constituição”. Esta passagem faz alusão à situação inversa no país, em que os militares, após o golpe de 64, se mantiveram no poder, abdicando cada vez mais a população de seu direito à democracia e Constituição.

Houve na França um redemoinho histórico, tão forte que chegou a paralisar a vida do País, ameaçando-lhe a ordem e segurança internas: mas não houve morte de ninguém. Numerosas chefias francesas foram mudadas dentro do respeito à Constituição, o exército mantendo-se alheio a tudo, silencioso e sólido, e enquanto o bafafá se desenvolvia, enorme e terrível, o grande país mostrava sua fibra:

⁹⁶ Fonte: matéria divulgada pelo arquivo de memória da GloboNews. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/v/ha-50-anos-o-senador-robert-kennedy-foi-assassinado/6787180/>, acesso em 09 de dezembro de 2018.

civilização é isto. (...) Houve o reboiço, ninguém foi assassinado. O país parou, o governo não apelou para a ignorância, o mundo assistiu a um espetáculo de reação popular em dimensão alta: ficou a lição. (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 08/06/68)

A crônica intitulada “Em toda parte”, e publicada no dia 12 de junho, apresentou-se carregada de denúncias aos crimes contra os indígenas durante a ditadura militar. Inicialmente, se comportando como porta-voz do contexto internacional, a cronista aponta os assassinatos de John Kennedy, Martin Luther King e Robert Kennedy nos Estados Unidos a fim de fazer uma comparação com os crimes que se sucediam no Brasil. A partir de então, Cosette inicia suas críticas ácidas ao governo brasileiro, mas sem denunciar abertamente a ditadura como pivô das mortes indígenas, estratégia utilizada para ver sua crônica driblar a censura do período.

Nossa euforia parece, não só despropositada, mas inteiramente negativista: por comparação, como não matamos presidentes, nem líderes, nem candidatos à governança maior, achamo-nos superiores moralmente aos vizinhos do norte. (...) E todo mundo mata, nós também matamos. Cada qual mata à sua moda. Nós aqui, neste exato momento, a julgar pelas conclusões de um inquérito digno de fé, estamos assassinando índios indefesos, e os assassinamos maciçamente. Crime sem ideologia, crime sem fanatismo religioso, crime nojentamente sumítico [egoísta]: ninguém aqui odiava os índios que matou, apenas ambicionava suas terras, seus tristes teréns... Uma vida humana é uma vida humana, em que um índio chavante é menos que um moço norte-americano? Tempo de assassinos, mas em toda parte. Tempos de assassinos, mas não só nos E. Unidos. (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 12/06/68)

O relatório final publicado em 2014 pela Comissão Nacional da Verdade apontou que o projeto de expansão das fronteiras internas do país, com a criação de rodovias e ampliação de infraestrutura para o escoamento de matérias-primas e minerais, desenvolvido durante o governo ditatorial, significou para muitos povos, miséria, perseguição, prisão e tortura, chacinas, remoções forçadas, desestruturação cultural e comunitária, proibição de falar sua língua, assassinatos de caciques, lideranças indígenas e membros das comunidades que lutavam por seus territórios, direitos e cultura.⁹⁷

O relato dos indígenas evidencia o tipo de violação que se abateu sobre os moradores da região: tortura, privação da liberdade e estupro. Os detalhes dessas violações aparecem, por vezes, escamoteados na fala das vítimas, devido ao

⁹⁷ Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br>, acesso em 09 de dezembro de 2018.

potencial de fazer reviver o trauma sofrido. (Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade)⁹⁸

O documento final da CNV identificou que a violência não se restringiu aos grupos políticos e sociais que se opuseram ao regime ditatorial após o golpe deflagrado em 1964, atingindo brutalmente também os segmentos que se encontravam no caminho do progresso, neste caso, os indígenas. O relatório verificou a morte de ao menos 8.350 indígenas em 10 etnias estudadas, das 305 que vivem no Brasil, durante o período da ditadura.

Dando sequência às análises, no dia 15 de junho, Cosette publica a crônica “As últimas”, em que critica o governo de Minas Gerais pela concessão de apenas 10% de reajuste salarial aos operários que se articularam, no mês anterior, durante a greve de Contagem/MG, e reivindicavam aumento de 25% nos salários da classe: “(...) Minas retrocede, não vê que, nesta hora de trabalhador de pau nas mãos no meio da rua, o governo mineiro tem coragem de anunciar, aos que para ele trabalham, um aumento na base de 10%?”⁹⁹. Nesta mesma crônica, Cosette se posiciona ao lado dos estudantes ao depreciar a estagnação do governo perante as urgentes demandas de educação no país:

Mas aqui a coisa é outra, bem mais feia, imagina que o cabedal [capital] do país ainda não deu para o governo pensar em iniciar a educação do pobre povo. Neste negócio de ensino, só temos, de verdade, estudantes: o resto é ficção. Escolas, néris, professores, néris e até aqui, nesta cidade, os moços que sonham ser médicos, começam desconfiar, que não realizarão intento tão desmedidamente ambicioso já que não dispõem nem ao menos de um hospital para praticar, ora veja! (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 15/06/68)

No dia seguinte, em uma crônica aparentemente literária, Cosette dá indícios de já ter sofrido algum tipo de restrição em sua coluna, ao afirmar que “Nem por deixar de lado a máquina deixarei de escrever: posso continuar a fazê-lo mentalmente, e isto é que é o bom”¹⁰⁰. Além de ressaltar que a sua liberdade individual estava assegurada em sua mente, outro sinal de uma possível censura já ter cruzado o caminho da cronista se encontra no trecho “Também não me preocupo demasiado com o lado editorial: escrever é que importa, publicar são outros quinhentos”. Teria sido essa uma indireta proveniente de alguma publicação “engavetada”? Ficamos com a reflexão.

⁹⁸ Comissão Nacional da Verdade, Parte IV – Dinâmica das graves violações de direitos humanos: casos emblemáticos, locais e autores, capítulo 14, p. 707. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>, acesso em 09 de dezembro de 2018.

⁹⁹ Trecho retirado da crônica “As últimas”, em 15 de junho de 1968.

¹⁰⁰ Trecho retirado da crônica “Mudanças”, em 16e17 de junho de 1968.

Em formato de diálogo, a crônica publicada no dia 22 de junho se caracteriza por uma crítica mais velada direcionada à censura imposta às peças de teatro durante o regime militar. Citadas na crônica, o nome das peças de Plínio Marcos¹⁰¹ (“Navalha na Carne”¹⁰² e “Dois Perdidos”) e Nelson Rodrigues (“Toda a nudez será castigada”) nos remete não só a esses casos explicitados no texto de Cosette, como também a todos os outros trabalhos culturais e teatrais que buscavam uma reflexão, em meio aos tempos difíceis do regime militar e da censura, sobre as crenças e os costumes da sociedade da época.

Ainda leu o texto de A NAVALHA NA CARNE? Já ouviu falar em DOIS PERDIDOS, etc., etc.? Tem conhecimento de TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA? É tudo teatro que a censura bloqueia a pretexto de servir à moral, minha senhora. A censura alega que estas peças contêm palavras indecentes, palavras que não combinam com o padrão da família brasileira, resvalam para a escabrosidade [indecência]. Mas seus autores retrucam que a censura não tem o direito de ensiná-los a escrever, que os nomes feios estão no dicionário, fazem parte da língua, é abuso coibir palavras que mestre Aurélio registrou, e se teatro é vida, é cópia da vida, como teatro não pode lançar mão do que sobra na vida? (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 22/06/68)

As peças teatrais sofriam bastante perseguição da censura imposta pelo regime militar. E essa repressão não ocorria apenas nas grandes cidades do país, mas também pudemos encontrar exemplos na cidade de Juiz de Fora, conforme observamos no depoimento de José Luiz Ribeiro para a Comissão Municipal da Verdade, no dia 14 de novembro de 2014:

Você pega as artes, elas falavam tudo. Se você pegar a história do Divulgação, nós montamos justamente naqueles momentos assim “Pequenos burgueses”, do Gorki, montamos um repertório que parecia um símbolo do teatro russo. Quando chegou “O diário de um louco”, por exemplo, tinha uma cena, na adaptação do Rubem Rocha Filho, que era a passeata do “Deus, Pátria e Família” que o doido começava a contar, aí eles cortaram, a peça foi proibida na noite de estreia. Na hora que a gente estava pra estreia, estávamos lá, o público chegando, espetáculo vendido, chegaram e falaram “Olha, o espetáculo não pode, foi proibido”. (Depoimento de José Luiz Ribeiro à CMV-JF em 14/11/14)¹⁰³

¹⁰¹ “A partir dos anos 1960, o Brasil sofreu com a ditadura e o dramaturgo Plínio Marcos sentiu os reflexos do regime militar em toda sua produção literária desse período. As peças de Plínio recebiam o veto da censura por conterem muitos palavões e por serem indecentes (de acordo com as justificativas dadas pelos próprios censores ao barrarem uma das produções do dramaturgo), já que incitavam ao sexo e à violência, o que colocava em risco “a moral e os bons costumes” das famílias brasileiras.”(RODRIGUES, 2013, p.3).

¹⁰² “Logo, surgiu o interesse na montagem de Navalha por um grupo teatral, mas, já começados os ensaios, um decreto do Departamento da Polícia Federal censurava a peça em todo país, por considerá-la obscena, mórbida e, como descrevia a portaria de tal decreto, “[...] desprovida de mensagem construtiva, positiva e de sanções a impulsos ilegítimos, o que a torna inadequada à plateia de qualquer nível etário.” (RODRIGUES, 2013, p.3).

¹⁰³ Cf em: <http://www.ufjf.br/comissaodaverdade/depoimentos/>. Acesso em 09 de dezembro de 2018.

Cosette de Alencar repercute a “Sexta-Feira Sangrenta” em sua coluna no dia 23 de junho. A cronista também atua como “porta-voz dos estudantes”, ao reafirmar o direito deles pelas reivindicações, mas também repreende a atitude agressiva que partiu tanto da polícia, quanto dos jovens. Cosette constantemente demonstra em sua coluna ser a favor das manifestações pacíficas, sem violência e agressão, seja por parte dos estudantes ou dos policiais.

Nos últimos episódios verificados ali no Rio, todos perdendo para a insanidade (...). Os moços que reclamam escolas, professores, educação, merecem atenção, são dignos de consideração ampla: ninguém pode contestar-lhes o direito de tudo isto reivindicar. O que funciona neste país com o nome de ensino é uma farsa indecente, há muito tempo que isto é sabido de todo mundo: mas não é com matança no meio da rua que se resolverá o problema. Os moços têm razão quando exigem possibilidade de se educarem, não a têm quando vestem seus justos reclamos da roupagem da violência insana que não mede consequências. (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 23e24/06/68)

A “Sexta-Feira Sangrenta”, como ficou conhecida a grande manifestação ocorrida em 21 de junho de 1968, foi marcante não só para o Rio de Janeiro, mas para todo país. Este episódio foi deflagrado a partir do dia 20 de junho, em que centenas de estudantes foram violentamente reprimidos e presos após se reunirem no Teatro de Arena da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com o reitor e o Conselho Universitário, para um debate sobre a situação do ensino superior. Em consequência disso, na manhã do dia 21 de junho, sexta-feira, uma nova passeata em protesto contra a repressão paralisou o centro do Rio de Janeiro, resultando na reação agressiva dos estudantes perante as investidas da polícia.

Zuenir Ventura (1988) registrou a memória daquele dia em seu livro “1968 – O ano que não terminou”, conforme podemos observar no trecho abaixo:

Ao contrário do movimento francês, não se lutava no Brasil contra abstrações como a “sociedade de opulência ou a “unidimensionalidade da sociedade burguesa”, mas contra uma ditadura de carne, osso e muita disposição para reagir. As barricadas de Paris talvez não tenham causado tantos feridos quanto a “sexta-feira sangrenta” do Rio, para citar apenas um dia de uma semana que ainda teve uma quinta e uma quarta quase tão violentas.(...) Durante quase dez horas, o povo lutou contra a polícia nas ruas, com paus e pedras, e do alto dos edifícios, jogando garrafas, cinzeiros, cadeiras, vasos de flores e até uma maquina de escrever. (VENTURA, 1988, p.85)

O enfrentamento se estendeu até o início da noite e há uma controvérsia em relação ao número de mortos. O verbete do Centro de Documentação de História

Contemporânea (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, fala em “um saldo de 28 mortos, segundo informações dos hospitais – ou três, segundo a versão oficial”¹⁰⁴.

Na publicação do dia 26 de junho, externando um conservadorismo, Cosette estima pelo bom comportamento dos jovens, repudiando as ações de violência e “baderna”. Esta é a primeira e única aparição da subcategoria “crítica aos estudantes”, do total de 10 crônicas encontradas na categoria de análise “educação”, ficando as outras 09 identificadas na subcategoria “porta-voz dos estudantes”, durante a análise da coluna em junho de 1968.

(...) tudo é possível, o que se faz necessário é não desanimar, e abaixo os baderneiros, promover baderna é coisa de gente tantan, não acredito que os estudantes de miolo na cabeça endossem o processo de sair matando e apedrejando pelas ruas, lutando com a Polícia, que culpa tem a Polícia? É a Polícia responsável pela ausência de ensino no País? Ela é que está contra a educação? (Diário Mercantil, coluna Canto de Página, 26/06/68)

Neste mesmo dia em que a crônica estava sendo veiculada, acontecia na cidade do Rio de Janeiro uma expressiva mobilização nacional dos estudantes, apoiada também por artistas, intelectuais, organizações sindicais e a população no geral. Convocada como uma forma de protesto contra as mortes, as prisões e a violência policial, a “Passeata dos Cem Mil”, como ficou conhecida a manifestação, paralisou o Rio de Janeiro durante quase todo o dia 26 e marcou o momento de maior amplitude do movimento estudantil brasileiro desde 1964.¹⁰⁵

Na coluna “Canto de Página” a Passeata teve repercussão no dia 28 de junho. Em forma de diálogo, a crônica apresenta indagações e sugere respostas. Ao final, Cosette elogia a “passeata pacífica”, demonstrando simpatia pelos jovens que lutavam pelos seus direitos. (REIS, THOME, VALLADARES, 2018, p.112):

O que me confunde é a passeata da última quarta-feira. Parece que, ao lado dos moços, estiveram na rua, ali no Rio, professores, reitores, toda a direção da nossa organização universitária. (...) Colocando-se ao lado dos estudantes, a cúpula universitária do país sai de mansinho da arena, faz de conta que nada tem a ver com o entrevero. Deixa o governo na estacada, a espertinha. (...) Não ignoro que ao governo, tão omisso sempre no que se refere à educação do povo, cabe a culpa maior. Mas atrás deles tem gente em quantidade se aproveitando da sopa que a situação fornece, e achando danado de bom ser ela o que é. (...) Em todo caso, já acertaram com a receita da passeata pacífica. Sempre é um princípio, pois não? (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 28/06/1968)

¹⁰⁴ Cf em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/repressao-militar-protesto-estudantil-gera-sexta-feira-sangrenta-ha-50-anos-22772004>. Acesso em 06 de dezembro de 2018.

¹⁰⁵ Fonte: Centro de Documentação de História Contemporânea (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas.

Embora no dia 28 de junho Cosette tenha manifestado um tom de esperança em relação à “Passeata do Cem Mil”, ao afirmar “sempre é um princípio, pois não?”, logo no último dia do mês a cronista já desacreditava nas intenções da reforma da educação que estava em estudo.

E não se iludam, agora, os que pensam haver possibilidade de modificação no panorama educacional, visto o sucesso da passeata dos moços. Não é impossível que este sucesso tenha repercussão em algumas áreas políticas: político, como se sabe, capitaliza mesmo quando não investe. Escola, que é bom, e ensino, que é ainda melhor, dificilmente resultarão desta investida juvenil. (“Diário Mercantil”, coluna “Canto de Página”, 30/06/1968)

Encerrando este terceiro mês proposto no corpus de análise da presente pesquisa, pudemos observar que, com o decorrer dos meses de abril a junho, embora a coluna tenha mantido uma alta recorrência da temática educacional, a subcategoria política “crítica ao governo” representou significativo declínio de aparições. Concomitante a esta perspectiva, pudemos observar a progressiva aparição da temática mais literária na coluna.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 1968 marcou a ascensão da juventude como um ator social e político relevante, através dos movimentos estudantis que eclodiram e se fortaleceram ao redor do mundo. Através das reivindicações, protestos e manifestações, o protagonismo juvenil se expandiu mobilizando as diversas camadas da sociedade, influenciando significativamente os rumos da política nacional e internacional.

O movimento estudantil no Brasil foi relevante durante o período ditatorial, em que observamos a luta dos jovens no combate ao governo que deixou marcas e sequelas imensuráveis. Prisões arbitrárias, torturas intensivas, morte de jovens que lutavam por um ideal e impossibilidade de expressar opiniões caracterizaram esse momento turbulento da história. Com os Atos Institucionais, a ditadura militar anulou os direitos políticos e impôs de forma severa a repressão.

Analisando as estratégias narrativas utilizadas na coluna “Canto de Página”, o presente trabalho detectou uma imprevisível liberdade editorial nas crônicas escritas por Cosette de Alencar no decorrer do ano de 1968, em pleno período de progressiva censura, através de seus textos incisivos, sarcásticos, irônicos e críticos contra o regime ditador, ao mesmo tempo em que atuava como “porta-voz dos estudantes” e em favor da reforma estudantil no país. Outra estratégia detectada em análise para que a cronista pudesse driblar a censura do período consistiu na inclusão de muitas críticas ao final das crônicas, bem como a utilização de títulos que não revelassem o teor dos comentários que sucederiam em seus textos.

Sobre a temática da reforma na educação e os protestos estudantis foram publicadas, ao todo, 59 crônicas neste período, o que representa 25,3% do total de textos na coluna em 1968. Nos meses analisados exclusivamente nesta pesquisa pudemos perceber uma aparição crescente da temática educacional no “Canto de Página”, com 33,3% do total de textos na coluna em abril, 43,4% em maio e 41,6% em junho de 1968.

A obra cronística de Cosette, evidenciada através da coluna aqui estudada, resguardou a memória deste período histórico do país, evitando, através de suas crônicas, que esse passado caísse no esquecimento. Os acontecimentos de 1968, protagonizados pelos jovens, projetaram na cronista uma reflexão sobre o empoderamento dessa geração que contestava os valores e reivindicava seus direitos. Essa intelectual da elite juiz-forana, sendo tratada em todo lugar como uma autora conservadora e inicialmente simpática à ditadura

militar, apresentou outro perfil em 1968, diferente do que estava sendo sempre creditado a ela até então.

Cosette de Alencar foi uma cronista antes do seu tempo, uma mulher de classe média alta, que tinha uma vida intelectual próspera e um emprego público, mas mesmo assim não deixou de contribuir com suas crônicas diárias para o jornal “Diário Mercantil”, escritas durante os intervalos de seu horário de almoço do cargo público que também ocupava. Em redações que ainda eram tipicamente masculinas, Cosette apresentou-se como uma mulher pioneira em relação ao seu tempo. Vinda de uma cidade de interior do estado de Minas Gerais, um estado tradicionalmente com posições políticas extremamente conservadoras na época, a cronista não deixou de atuar como “porta-voz” dos direitos estudantis e das classes populares mais necessitadas, destaque este que espelha uma complexidade ao tentar decifrar o perfil da literata.

Durante a análise feita nesta pesquisa, ficou constatado que ao longo desse período estudado, a cronista mudou seus argumentos, tom das crônicas, temática e sua angulação. Ao mesmo tempo em que enaltece o presidente francês Charles De Gaulle, apoia os movimentos estudantis, mas sem abrir mão de também criticá-los.

A análise das crônicas de Cosette de Alencar apresentada neste trabalho evidencia que, apesar de apresentar um perfil conservador em momentos pontuais, Cosette de Alencar também se importava com a conjuntura estudantil e tinha apelo por suas causas, registrando, em meio às suas narrativas, um tom de denúncia, ora mais enfática ora de forma mais velada, com insinuações, ironias e metáforas. Nas crônicas analisadas, Cosette se posiciona contra a repressão policial, com mensagens de apoio e defesa aos direitos dos estudantes. A hostilidade que a cronista demonstrava em sua coluna com o governo Costa e Silva e sua política educacional já dava indícios do que viria a se configurar o golpe na educação.

A pesquisa detectou ainda que, apesar de apresentar um crescimento da temática educacional nos meses abril, maio e junho de 1968, na categoria Política o percentual de crônicas que transmitiram críticas diretas ao governo ditatorial sofreram queda, se apresentando com 37,5% do total de textos na coluna em abril, 21,7% em maio e 25% no mês de junho. Simultâneo ao declínio constatado na categoria Política observamos a ascensão da categoria Literatura, com 20,8 % do total de textos na coluna abordando a temática literária em abril, 21,7% em maio e 33,3% em junho. Dessa forma, podemos considerar esses dados como um reflexo do início da censura mais incisiva e repressão imposta naquele ano em que foi instituído o AI-5. O dia 13 de dezembro de 1968 serviu apenas para legitimar e endurecer

ainda mais as ações ditatoriais que já vinham sendo realizadas no país, no decorrer dos meses do referido ano.

Através do resgate do quantitativo reduzido de crônicas publicadas nos meses de novembro e dezembro (TABELA 1), bem como a identificação da ausência da temática sobre educação e política direcionada ao governo nestes meses, foi possível constatar que Cosette de Alencar sofreu um silenciamento político quando a reforma universitária se revelou um golpe na educação superior, evidenciado com as ações que precederam e procederam ao AI-5. Tal silenciamento nos remete também ao conceito de “língua-de-espuma”, de Eni Puccinelli Orlandi (2007), em que “os sentidos não ecoam, os sentidos se calam. Eles são absorvidos e não produzem repercussões” (ORLANDI, 2007, p.99).

Dessa forma a coluna “Canto de Página”, constituída por suas crônicas propagadoras da temática da política brasileira e educação no país, que agradavam aos que encontravam eco em suas reflexões, de repente se cala.

A pesquisa oferece a rememoração deste período de endurecimento ditatorial, meio século depois, refletindo a atuação da crônica, gênero formador de opinião, sob a censura crescente do período, ao mesmo tempo em que fazemos um exercício de releitura dessas narrativas. Quando não nos preocupamos em buscar informações sobre o passado estamos sujeitos a deturpá-lo, e é exatamente contra um esquecimento manipulado do período ditatorial que devemos construir um dever de memória, fazendo com que esse momento histórico seja contado e lembrado de forma integral, revelando a dimensão das atrocidades e injustiças acometidas no período e que não devem ser esquecidas jamais. Esses níveis de esquecimento devem se transformar em memórias permanentes.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Maria Paula. **Memórias estudantis**: da fundação da UNE aos nossos dias. Rio de Janeiro: RelumeDumará; Fundação Roberto Marinho, 2007.
- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: Nunca Mais**. Petrópolis: Vozes, 11ª Edição, 1985.
- ARRIGUCCI, Davi Júnior. **Fragmentos sobre a crônica**. In: _____. Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- AUGUSTINHO, A. M. N. “**Des-romantizar**” o movimento estudantil: uma releitura da atuação de estudantes do interior paulista no movimento estudantil de 1968. 2010. 175 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.
- BALTAZAR, Glória Maria de Oliveira. **Um trem no caminho da ditadura militar**: narrativas ressignificadas a partir dos depoimentos para a Comissão Municipal da Verdade de Juiz de Fora. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BELLINGIERI, Julio Cesar. **A Economia no Período Militar (1964-1984)**: crescimento com endividamento. Revista Hispeci & Lema, Bebedouro-SP, 2005. Disponível em: unifafibe.com.br.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1980.
- CALIXTO, Ana Paula Guilhermino Barreto. **Enrique de Resende e Cosette de Alencar**; dois escritores mineiros nas malhas da correspondência – 1965. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.
- CANDIDO, Antonio et al. **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CASADEI, Eliza Bachega. **Jornalismo e Reconstrução do Passado**: os fatos históricos nas notícias de hoje. Curitiba: Editora Appris, 2012.
- COMISSÃO MUNICIPAL DA VERDADE. **Memórias da repressão**: relatório da Comissão Municipal da Verdade. Juiz de Fora, MAMM, 2016.
- COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Parte IV – Dinâmica das graves violações de direitos humanos**: casos emblemáticos, locais e autores, capítulo 14, p. 707. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>, acesso em 09 de dezembro de 2018.
- COUTINHO, Afrânio. **Ensaio e Crônica**. In _____. (Org.) A Literatura no Brasil. V 6. Teatro, Crônica, A Nova Literatura, Conto. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1971.

CUNHA, Luiz Antonio; GÓES, de Moacir. **O Golpe Na Educação**. 11ª, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro. 1989.

DINIZ, Carmen Regina Bauer. **Movimentos feministas da década de sessenta e suas manifestações na arte contemporânea**. 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais – 21 a 26/09/2009 - Salvador, Bahia.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. **Da universidade “modernizada” à universidade disciplinada: Atcon e Meira Mattos**. São Paulo, Editora Cortez, 1991.

_____. **A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968**. Curitiba: Educar, Editora UFPR, nº 28, p. 17-36, 2006.

FICO, Carlos; ARAUJO, Maria Paula. **1968, 40 Anos Depois: História e Memória**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

FRANZON, Sadi. **Os acordos MEC-USAID e a Reforma Universitária de 1968: as garras da águia na legislação de ensino brasileira**. In: IX Congresso Nacional de educação (EDUCERE). PUCPR, 2015. In http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21202_9057.pdf, acesso em 5/5/2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice. 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JORGE, Fernando. **Cale a boca, jornalista!**. Petrópolis: Vozes, 1987.

KRÜGER, Cauê. **Impressões de 1968: contracultura e identidades**. Maringá, v. 32, n. 2, p. 139-145, 2010.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda; Jornalistas e Censores, do AI-5 à constituição de 1988**. São Paulo: Boitempo; FAPESP, 2004.

LEAL, Paulo Roberto Figueira; CARVALHO, Marcela Penna; TENÓRIO, Giliard Gomes; FERNANDES, Livia. **O Diário Mercantil de Juiz de Fora e as transformações da imprensa brasileira nos anos 50 - a cobertura política entre 1955 e 1965**. XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste. Juiz de Fora, MG: Intercom Sudeste, 2007.

LEAL, Paulo Roberto Figueira; MENDES, Gláucia da Silva; FERNANDES, Livia. **“A Capital Revolucionária”**: o Diário Mercantil de Juiz de Fora e a representação jornalística do papel da cidade no golpe militar. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, RN: Intercom, 2008.

LISIEUX, D. Oliveira; MUSSE, Christina Ferraz. **O “Diário Mercantil” no Golpe Militar de 1964**: como um jornal de província auxiliou na consolidação do golpe. IX Encontro Nacional de História da Mídia. Ouro Preto, MG: Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.

MOL, Isabela Baião. **Cosette de Alencar**; A cronista de seu tempo. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora**. 1. ed. São Paulo: Nankin, 2008. v. 01. 344pp .

_____. **A trajetória do Diário Mercantil: alter ego da cidade de Juiz de Fora**. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, RN: Intercom, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**. Campinas. Editora da Unicamp, 2007.

PAULA, Christiane Jalles de. **A repressão na Universidade Federal de Juiz de Fora: memórias dos estudantes e dos professores**. XI Encontro Regional Sudeste de História Oral. Niterói, RJ: Regional Sudeste de História Oral, 2015. Disponível em: <
http://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1435712547_ARQUIVO_ArepreessaonaUniversidadeFederaldeJuizdeForamemoriasdosestudantesedosprofessores.pdf>

PAULA, Luciana Gonçalves Pereira de; DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Um convite à rebeldia: movimento estudantil de serviço social no diretório acadêmico Padre Jaime Snoeck**. LIBERTAS: revista da Faculdade de Serviço Social UFJF. Juiz de Fora: UFJF, v.6 e 7, n. 1 e 2, p.149 - 174, jan-dez / 2006. Disponível em:
<<https://libertas.ufjf.emnuvens.com.br/libertas/article/view/1772/1247>>.

PEREIRA, C. A. M. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PURDY, Sean. **1968: a rebelião estudantil nos Estados Unidos**. Revista Cult, n.126, 2008.

REIS, Marco Aurelio; THOMÉ, Cláudia; VALLADARES, Marcela et al. **1968, DE MAIO A DEZEMBRO** Jornalismo, imaginário e memória. Porto Alegre: Editora Sulina, 2018.

RODRIGUES, Sergio Manoel. **Denúncia e consciência em Navalha na Carne, de Plínio Marcos**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

ROSA, Rita de Cássia Vianna et al. **Os intelectuais e a imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2015.

ROTHEN, José Carlos. Os Bastidores da reforma universitária de 1968. In. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 453-475, mai./ago. 2008.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 2005.

SANDER, Roberto. 1968: Quando a Terra Tremeu. Belo Horizonte: Editora Vestígio, 2018.

SILVA, Juremir Machado da. **1964 Golpe Midiático-Civil-Militar**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de. **A era dos estudantes:** Rio de Janeiro, 1964-1968. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, n.8, 2014, p.379-397.

SOARES, Maria Lucia de Amorim; PETARNELLA, Leandro. **1968, o ano que ainda faz pensar:** intelectuais indagam sobre a irrupção dos jovens na sociedade industrial. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 14, n. 2, p. 267-290, jul. 2009.

THIOLLENT, Michel. **Mai de 1968 em Paris: testemunho de um estudante.** Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10(2): 63-100, outubro de 1998.

THOMÉ, Cláudia. **Literatura de ouvido;** crônicas do cotidiano pelas ondas do rádio. Curitiba: Appris, 2015.

THOMÉ, Cláudia; REIS, Marco Aurelio; VALLADARES, Marcela. **De general a ativista das letras; o cronismo de Cosette de Alencar nos primeiros anos da ditadura.** XIII Encontro Regional de Comunicação. Juiz de Fora, MG: Erecom: Comunicação, Memória e Autoritarismo, 2015. In <http://www.ufjf.br/facom/files/2016/06/ANAIS-ERECOM-2015.pdf>, acesso em 18/07/2018.

TODOROV, Tzvetan. **Les abus de la mémoire.** Paris: Arléa, 1995.

VENTURA, Zuenir. **1968: O ano que não terminou.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA JOSÉ LUIZ RIBEIRO AO GRUPO DE PESQUISA NARRATIVAS MUDIÁTICAS E DIALOGIAS, EM 20/11/18

Narrativas Mudiáticas e Dialogias: Como era a orientação que o Diário Mercantil recebia para a cobertura do movimento estudantil em 68?

José Luiz Ribeiro: 1968, o que acontece, eu participava no jornal como eu fui primeiro o programador e depois eu fui o editor do segundo caderno... a gente se lembra que existia no Diário Mercantil uma entrada e chegava o cara da Polícia Federal com um monte de anotações e passava para ele (para o diretor do jornal) o que não podia ser falado. Não é?! O que acontece, o movimento da universidade, o movimento estudantil, na época inclusive eu fui um pouco antes, 66 eu fui presidente do Diretório Acadêmico Tristão de Ataíde, que era o da Faculdade de Filosofia, que era também do curso de Jornalismo, que depois ele continuou sendo Tristão de Ataíde até mudar, foi até a Raquel Scarlateri como presidente acho que do diretório que mudou o nome justamente para o que vocês tem de Wladimir Herzog hoje né?! ... esse movimento ele era muito mais, como é que eu te diria, ele era um resistência porque os ideais tinham e tudo, mas houve um determinado momento que os diretórios inclusive foram proibidos de fazer posse... outro dia até eu resgatei o meu discurso e ele dizia o seguinte: “há um cheiro de pólvora na fala desses meninos”, então essa colocação a gente fazia porque a gente tava ligado a teatro e tudo... e minha relação com a Cosete era muito legal porque era um momento que a redação estava vazia, porque eu trabalhava no departamento de cultura e promoções, então o trabalho que eu tinha que fazer no jornal eu fazia justamente praticamente na hora do almoço, que era a hora que estava a Cosete, o doutor Hipólito também costumava ficar nesses horários assim, então a gente conversava em cima disso e a Cosete era mais ligada à literatura, a ligação dela era muito forte, e as crônicas dela se você levantou hoje, era muito engraçada porque às vezes ela fazia crítica até o pessoal assim do jornal né, os diretores, a mulher do diretor que era gorda e tudo ela contava aquela história e a gente morria de rir porque ela fazia isso e as pessoas não notavam de repente esse tipo de crítica. Ela era muito rígida e a gente teve uma ligação muito boa ... então a gente tinha uma relação muito, eu diria carinhosa, porque eu sempre tive uma coisa, mesmo quando eu era jovem, eu já fui jovem, (risos) eu tinha uma relação com os jornalistas mais velhos assim, de ouvir, eu sempre adorei saber as histórias deles, então quando a Cosete contava essas histórias era muito legal a forma né... e ela tinha uma relação muito ligada como leitora né, que ela recebia, e com todos

os poetas mineiros e tudo, ela tinha uma relação muito grande com o pessoal do Estado de Minas né, que era ligado...

Narrativas Midiáticas e Dialogias: Eu notei nas crônicas da Cosette, que tanto ela tem momentos que age como porta-voz dos estudantes, falando que eles têm mesmo que reivindicar, e em alguns momentos ela critica. Ela critica como “baderneiros”, aí é difícil de decifrá-la nesse sentido.

José Luiz Ribeiro: Não, não... Eu acho, num certo sentido, ela era fruto de um tempo mais conservador, então, a gente que tava por exemplo em Diretório Acadêmico era contra ditadura, mas ela era também um fruto daquele tempo que parece com o tempo que a gente esta vivendo... a gente criticava muito, ria muito, que as mulheres com a “marcha com Deus, pátria, família”, aquele negócio, e que na época do tenentismo você também tinha essas coisas, quer dizer, você tem por exemplo, as pessoas que reagem de uma forma que a gente vai considerar que é uma forma reacionária. Mas é aquelas pessoas que tem um encontro com tradição... eu estive numa exposição de 68 lá no Rio de Janeiro, eu vou te mostrar uma passeata pra você sentir, olha aqui, o que que acontece, você vai perceber, essa exposição mostrava muito modificações de costumes, que as pessoas começaram a fumar seus baseados, esse negócio todo, e a partir daí, havia conflito por exemplo, entre a Cosete, a formação dela, que era uma formação religiosa, por assim dizer, né. Então você vê, isso aqui é uma passeata de 68 (mostra uma foto). Você acha que isso aqui não chocava as famílias tradicionais? ... Há pessoas que são mais pra frente, outras que são mais pra trás. Então esse conflito a gente via na Cosette... É a mesma coisa de você aceitar o movimento. Mas você não aceita quando eles começam a quebrar os vidros todos, aquilo foi uma desqualificação do movimento que tava saindo na rua, ordeiro, ou da morte lá do jornalista que levou o foguete que morreu... Então essas coisas ela tinha sensibilidade, e você vai entender que em determinados momentos ela vai, ela fala: “não, a juventude tem direito a isso, mas tem que ter limite. Não pode ultrapassar o limite”. É uma coisa que a gente está vivendo hoje nessa confusão, está entendendo? Então eu acho que se você pegar as crônicas dela, a gente vê isso...

Narrativas Midiáticas e Dialogias: Ela escrevia na redação ou enviava os textos dela?

José Luiz Ribeiro: Não, não, na redação. Eu sempre chegava, ela tava lendo, lendo, escrevia... ela ficava na redação, ali mesmo.

Narrativas Midiáticas e Dialogias: E ela ficava mais ou menos qual o período do dia?

José Luiz Ribeiro: Ela ficava na hora do almoço.

Narrativas Midiáticas e Dialogias: Mas ela chegava antes?

José Luiz Ribeiro: Aí eu não sei, e aí eu encontrava com ela na hora do almoço, não sabia que horas, era um horário que a redação ficava também mais calma, porque depois começava a chegar o jornal, é o tempo do linotipo, que é o chumbo caindo, aquela rotativa, não é hoje o que você encontra numa redação asséptica, toda branca, no computador, havia barulho de máquina batendo o tempo todo, pessoal rindo, chegando. “Morreu um”, saía tudo correndo no “Diário da Tarde”, saía correndo pra ver o que aconteceu. Mas ela desaparecia justamente ali pelas, quando ia dando uma e meia, duas horas, era hora dela ir embora, que era a hora que a redação começava a ferver né.

Narrativas Midiáticas e Dialogias: E como que era essa atuação dela até, não só no final de 68, até no início mesmo, na questão do maio na França, vocês conversavam sobre isso?

José Luiz Ribeiro: Ela conversava muito sobre literatura, sabe? Sobre literatura, sobre o romance dela ela falava muito. E sobre as coisas, porque ela trabalhava muito, tocava isso, porque esse maio de 68, quando ele chega aqui todo o movimento francês da Sorbonne, que pegou a gente lá, aqui tava pegando justamente a censura. Quer dizer, então aquilo, aquela contracultura que tava havendo lá, a gente aqui tinha o cachimbo do Mourão pra gente tentar apagar, você está entendendo? A gente via isso tudo é claro, que toda a preparação que a gente tinha como universitário, porque não havia ninguém, todo mundo era de esquerda né, como que você podia falar? E a preparação mesmo das pessoas, o que se fazia, trabalhava nesse processo. Agora, a gente comentava as coisas comuns, porque era a época que tava vivendo, ainda não tinha aquela interligação... Mas a relação da gente era muito literatura, porque eu era segundo caderno né, então segundo caderno era mais arte e tudo. Então, embora ela fosse uma mulher de letras.

Narrativas Midiáticas e Dialogias: Eu até notei também nas crônicas dela que enaltece muito Charles De Gaulle, por isso que eu te perguntei da França. Ela tinha uma admiração muito grande, né?

José Luiz Ribeiro: Ela tinha um temperamento normal conservador da época né, uma pessoa mais antiga. De uma Juiz de Fora muito religiosa, de bispo, da Geralda Armona no Museu Mariano Procópio, está entendendo? 1968, ou um pouquinho, essa virada de 68, ela altera também o comportamento do universitário. Em termos disso né, o comportamento até eu te diria, moral. Houve uma virada muito grande... aí quando veio o golpe de 64, foi um momento que o pessoal que era noivo de repente acabou o noivado e saiu do armário, teve um movimento assim, as meninas se soltando mais, em termos até de sexualidade e de experimentação mesmo, né...

Narrativas Midiáticas e Dialogias: Ela tinha a liberdade de escolher o que ela ia abordar na crônica dela? No jornal?

José Luiz Ribeiro: Ela era a dona, ela era respeitada como a dona das coisas. Que era a coluna dela, e a coluna da Igreja em Marcha, que o pessoal da Catedral fazia.

Narrativas Midiáticas e Dialogias: Então assim, ela que escolhia mesmo o que ela ia publicar?

José Luiz Ribeiro: Não havia esse tipo de censura não.

Narrativas Midiáticas e Dialogias: E mesmo em 68, com o AI-5? Porque eu reparei que as crônicas dela foram sumindo, ela falava muito da temática política no Canto de Página. Aí em dezembro até mesmo depois do AI-5 meio que some um pouco, ela não aborda tanto, a coluna desaparece um pouco.

José Luiz Ribeiro: É porque o que acontece, o seguinte: você viu como é que esse país se dividiu agora na véspera da eleição? As pessoas que você menos achava que pudesse falar em política passaram a discutir política. As famílias passaram a brigar, eu acho que as redes sociais ajudaram muito isso, mas naquele momento houve uma retração também... quando o

governo militar vira e fala assim: “olha, lá fora tem briga, tem revolta, e aqui no Brasil não tem”. Mentira, porque tinha censura e não deixava publicar. Exatamente igual o DIP do Estado Novo lá do Getúlio... Então, houve uma retração com relação a isso, por exemplo, no campo do teatro, em 1968 nós fizemos Bodas de Sangue, e fizemos Electra, de Sófocles. Por quê a gente não tava fazendo mais Boal? Porque era, todo mundo fazia, “Eles não usam black tie”, porque a censura estava proibindo. Então se você pegar o repertório do Divulgação dessa época, é um repertório muito russo, “Pequenos burgueses”, “Diário de um louco”, “O urso”, Chekhov, essas coisas todas, realismo social e tudo, que era a chance da gente passar na censura e eu acho que isso acometeu também o jornal, não podia falar abertamente. Mesmo porque eram “Diários Associados”, do Assis Chateaubriand, né.

Narrativas Midiáticas e Dialogias: Como você descreveria a Cosette cronista em 68?

José Luiz Ribeiro: Uma jornalista com acuidade, uma cronista com acuidade, mas fiel a um cotidiano. Acho que não era uma visão holística da política, mas um cotidiano. Ela era mineiramente cronista. E como mineiramente, ela tocava nos assuntos como se fossem causos. Eu acho que seria isso que eu falaria da Cosette.

APÊNDICE B – LISTAGEM DAS CRÔNICAS DURANTE ABRIL DE 1968

- 02 (terça) – Que Choldra!
- 03 (quarta) – Receita para os moços
- 04 (quinta) – Escute, moça
- 05 (sexta) – Na janela
- 06 (sábado) – Conversa fiada
- 07e08 (domingo/segunda) – O perigo de ser feliz
- 09 (terça) – Ainda é tempo
- 10 (quarta) – Predestinações
- 11 (quinta) – Nós somos latinos
- 12 (sexta) – Só Deus
- 14e15 (domingo/segunda) – Uma coisa só
- 16 (terça) – O copo entornou
- 17 (quarta) – Muitas
- 18 (quinta) – Dois assuntos
- 19 (sexta) – Tudo droga
- 20 (sábado) – Vagas acadêmicas
- 21e22 (domingo/segunda) – Cheira mal
- 23 (terça) – Palavra de ordem
- 24 (quarta) – Por fim, poesia
- 25 (quinta) – Do que falta
- 26 (sexta) – Os novos
- 27 (sábado) – Atuais
- 28e29 (domingo/segunda) – Muito precário
- 30 (terça) – Muito confuso

APÊNDICE C – LISTAGEM DAS CRÔNICAS DURANTE MAIO DE 1968

- 01 (quarta) – O que importa
- 03 (sexta) – Pouco importa
- 04 (sábado) – Conversa com Prudêncio
- 05e06 (domingo/segunda) – Não vale a pena
- 07 (terça) – Recado a Germana Tânger
- 08 (quarta) – Em Paris
- 09 (quinta) – Um homem sem medo da verdade
- 11 (sábado) – Edmundo Lys na Academia
- 12e13 (domingo/segunda) – Do trabalho
- 14 (terça) – Viver é isto
- 15 (quarta) – Estado de desgraça
- 16 (quinta) – Vai bem
- 17 (sexta) – O Beto, um moço
- 18 (sábado) – Morfina
- 21 (terça) – Cantos
- 22 (quarta) – Acaciano
- 23 (quinta) – Matar a sede
- 24 (sexta) – Do lobo
- 25 (sábado) – De primeira
- 28 (terça) – Esperemos
- 29 (quarta) – Carapuça
- 30 (quinta) – Assim...
- 31 (sexta) – 118

APÊNDICE D – LISTAGEM DAS CRÔNICAS DURANTE JUNHO DE 1968

- 02e03 (domingo/segunda) – Duzentos
- 04 (terça) – Raro
- 05 (quarta) – Dos alicerces
- 06 (quinta) – O salto mortal
- 07 (sexta) – As vinhas da ira
- 08 (sábado) – Das diferenças
- 09e10 (domingo/segunda) – Um ensaio sobre Rubén Darío
- 11 (terça) – Uma nova América
- 12 (quarta) – Em toda parte
- 13 (quinta) – Vale a pena?
- 15 (sábado) – As últimas
- 16e17 (domingo/segunda) – Mudanças
- 18 (terça) – Leviandade
- 19 (quarta) – Várias
- 20 (quinta) – Voltarão os bons tempos?
- 21 (sexta) – Aqui ainda está bom
- 22 (sábado) – Entrevista
- 23e24 (domingo/segunda) – Tem concerto
- 25 (terça) – Tempo brasileiro
- 26 (quarta) – Novíssimas
- 27 (quinta) – Um ar de eternidade
- 28 (sexta) – Diálogo
- 29 (sábado) – Páginas para o suplemento
- 30 (domingo) – Uma piada

APÊNDICE E – CATEGORIAS E EXEMPLOS DE ABRIL DE 1968

02 (terça) – Que choldra!

POLÍTICA – Crítica ao governo: “Que nos resta senão encarar os fatos consumados? Não podemos modificá-los. Assim, reconhecida a verdade primária de que efetivamente estamos em crise em todos os setores, e de que falharam inteiramente as lideranças que constituem o cerne da Nação, sobra unicamente a esperança de que algum fator inesperado altere a fisionomia da nossa desgraça.”

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “E agora, tão tarde, estou convencida de um fato em que muito me custou acreditar: existem realmente forças poderosas que lutam, obstinadamente, neste País, para impedir que nossa juventude seja educada. Isto, pelo menos, ficou claro. Ficou claro para mim. Quanto aos demais, que sei eu? Diz-se que uma boa parte da nossa gente meteu a cabeça na areia há muito tempo. Outra parte nem mesmo precisou de apelar para tal recurso: faltava-lhe o que esconder.”

03 (quarta) – Receita para os moços

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “Que desejam os estudantes? Um Brasil melhor. Como encaram alcançar tal meta? Dispondo de facilidades no campo educacional. Até aí, parece tudo certo. Mas a verdade é que, falhos de uma visão segura de suas carências, desprovidos de conhecimentos reais sobre a situação nacional, prejudicados pelo nível muito baixo da educação que recebem (quando recebem qualquer educação), nossos moços são presa fácil para os agitadores que, esbulhando-os, deles se servem matreiramente. E o pior é que, toda vez que uma bala repressiva atinge um alvo inesperado, quem morre é sempre um estudante de verdade. Na hora do sacrifício, os tais penetras jamais deixam de por o corpo fora... Mas há remédio para tal situação. O remédio é encetar [iniciar], depressa, a obra gigantesca da educação da nossa mocidade. Educação de verdade, esclarecedora, equilibrada, racional. Dar aos moços do País o melhor nível pedagógico que seja possível aos recursos nacionais. Pôr de lado outras metas, adiáveis, e concentrar esforços na meta-educação.”

04 (quinta) – Escute, moça

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “(...) me declarei do lado dos moços. Pois estou. Você não está? Parecem-me sacrificados, os moços, expostos, indefesos. Com isto, tontos, atrevidos, inseguros. E apolíticos. (...) Podem ser manobrados, e o são mesmo. Mas ser apolítico é já não pequeno título, dá-lhes direito à margem grande de respeito. (...) Isto,

naturalmente, não dá carta branca aos moços para bagunçarem o coreto. Mas dá-lhes direito a um certo crédito."

POLÍTICA – Crítica ao governo: “Na verdade, não foi o fuzil do soldado incriminado no caso que matou o jovem Néelson Luiz : para mim, matou-o muito principalmente o "status" em que nosso País vive. (...) E tem muita gente morrendo mercê dessa situação incômoda, ainda que de morte menos escandalosa do que a do estudante do Calabouço.”

05 (sexta) – Na janela

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “Primeiro, tem a histórica hesitação de Johson na questão dilatada do Vietname, hesitação tingida de não pequena melancolia pessoa. Se a gente não se engana, o Presidente dos E. Unidos atravessa fase de grande desilusão com o poder, e não o esconde. (...) Disporá de um refúgio o primeiro-ministro Kosygin? Se dispõe, dele não fala. Ainda não soou, para ele, ao que parece, a hora da busca ao sossego. Por enquanto, todo seu cuidado está posto na luta em que tenta dissuadir os E. Unidos de prosseguirem com as hostilidades no sudeste asiático. (...) Mas Mao continua impávido. Entre os versos que improvisa, as horas serenas que dedica à natação nos rios chineses e a construção da Nova China, parece um homem feliz.”

06 (sábado) – Conversa fiada

POLÍTICA – Crítica ao governo: “Sinceramente, não tenho a menor ilusão sobre a possibilidade de termos aqui uma democracia, ou até mesmo um válido arremedo [imitação] de democracia, nestes próximos anos. (...) Nestes últimos quatro anos de governantes impostos não fizemos qualquer progresso no setor da educação política. Pelo contrário. Que concluir, então? Não vejo nenhuma conclusão a tirar. Se ficar o bicho pega, se correr o bicho come. Nem me declaro favorável à manutenção do que aí está. (...) Penso que, eventualmente, poderá dar-se o caso de, na loteria eleitoral, caber-nos, senão a sorte grande, pelo menos algum prêmio de consolação: não teremos o que sonhamos, mas também não teremos o que tememos. Já não estará tão mau.”

07e08 (domingo/segunda) – O perigo de ser feliz

POLÍTICA – Crítica ao governo: “Por exemplo: as estatísticas provam que o índice de suicídios é muito mais elevado na Suécia do que no Brasil, por incrível que pareça. Tudo indica que a fome, a miséria, o atraso, o desconforto, a doença são mais estimulantes que seus

antônimos: enquanto o brasileiro, roído de carências, aguenta firme o rojão, o sueco entrega os pontos.”

09 (terça) – Ainda é tempo

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “Está mais do que provado ser um erro, e crasso, colocar a questão dos nossos estudantes na alçada da polícia. Não é com gás lacrimogênio nem com borracha que se conseguirá obter dos moços sublevados ouvido atento. Assim, tudo se agravará constantemente. Encolerizá-los é má política: enraivecidos, ninguém poderá detê-los. E o pior poderá acontecer. A polícia não pode ser usada neste caso. Neste caso a palavra deve caber aos professores, talvez mais ainda do que aos pais dos moços. Os professores têm um papel a cumprir no episódio que o País está a viver. (...) a solução pode ser outra, tem de ser esta: reforçar depressinha o esquema educacional do País, dar recursos às escolas, dar professores de verdade ao ensino.”

10 (quarta) – Predestinações

CIDADE – Cultura e memória: “Ironicamente, a lembrança da última vez que compareci ao salão da rua Carijós, em Belo Horizonte, voltou-me nítida à memória: fora por ocasião da festa que Néelson de Faria organizou para entregar a Mário Palmério o Prêmio Gilberto de Alencar... Néelson morto, Palmério imortalizado, apenas um ano e meio decorrido, bem diferente me pareceu o ambiente da Academia.”

LITERATURA – Análise: “O que importa, para quem escreve, é atingir o leitor. Só isto. Isto tudo. Que é meta danadamente difícil está na cara. O leitor, todos os dias, torna-se mais exigente, mais esquivo, mais restritivo.”

11 (quinta) – Nós somos latinos

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “E quanto à barbaria dos E. Unidos, não há dúvida que a gente sempre teve muitas suspeitas sobre sua existência. Civilização bárbara. Caldeamento monstruoso de raças antagônicas, desumanização maciça, submissão total à máquina, à técnica, inteira sujeição à matéria. Tinha que dar no que deu, e a gente ainda não viu o pior. O pior continua no tinteiro. E explodirá a menos que se verifique um recuo espetacular. Nada indica que este recuo se registre tão cedo. (...) E não digo isto por causa do negro agora assassinado. A luta racial não é episódica nos E. Unidos: é permanente. Matar um negro, nos E. Unidos, parece ato meritório à boa parte da gente norte-americana. Que, aliás, não esconde este modo de ver. O ódio racial é, nos E.U., arma política poderosa:

em muitos Estados norte-americanos a tomada de posição contra a integração racial elege governadores. Asqueroso? Pode parecer. Mas o progresso da maior nação do mundo, não apenas da maior, mas da mais rica e mais desenvolvida, está cheio de facetas nauseantes.”

12 (sexta) – Só Deus

POLÍTICA – Crítica ao governo: “Tudo, aqui, mercê das circunstâncias que todos conhecemos, dá em água de barrela: nem mesmo base para uma ditadura legítima possuímos. Ficamos, na área política, no esboço, na intenção, no malogro.”

14e15 (domingo/segunda) – Uma coisa só

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “Fora isto, as novidades estão hoje com cara de sono, todo mundo decerto preocupado com a páscoa e os ovos que o coelhinho terá, ou não trazido. Para não deixar de aparecer, os jornais iludem o leitor com requentados (...). O que avulta é o subjetivo, o miudinho que diz respeito a cada qual, caindo no vazio as manchetes universais. Mais negros morreram? Um estudante foi ferido em Berlim? Johnson parece preocupado? Tudo isso pode esperar. Tudo isto terá de esperar. Cada coisa tem sua hora.”

16 (terça) – O copo entornou

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “Velho e arcaico como é, o organismo pedagógico que esmaga o estudante brasileiro está alicerçado firmemente nos usos do País. Não vai ser mole atacá-lo, muito menos ainda destruí-lo. Primeiro, há que fazer surgir, na área competente, a firme intenção de encetar realmente a reforma por que todos esperam. Depois, outros quinhentos virão. Não será fácil que além da instintiva inércia nacional, outros instintos se levantarão: o menos pernicioso deles não será, certamente, aquele que determina nossa fatal inclinação pelo safado "slogan" de recente governo do País: deixar como está para ver como fica.”

17 (quarta) – Muitas

LITERATURA – Análise: “Quanto a mim, em matéria de leituras, com perdão dos que ainda me remetem livros, estou em recesso, pondo em dia um plano antigo que não me dá folga para o que lhe foge à pauta. Estou lendo apenas dentro deste plano. Até que preciso, e muito, de um exemplar do ANTIMEMOIRES de Malraux. Será possível que, dos trezentos mil já editados desta obra, em prazo relâmpago, nem um só chegue a esta nossa cidade? Ah,

se alguém souber onde seja possível encontrar um por aqui, avise-me, por caridade: corro atrás no mesmo instante.”

18 (quinta) – Dois assuntos

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “(...) nós aqui tomamos consciência de que estamos, mais uma vez, diante de uma encruzilhada: ou arrancamos ou despencamos... E foram os moços que, afinal, obrigaram o País a abrir os olhos. São eles mesmos que, no mundo inteiro, estão a alertar os mais velhos para o estado de insolvência em que a civilização ocidental se encontra.”

CIDADE – Cultura e memória: “Conheço São João del Rei muito bem, lá passei numerosas férias. É verdade que num tempo em que não se falava em turismo por aqui, mas a cidade já era um negócio. Os templos, os casarões coloniais, as cerimônias religiosas, a doçura da vida ainda muito típica, a ponte da Cadeia, o Lenheiro a serpear no centro urbano, a voz dos sinos (ah, a voz dos sinos!), os cemitérios encantadores, São João del Rei vale uma visita demorada, uma visita enamorada. Há anos que lá não volto, mas tenho no roteiro de andanças futuras um reencontro marcado com a igreja de São Francisco de Assis.”

19 (sexta) – Tudo droga

CIDADE – Cultura e memória: “Mas, outro dia, em Belo Horizonte, subindo ao 9º andar onde agora Eduardo Frieiro reside, depois de ter reunido dois apartamentos numa única morada, um deles destinado exclusivamente à sua biblioteca, que vi? Guiada por d. Noêmia, risonha, acolhedora, simpática, atravessei silenciosamente o primeiro apartamento para ir deparar, no segundo, com o seguinte quadro: deitado no chão, ilhado do mundo, alheio a tudo, mestre Frieiro compulsava livros.”

20 (sábado) – Vagas acadêmicas

LITERATURA – Divulgação: “Quanto ao Ascendino, está datilografando os manuscritos de mais quatro volumes de seu diário: AS RODAS DE EZEQUIEL, UMA CERTA PESSOA, UM ANO NO OUTONO e O VIGIA DA TARDE. Parece-me natural que exulte com este trabalho, que eleva a sete o total das partes do seu AS DURAÇÕES. E ainda me conta ele que O SALTO MORTAL foi reeditado (edição de bolso). O BRASILEIRO terá também nova edição pela Gráfica Record, que ainda nos dará mais uma versão da sua tradução de ARMANCE de Sthendal.”

21e22 (domingo/segunda) – Cheira mal

LITERATURA – Análise: “O importante, no setor da erudição é menos a quantidade do que se lê do que a maneira por que se lê. Ninguém ignora que os verdadeiros conhecedores do ofício literário são, exatamente, os que aprofundaram a ciência de aprofundar leituras. Não lêem em excesso: apenas sabem ler o que lêem. Um livro nem sempre se nos entrega da primeira vez: há que pacientemente trabalhá-lo no sentido de dele se obter uma posse satisfatória. (...) Ler muito não significa, forçosamente, armazenar erudição. Cultura não é unicamente desfiar livro.”

23 (terça) – Palavra de ordem

POLÍTICA – Crítica ao governo: “Quando eles declararam que a ordem, a qualquer custo, será mantida no País, põem-se do outro lado e condenam-se a si mesmos. Estão cansados de saber que vivemos em plena desordem, e há muito tempo. Não é a bomba atirada num grande jornal paulista que frisa a intranquilidade brasileira, que ela faz é revelar, na paisagem convulsionada da Nação semi-desperta, a presença de agitadores profissionais. Não temos qualquer ordem para ser mantida.”

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “Ela aí está [a mocidade], e quer seu lugar: se não lho cedermos de boa vontade, vamos ter muita pedrada chovendo em cima das nossas cabeças. Sou, convictamente, pelo direito dos jovens de se sentarem à mesa do banquete da vida. (Desta mesa, como se sabe, conforme a latitude em que ela está posta, muitos saem com o estômago nas costas: entre nós, bem poucos são os que de fato se banqueteiam. A grande maioria só figuradamente participa do referido banquete da vida). Quem sabe os moços consigam consertar esta injustiça? Em todo caso, deve-lhes ser dado experimentar a mão.”

24 (quarta) – Por fim, poesia

POLÍTICA – Crítica ao governo: “A grande maioria dos servidores mineiros recebe hoje o mesmo que recebia há três anos passados, e o recebe agora com um atraso que não ocorria naquela época. (...) Introverso e caladão, é realmente em silêncio que o mineiro, não tendo mais que engolir, engole sua fome. O que duvido é que engula igualmente sua raiva. Isto se verá quando a hora soar, e ela acabará soando.”

25 (quinta) – Do que falta

POLÍTICA – Crítica ao governo: “A cada dia que se passa, sem a desejada solução dos nossos problemas administrativos, estamos sendo roubados individualmente em alguma coisa.

Quantos morreram, nestes últimos anos, desesperados de melhores dias para o País? Adiar continuamente o advento da tal hora melhor, tão anunciada, é fraudar a esperança de muitos. Enquanto a hora melhor é postergada indefinidamente, a hora final não poupa ninguém. Estive refletindo a respeito: só aqui na minha rua a porcentagem de mortos nestes três últimos anos confirma o que digo. Todos estes mortos, que conheceram as agruras impostas pela repressão cívica em que vivemos, foram roubados em um direito precioso: o de viver melhor. E morreram na fossa ainda por cima, não verão o outro lado do tempo. (...) Vazios, vazios, andam os jornais. Lembram a mesa da classe média: tem pratos, tem talheres, tem copos, tem até bocas. Só não tem é comida.”

26 (sexta) – Os novos

LITERATURA – Análise: “A prosa literária evoluiu, começou a evoluir foi na França. Foi lá que apareceu o "roman nouveau", lá é que está surgindo o "anti-roman". Mas autores como Robbe-Grillet, Nathalie Sarraute, Butor, Diman, Marguerite Duras usam linguagem clássica, dão banho de estilo, conhecem o arcabouço da língua como filólogos consumados.”

27 (sábado) – Atuais

POLÍTICA – Crítica ao governo: “Diante desta arrancada, os operários siderúrgicos, saindo pela tangente, não podendo o mesmo processo usar, cruzaram os braços e se declararam em greve. Também querem aumento, uai, que nem por serem da outra ponta deixam de considerar-se filhos de Deus. Longe de mim censurar-lhes o comportamento. Ou todos comem ou seja a fome geral. E não é de hoje que penso assim. (...) Ainda agora, quando finalmente começo a compreender que a vida é luta de punhal no escuro (não havendo, por isto mesmo, razão alguma para a gente surpreender-se com os golpes que vai recebendo pelas costas) ainda agora, se alguém me perguntasse qual a mais urgente meta da humanidade, eu não hesitaria na resposta: igualar as oportunidades humanas de comer, beber e morar.”

28e29 (domingo/segunda) – Muito precário

CIDADE – Cultura e memória: “Aqui em Minas, é, sem sombra de dúvida, o mais ligado à sensibilidade da nossa gente, com raízes fundas na nossa poesia regional. De maio só se fala em versos, ou assim só se falava antes. Creio que hoje dele já não se fala de maneira alguma e só gente velha ainda se recorda da doçura das tradições que romantizavam esta época. Tudo passa, estas tradições estão mortas. Talvez subsistam nas cidadezinhas menores, nas menos contempladas pelo progresso?”

30 (terça) – Muito confuso

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “Enquanto o Papa mostra compreensível preocupação ante a generalizada descrença da existência de Deus que vai ganhando a humanidade inteira, estudantes de Roma, empunhando retratos de Che Guevara, realizam passeata barulhenta, gritando por melhores salários para os trabalhadores do país... Como de costume, a arma dos moços foram as pedras e garrafas vazias, mas as notícias assevera, que eles apanharam muito da polícia, pois polícia não é mesmo para bater nos moços? Ao final da pugna [confronto], ficaram no campo de batalha cinquenta pessoas feridas, três moças espancadas, alguns jovens inconscientes, fotógrafos da imprensa surrados e nada menos de duzentos estudantes presos. Ora veja-se como tudo é a mesma coisa neste mundo atual! Roma, Rio, que diferença?”

APÊNDICE F – CATEGORIAS E EXEMPLOS DE MAIO DE 1968

01 (quarta) – O que importa

POLÍTICA – Crítica ao governo: “A derrubada dos códigos que regem a sociedade dos homens já está em pleno desenvolvimento, nenhuma força poderá detê-la. E o mais engraçado é que todo mundo sabe disso embora muitos ainda julguem conveniente continuar fingindo inteira ignorância do assunto.”

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “Enquanto a reformulação social não lança abaixo os últimos destroços do que foi o mundo dos sonhos de alguns poucos, a coisa anda: na França, um transplante de coração é realizado com êxito, especula-se, no resto do mundo, sobre a possível renúncia do Papa Paulo VI.”

03 (sexta) – Pouco importa

POLÍTICA – Crítica ao governo: “Mas o que começa é um novo inverno, vai ficando frio, frio e escuro. Sempre mais frio, sempre mais escuro, será que era para ser assim mesmo? A receita está certa? Ou erramos em alguma coisa, trocando ingredientes? Sei lá. Tudo que sei é que não sei nada.”

04 (sábado) – Conversa com Prudêncio

LITERATURA – Análise: “No setor literário, está uma desgraça. Nunca se escreveu pior neste País, até parece que deu a louca no pessoal da escrevinhação. Um horror. (...) Quem por aqui ainda quer ler, desaperta para o bom livro francês, o bom livro português, enxertando esta leitura com alguma coisa da Inglaterra, Espanha, Itália. Até a Rússia está exportando literatura de boa qualidade.”

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “No mais é o caos. Penso que, de uma hora pra outra hora, tudo melhorará. Pus minha confiança na reação da gente moça que, a esta altura, já percebeu o logro de que está ameaçada: meu receio é que, passando o tempo, esta gente moça envelheça e perca o ímpeto antes de nada sofrer. Será o diabo. Estou torcendo para que ela, arregaçando as mangas, opere uma boa derrubada no que aí está.”

05e06 (domingo/segunda) – Não vale a pena

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “E quem foi que disse não haver pobres nos States? Tanto há que até eles marcharam sobre Washington, parece que levados pelo desejo de se fazerem vistos do governo (...). Se até lá o negócio vai mal, que se dirá do

Vietnam, da Índia, da China, mas na China, e o digo fiada no que estampam as folhas, não sei se será verdade, na China a coisa vai se resolvendo, a pílula anda a ajudar Mao, nasce agora por lá mais arroz do que chinezinhos, está batuta.”

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “(...) se a gente vai acreditar no famigerado acordo MEC-USAID, do censo por ele realizado em 64 resultou uma previsão muito vexatória para os nossos brios, a de que nada menos de seis milhões de brasileiros não encontram lugar nas escolas primárias brasileiras, e assim, pergunto, como é que vai ser? Parece mau, isto, parece péssimo, é brasileirinho demais crescendo como burro no pasto, depois como é que vai poder tocar o país para diante?”

07 (terça) – Recado a Germana Tânger

LITERATURA – Análise: “Mas o livro que eu dei a você, escrito por meu pai, não o deixe de ler: e fale dele lá em Portugal, Açores e Madeira, é papa fina. Como lhe disse, nós aqui ainda temos alguns escritores de verdade, Gilberto de Alencar foi um deles, grande escritor da língua portuguesa. Falo da verdadeira língua portuguesa do Brasil, não de caçange hoje em voga.”

08 (quarta) – Em Paris

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “Maus tempos para a aprendizagem. Até a Sorbonne fechou! Todavia, a polícia de Paris, retrucando embora aos ataques dos estudantes, não matou nenhum deles. Em Paris, claro está, matar estudante é crime.”

09 (quinta) – Um homem sem medo da verdade

POLÍTICA – Crítica ao governo: “Que democracia? Com o quadro político paupérrimo de que dispomos? Com o eleitorado maciçamente analfabeto? Com a fome e a miséria que lavram no Brasil inteiro? Realmente, democracia nestas condições é anedota. (...) Um homem que não tem medo de falar a verdade: isto ainda existe. Justamente por ser muito raro mais ainda impressiona. Mas quantos querem ouvir a verdade entre nós?”

11 (sábado) – Edmundo Lys na Academia

LITERATURA – Análise: “Quem estava com a intenção de disputar a cadeira vaga na Academia Mineira de Letras com a morte de Néilson de Faria era o Edmundo Lys, muito merecedor de a ocupar. (...) No Rio, sem arrepiar caminho, continuou ele a terçar suas armas em jornais, revistas, nem mesmo tendo recuado ante o trabalho maior de elaborar livros,

conseguindo tempo até para ingressar no teatro com seu **RETÁBULO DO ÁLFERES-MOR**, sem prejuízo de suas outras atividades, notadamente o programa literário que, há anos, mantém na Rádio Ministério da Educação, de que é redator.”

12e13 (domingo/segunda) – Do trabalho

EDUCAÇÃO – Crítica aos estudantes: “Paris, até Paris está perdendo a esportiva, veja-me só a insurreição de seus estudantes! Que coisa! Estará faltando trabalho? Meu pai sustentava que só o trabalho enche a vida, não dando brecha ao demônio de vir fazer das suas dentro da gente. E ele acreditava nisso piamente. O mundo precisará de mais trabalho? Está parecendo.”

14 (terça) – Viver é isto

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “(...) a gente pode ser coroa e estar do lado do jovem por convicção real, sem submissão alguma, o que é bem o meu caso, porque eu considero realmente justa a atitude de rebeldia dos novos, a gente está a legar-lhes um mundo podre e ainda queria que eles batessem palmas? (...) e eu, pessoalmente, prefiro ver a mocidade rebelada a vê-la estupidificada.”

15 (quarta) – Estado de desgraça

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “Tanto do lado de Xuan Thuy quanto do de Harriman, respectivos chefes das delegações norte-americana e vietnamita à conferência da paz em Paris, parece estar havendo muita compenetração e seriedade, e assim mesmo o demonstra a reportagem noticiosa que a televisão esteve mostrando uma destas últimas noites.”

POLÍTICA – Crítica ao governo: “E não se duvide mais de que o Brasil é, realmente, o paraíso da burocracia diante dos números assustadores ora revelados pelo censo do IBGE: contar os militares, os inativos e o pessoal do Legislativo e do Judiciário, este País conta com 700.031 servidores públicos federais. É servidor demais para serviço de menos. (...) no Brasil o Estado tem a mania de meter o nariz em tudo, principalmente onde ninguém espera nem deseja sua presença. Primeiro, ele mete o nariz, depois mete seus funcionários: com este arranjo, o desastre é inevitável.”

16 (quinta) – Vai bem

POLÍTICA – Crítica ao governo: “Em Minas, murmura-se, tudo, sobe menos o dinheiro do funcionário, se ao Executivo ele servir: que o funcionário do Legislativo e o do Judiciário

desapertaram para cima de seus privilégios e, vendo o jeito em que as coisas estavam, apressaram-se em melhorar sua própria situação... Agora, para começo de conversa, o governo de Minas mostra sensibilidade. Dizem que isto significa que, daqui a seis ou dez, ou doze meses, o Palácio poderá, ou não soltar uns 20 ou 25% para melhoria de vencimentos do funcionalismo mineiro. Em Minas é assim. De resto, o atraso, rigorosamente regular, com que o dinheiro deste funcionalismo está saindo não tem diminuído nada. Pelo contrário, mantém-se estável e inamovível.”

17 (sexta) – O Beto, um moço

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “(...) pode-se esperar que a insurreição da juventude ganhe organização: em Paris, o caos, o próprio caos, obedece a uma ordem, cuja estrutura nunca deixa de se apoiar em postulados simples e claros. Uma coisa é a gente sentir-se insatisfeita, outra muito diferente é saber-se que e que nos satisfaria: vai distância grande entre ambas, mas se há quem possa vencer esta distância será, exatamente, a mocidade do Quartier Latin. Se de lá não vier a luz, a solução será voltarmos ao lampeão, até mesmo à lamparina.”

18 (sábado) – Morfina

LITERATURA – Análise: “E, por falar em descoberta, uma que me entristeceu foi a que fiz esta semana, quando passei horas e horas a manusear jornais de dez anos passados, relendo recortes literários, buscando selecionar excertos para uma página especial. Em dez anos, quanta mudança! Coisas que então se escrevia, e cabiam perfeitamente, soariam hoje falso. Um livro era um livro, tinha peso, forma, consistência, não se limitava a ter sentido comercial. E quantos nomes de significação real para a cultura do país então frequentavam as colunas dos jornais!”

21 (terça) – Cantos

CIDADE – Cultura e memória: “Mas sempre te direi, que, em meio a tanta composição e tanto compositor, tem um que é pra valer: um menino por nome Chico, que pega de jeito palavras e imagens e faz poesia com elas, alta, larga, ventilada poesia dos píncaros eternos... Feito isto, o Chico ainda casa seu verbo à mais linda melodia do mundo, a gente ouve, fica vidrada: e vôa.”

22 (quarta) – Acaciano

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “À frente de seu governo, a França tem uma das figuras humanas mais notáveis dos dias atuais, um líder autêntico, cujas virtudes numerosas compõem uma personalidade quase singular em meio à internacional chatice administrativa desta infeliz época. Grande patriota, grande soldado, grande estrategista político, De Gaulle tantos maus momentos tem vivido desde que pôs sua vida a serviço de seu país, que não será esta efervescência atual que irá lhe desmontar a extraordinária capacidade de ação.”

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “O que a mocidade quer é ar puro para respirar. Oxigênio. Lavar o peito. É pedir muito? Nem tanto. Mas vai costumar a engrenar. Já está, para nós, bastante bom neste mundo vivermos na hora exata em que a insurreição tem início. Se não chegarmos a presenciar seu fim, presenciamos seu início. Nada mau.”

23 (quinta) – Matar a sede

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “Principalmente no setor da educação é que a derrubada terá de ser total, queimados alegremente todos os princípios defuntos que ainda atravancam o terreno, e educar passará a ser em termos de preparação para a vida, operação limpa, racional, sincera, revogante. (...) não há valores maiores nem menores, um vivo é sempre semelhante a outro vivo, nenhuma tarefa merece tratamento privilegiado, e a palavra privilégio deverá sair do dicionário como terá de sair dos usos humanos a coisa que ela significa.”

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “Sim, acho que De Gaulle contorna a situação. Vai ter de ceder, cederá, é inteligente bastante para alcançar qual deva ser seu comportamento. Ah! se todos fossem tão inteligentes, seria tudo festa nesta hora de reformulação...”

24 (sexta) – Do lobo

LITERATURA – Análise: “Só o que me consola, enquanto vou virando as páginas do livro, é o pensamento de que, afinal, somos muitos os condenados: como no verso tão sofrido de Hesse, aquele 'sentimento estranho de quem caminha na neblina' não é privilégio de ninguém: é comum a toda uma coletividade. (...) Ainda não terminei o volumezinho, estou voltando suas páginas lentamente, degustando o frio que elas espalham e que nos queima por dentro. Então, é isto, hem? Esta leitura me faz ver o mundo como uma grande província humana, como... não sei bem, mas é isto.”

25 (sábado) – De primeira

CIDADE – Cultura e memória: “Assim, já não somos a primeira mas a segunda? Falo de Juiz de Fora entre as comunas mineiras, vê-se logo, e aludo à reportagem que uma revista de âmbito nacional publicou sobre a cidade. Os brios municipais ressentiram-se, e com razão, desta classificação que fere uma tradição cara à gente local. (...) Argumenta-se, erroneamente, que não há ofensa na designação visto ela implicar unicamente em posição preferencial para Belo Horizonte, mas desde quando Belo Horizonte é cidade? Belô é capital, capital não conta, é claro que capital tem mesmo de estar na vanguarda, e isto nem é vantagem que para tal ocorrer, sacrifica-se todo o organismo estadual.”

28 (terça) – Esperemos

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “Estão com tudo os jovens e pode ser que não saibam disso, mas são dignos de inveja, eu os invejo, queria ser um deles nesta hora, a hora é única, Balbino, alguma coisa, afinal, está acontecendo, no mundo, e séria, quem sabe a mais séria de todas desde que nele me encontro?”

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “Os sinais já visíveis prenunciam que, mais uma vez, a França foi escolhida para palco do primeiro tiro, virá de lá, desta ou daquela forma, a esquematização do fenômeno, mas ninguém pode mais, a esta altura, duvidar de que estamos a viver uma hora singular na história humana. Quem isto entendeu, e logo, foi o grande De Gaulle: (...) o grande soldado meteu o dedo na ferida, sem se assustar.”

29 (quarta) – Carapuça

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “Que disseram, há pouco, os estudantes do Rio, num intervalo de calma entre dois entreveros temperados a gás lacrimogêneo, borracha e tiro de revólver? Disseram, com todas as letras, que desejam professores melhores, ensino atualizado, universidade à altura da técnica atual. Como a Universidade Federal do Rio de Janeiro será, pertinentemente, a menos má do País, este atestado de incompetência que lhe foi passado por quem de direito, insinua de maneira catastrófica o que ocorre com os demais colégios universitários brasileiros. (...) na moita ficou o Ministério dito da Educação.”

30 (quinta) – Assim...

CIDADE – Cultura e memória: “Oficialmente, Juiz de Fora ficou sem representação cultural. (...) A antologia diz-me um dos responsáveis pela iniciativa, englobará valores ligados a todos os setores da atividade humana, mas não deixará de contar com numerosos

representantes da prosa e da poesia local. (...) Asseverou-me o moço que, há tempos vem tratando deste assunto, ser extensa a lista contemporânea de valores antológicos da cidade, mesmo no setor do verso.”

31 (sexta) – 118

CIDADE – Cultura e memória: “118, hem, velhinha? Conta, conta: que tal esta pátina centenária? (...) Hoje, de certo, vai haver palavreado retumbante por aqui, está na cara que um ensejo tal não é para ser perdido, faço ideia dos vôos de retórica que povoarão os ares locais, faço ideia! Aniversário sem discurso, onde se viu? Acautela-te, minha velha, e se não gostas de lero-lero, tapa o ouvido: entre gregos e troianos, todos reivindicarão títulos que lhes assegure direito à gratidão municipal.

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “Aniversário de lado, achas que De Gaulle renuncia? Sinto um frio ao pensar nisto, é desgraça grande para o mundo. Um De Gaulle leva tempo a ser fabricado, cá por mim já não disponho de prazo para ver ultimar-se a receita que produz homem deste porte. É desgraça, não só para a França, que perde um de seus maiores governantes, mas para todos nós, que da França dependemos espiritualmente. Como vai ficar tudo?”

APÊNDICE G – CATEGORIAS E EXEMPLOS DE JUNHO DE 1968

02e03 (domingo/segunda) – Duzentos

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “Começou a revolução mundial, Balbino, que não é, desta vez, contra ninguém mas a favor da humanidade inteira: começou, como não podia deixar de ser na França, sempre fanal nas horas conturbadas. (...) mas a rebelião desencadeada na França, iniciada pelos estudantes, dirige-se é contra a atual estrutura da sociedade humana, e por esta não pode ser responsabilizada o patriota de Lille, o arquiteto da Resistência, o restaurador da grandeza francesa.”

04 (terça) – Raro

POLÍTICA – Crítica ao governo: “Quanto à política econômica do governo atual, que foi quem a iniciou como Ministro da Fazenda de Castelo Branco, considera-a acertada, mas ainda em fase de implantação. Até eu concordaria com este ponto de vista se não houvesse, para anulá-lo em parte, o fato inegável de que as autoridades governamentais não conseguiram cumprir a promessa de estabilizar o custo de vida. Assim, o arrocho salarial tomou colorido de corda no pescoço para as classes assalariadas, sempre dotadas de recursos menores para enfrentar preços mais altos.”

05 (quarta) – Dos alicerces

LITERATURA – Análise: “Neste momento, uma editora carioca, bem na crista, está anunciando o lançamento da tradução de um livro de Jean Gênet, e usa para isto a mesma linguagem que aqui se emprega na publicidade dos programas de d. Derci Gonçalves no vídeo: quanto mais quente, melhor. E por que se escolheu Jean Gênet, e não Jean Giono, igualmente grande, para a empreitada? Gênet é, efetivamente, escritor excelente, descoberto por Sartre (Simone conta em LA FORCE DE L'ÂGE como ocorreu a descoberta de Gênet), mas seu badalado lançamento entre nós não repousa nas suas singulares qualidades literárias.”

CIDADE – Cultura e memória: “Juiz de Fora tinha a obrigação de mexer-se em defesa do legado de Heitor Guimarães (que amanhã terá seu centenário de nascimento aqui comemorado), de Lindolfo Gomes, de Machado Sobrinho, de Oscar da Gama, para falar só dos maiores. Cultura sem alicerce é bola de sabão: estoura à-toa, à-toa. Os alicerces da cultura local são estes.”

06 (quinta) – O salto mortal

LITERATURA – Análise: “Ascendino Leite, li em algumas horas, poucas, O SALTO MORTAL, o único de seus romances que ainda não conhecia, e não o menos significativo deles. Talvez o melhor? (...) Intimista, a história pode, com facilidade, ser transferida para qualquer cenário, nada perdendo no conteúdo: nenhum dos seus personagens está preso ao chão que pisa. Mover-se-iam todos eles em qualquer chão, pertencem ao mundo dos homens, são efetivamente, seres humanos. (...) Seu livro é intimista, subterrâneo, caudaloso e faz psicologia aplicada no melhor figurino freudiano: escrito em 1958, isto coloca você na linha dos precursores da nossa literatura confessional, hoje definitivamente situada como o ramo mais rico de quantos se tem escrito no Brasil.”

07 (sexta) – As vinhas da ira

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “Pode o mundo manifestar surpresa diante deste crime novo? Se a manifesta é porque o mundo, além de memória curta, não tem pela lógica qualquer inclinação. Esta morte não foge à linha de violências que caracteriza as lutas políticas norte-americanas. Tais violências vêm recrudescendo nos últimos tempos, explodindo em gestos de brutalidade extrema que chegam até a traumatizar o mundo. (...) As vinhas da ira... Seja quem for o assassino, seja quem for o assassinado, a brutalidade do episódio, acrescida do toque emocional de ter cortado a vida a um moço que se preparava para, no governo de seu país, dar orientação pacífica a seu destino, fere o mundo no instante exato em que ele, mundo, se reconhece irremediavelmente carente de uma reforma radical. Segunda vítima do mesmo clã importante da classe mais privilegiada dos E. Unidos, a morte de Robert Kennedy coloca seu país diante de um dilema: prosseguir ou recuar?”

08 (sábado) – Das diferenças

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “Houve na França um redemoinho histórico, tão forte que chegou a paralisar a vida do País, ameaçando-lhe a ordem e segurança internas: mas não houve morte de ninguém. Numerosas chefias francesas foram mudadas dentro do respeito à Constituição, o exército mantendo-se alheio a tudo, silencioso e sólido, e enquanto o bafafá se desenvolvia, enorme e terrível, o grande país mostrava sua fibra: civilização é isto. Já agora a França volta à normalidade, preparando-se seu governo para dar ao povo as reformas por ele reclamadas: diz-se, entre outras coisas, que virão mudanças radicais no setor universitário, e isto será para começo de conversa. (...) Houve o reboiço, ninguém foi assassinado. O país

parou, o governo não apelou para a ignorância, o mundo assistiu a um espetáculo de reação popular em dimensão alta: ficou a lição.”

09e10 (domingo/segunda) – Um ensaio sobre Rubén Dario

LITERATURA – Análise: “O pequeno trabalho de Mário Mendes Campos sobre o grande poeta de Nicarágua, uma das vozes mais altas da poesia hispânica, é de leitura fácil, correntiamente escrito que se apresenta. Como se sabe, é já muito ponderável a bibliografia produzida no Brasil acerca de Rubén Dario, que chegou mesmo a influenciar alguns de nossos poetas, tendo, em seu tempo, mantido numerosas relações de amizade com brasileiros.”

11 (terça) – Uma nova América

LITERATURA – Análise: “Entre Geraldo França de Lima e Ivan Vasconcelos há muitas diferenças e algumas analogias: há de irmaná-los, finalmente, o mesmo amor ao duro ofício de escrever, o mesmo pendor para a ficção, e o sutil influxo que sofrem do chão nativo, sempre presente nas estórias que compõem. Posso estar enganada, mas Geraldo França de Lima parece-me destinado ao fardão da Academia Brasileira de Letras: há de sentar-se, mais ou menos cedo, na Casa de Machado de Assis, tem tudo para isto.”

12 (quarta) – Em toda parte

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “Nossa euforia parece, não só despropositada, mas inteiramente negativista: por comparação, como não matamos presidentes, nem líderes, nem candidatos à governança maior, achamo-nos superiores moralmente aos vizinhos do norte. (...)”

POLÍTICA – Crítica ao governo: “E todo mundo mata, nós também matamos. Cada qual mata à sua moda. Nós aqui, neste exato momento, a julgar pelas conclusões de um inquérito digno de fé, estamos assassinando índios indefesos, e os assassinamos maciçamente. Crime sem ideologia, crime sem fanatismo religioso, crime nojentamente sumítico [egoísta]: ninguém aqui odiava os índios que matou, apenas ambicionava suas terras, seus tristes teréns... Uma vida humana é uma vida humana, em que um índio chavante é menos que um moço norte-americano? Tempo de assassinos, mas em toda parte. Tempos de assassinos, mas não só nos E. Unidos.”

13 (quinta) – Vale a pena?

POLÍTICA – Crítica ao governo: “Não sei se vale a pena levantar paredes, meter canos debaixo da terra, furar montanhas, lançar trilhos no chão, fabricar mais engenhos, tudo tem dois lados, é danado de difícil apurar que lado seja mais importante. Não sei se vale a pena, se compensa (...). E enriquecer o mundo é proeza, hoje, praticamente inatingível. O máximo que se pode pretender é enriquecer-se a si mesmo: se se trata de dilatar seu próprio mundo, às vezes chega-se a consegui-lo.”

15 (sábado) – As últimas

POLÍTICA – Crítica ao governo: “(...) Minas retrocede, não vê que, nesta hora de trabalhador de pau nas mãos no meio da rua, o governo mineiro tem coragem de anunciar, aos que para ele trabalham, um aumento na base de 10%? É ser mineiro demais, vá ser mineiro assim na China, mas o pobre do governo murmura que está na última dependura, cheio de dívidas, apertadíssimo, como é que vai ser?”

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “Mas aqui a coisa é outra, bem mais feia, imagina que o cabedal [capital] do país ainda não deu para o governo pensar em iniciar a educação do pobre povo. Neste negócio de ensino, só temos, de verdade, estudantes: o resto é ficção. Escolas, néris, professores, néris e até aqui, nesta cidade, os moços que sonham ser médicos, começam desconfiar, que não realizarão intento tão desmedidamente ambicioso já que não dispõem nem ao menos de um hospital para praticar, ora veja!”

16e17 (domingo/segunda) – Mudanças

LITERATURA – Análise: “O tempo é escasso, já vou me resignando à ideia de que não terei prazo para reler os autores que prefiro: o que me consola é que, pelo menos, tempo tive para lê-los, e isso nem todos conseguem. E descobri uma coisa, enorme: a gente não perde nunca o que leu, fica tudo guardado na nossa memória, mais ou menos profundamente escondido, mas em nós e isto mesmo se descobre quando se procede a um exame. Pega-se no livro lido há vinte anos, vira-se a primeira página e, de repente, o livro inteiro volta. Não estava esquecido, estava apenas fora de foco.”

18 (terça) – Leviandade

LITERATURA – Análise: “Escreve-se a respeito de tudo, todo mundo entende de tudo: é só abrir as folhas e lá estão, inutilizando páginas e páginas, verdadeiros compêndios improvisados, sobre todos os assuntos possíveis, por fulanos e beltranos numerosos. À vezes,

coisa dá em piada. Já procuraram ler a maior parte que se publica como crítica de arte? Falar de pintura ficou na moda, escrever idem. Resulta em homéricas insanidades, naturalmente. Os talentos polimorfos enxameiam, hoje em dia. Mas é preciso reconhecer que são dias de muita leviandade.”

19 (quarta) – Várias

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “(...) mas não dou ouvidos às pretensas conclusões dos especialistas norte-americanos que dão como causa da insurreição mundial da juventude o fato da mesma juventude ter encontrado seu prato pronto, só lhe ficando o trabalho de comê-lo... Ora, ora, conclusão ao meu ver um pouco simplista, um pouco otimista, um pouco budista também e muito longe de satisfazer.”

20 (quinta) – Voltarão os bons tempos?

CIDADE – Cultura e memória: “(...) nostalgias do viver antigo. Ah, tempos idos e vividos, o velho arraial, a pacata fazendola, a cidadezinha meio morta, sem jornais diários, sem rádio ensurdecador, música rara, só nas serenatas românticas em noite de lua, ah, tempos idos e vividos. (...) Vamos continuar zombando dos saudosistas? Mas eles, que diabo, tinham razão, o mundo de que sentem nostalgia era mesmo melhor, ah, mais equilibrado, mais tranquilo, mais em paz consigo mesmo.”

21 (sexta) – Aqui ainda está bom

LITERATURA – Análise: “Dos livros, o pacote que me vem da TEMPO BRASILEIRO merece nota especial, foi presente régio, volto a ele qualquer hora, e incluo o hoje nacionalmente conhecida ensaísta e editor, Eduardo Portela na lista de amigos preciosos, não fosse ele o editor do Ivan. Até ali em Barbacena estou revendo, há muito, uma palavra de agradecimento a Emília Gonçalves, da velha CIDADE, que leio com prazer, graças à gentileza da remessa.”

22 (sábado) – Entrevista

POLÍTICA – Crítica ao governo: “Ainda leu o texto de A NAVALHA NA CARNE? Já ouviu falar em DOIS PERDIDOS, etc., etc.? Tem conhecimento de TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA? É tudo teatro que a censura bloqueia a pretexto de servir à moral, minha

senhora. A censura alega que estas peças contêm palavras indecentes, palavras que não combinam com o padrão da família brasileira, resvalam para a escabrosidade [indecência]. Mas seus autores retrucam que a censura não tem o direito de ensiná-los a escrever, que os nomes feios estão no dicionário, fazem parte da língua, é abuso coibir palavras que mestre Aurélio registrou, e se teatro é vida, é cópia da vida, como teatro não pode lançar mão do que sobra na vida?”

23e24 (domingo/segunda) – Tem concerto

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “Nos últimos episódios verificados ali no Rio, todos perdendo para a insanidade (...). Os moços que reclamam escolas, professores, educação, merecem atenção, são dignos de consideração ampla: ninguém pode contestar-lhes o direito de tudo isto reivindicar. O que funciona neste país com o nome de ensino é uma farsa indecente, há muito tempo que isto é sabido de todo mundo: mas não é com matança no meio da rua que se resolverá o problema. Os moços têm razão quando exigem possibilidade de se educarem, não a têm quando vestem seus justos reclamos da roupagem da violência insana que não mede consequências.”

25 (terça) – Tempo brasileiro

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “Ainda os estudantes não calaram o grito com que exigem a indispensável renovação da escola brasileira, já a editora do Eduardo Portela lhes fornece, no prato um pouco do material indispensável a esta guinada.”

LITERATURA – Divulgação: “São caminhos que estes volumes da TEMPO BRASILEIRO põem em evidência: o primeiro, enfeixando trabalhos de Lévi-Strauss, escritos de 44 a 56, sob o título ANTROPOLOGIA ESTRUTURAL, há de ser alicerce indispensável para os estudiosos do assunto. O segundo é complemento valioso para o primeiro, dissecando os MÉTODOS ESTRUTURALISTAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS e é de autoria de Jean Viet. Tão a sério leva a editora este assunto, que o número 15/16 de sua revista cultural, terceiro volume do pacote que me enviou, foi todo dedicado ao estruturalismo.”

26 (quarta) – Novíssimas

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “De Gaulle disparou nas preliminares eleitorais das 154 cadeiras na Assembleia francesa. Está desta maneira, tranquilamente assentada a preferência da França pelo grande cabo de guerra, que assim recebe maciço voto de confiança de seus compatriotas, lavando o peito de meio mundo, que meio mundo torce

valentemente pela renovação da estrutura social do Universo sem apelo a qualquer extremismo.”

EDUCAÇÃO – Crítica aos estudantes: “(...) tudo é possível, o que se faz necessário é não desanimar, e abaixo os baderneiros, promover baderna é coisa de gente tantan, não acredito que os estudantes de miolo na cabeça endossem o processo de sair matando e apedrejando pelas ruas, lutando com a Polícia, que culpa tem a Polícia? É a Polícia responsável pela ausência de ensino no País? Ela é que está contra a educação?”

27 (quinta) – Um ar de eternidade

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “Mas tenho para mim que a poesia, até mais alta, já agora não resolveria os problemas que agitam o mundo, todos reclamando mais que palavras, embora não concorde com Mário Palmério que, interrogado outro dia em Belo Horizonte a respeito da solução que daria à momentosa questão estudantil, declarou que não vê solução alguma para ela, tanto mais que ela é universal, ora, o Palmério! lembro-me dele, tão bem como me lembro do Emílio Moura, já com ambos conversei em épocas diversas, são figuras que honram realmente a inteligência montanhesa, mas a evasiva do homem de Monte Carmelo decepcionou-me, prefiro ficar com a palavra do Emílio, sobretudo quando ele diz: "Que verso, se o sentido do que vê se dissolve, ou funda-se em perdidas raízes de entre ser e não ser"? Nestas perdidas raízes é que se teria de procurar a resposta para a insatisfação atual, e isto mesmo é que será feito em futuro mais ou menos próximo.”

28 (sexta) – Diálogo

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “Bem, o que eles querem, ou o que eles queriam, era nova orientação para o ensino. Ainda há pouco desfilaram cartazes no Rio, e em muitos liam-se reivindicações claras. Os moços reclamavam professores que ensinem mesmo, escolas que funcionem de verdade, educação atualizada. Nesta ocasião, estavam ainda sozinhos, mas agora... - É, agora houve uma virada. Todos que, até aqui, lavavam as mãos, resolveram entrar de sola no movimento. (...) E todo mundo, no fim, tem direito assegurado à gratidão dos moços, já se vê. Movimentos coletivos dão é nisto. Não ignoro que ao governo, tão omissos sempre no que se refere à educação do povo, cabe a culpa maior. (...) Em todo caso, já acertaram com a receita da passeata pacífica. Sempre é um princípio, pois não?”

29 (sábado) – Páginas para o suplemento

CIDADE – Cultura e memória: “Seja lá como for, fiquei muito admirada quando Vivaldi Moreira, no dia seguinte à sessão 'in memoriam' do Néelson de Faria, realizada na Academia Mineira de Letra, me disse terem ficados todos surpreendidos com o fato de nada eu ter falado na reunião. Mais surpreendida fiquei eu com a observação, eu não fôra lá para falar, e continuo achando que, no meu caso não havia nada a falar, simplesmente fôra homenagear, com minha presença ainda traumatizada pela perda do amigo, sua lembrança.”

30 (domingo) – Uma piada

POLÍTICA – Crítica ao governo: “Eu, que sou velha, não consigo lembrar-me de nenhum governante do Brasil que tivesse mostrado mais que estólida indiferença pelo problema da educação. Lembro-me, isto sim, de que todos eles sempre alegaram não dispor de dinheiro para o ensino: e enquanto, ali no Rio, a Cidade Universitária, planejada para erguer-se na ilha do Fundão, espera há mais de vinte anos o impulso que a tire do papel, impulso que não vem sempre pela alegada falta de dinheiro, dinheiro apareceu até para a construção de uma nova capital federal, aliás nababesca, suntuária, tanto quanto fictícia e impraticável.”

EDUCAÇÃO – Porta-voz dos estudantes: “(...) que um problema de excedentes agitava os meios universitários deste país, foi dominado pelo receio de que se adotasse, para resolvê-lo, a receita usada quando se constatou aqui excesso de produção de café: o excesso foi lançado ao mar... Pois acho que se fez a mesma coisa com os excedentes universitários: eles também vão sendo atirados por cima das bordas. E não se iludam, agora, os que pensam haver possibilidade de modificação no panorama educacional, visto o sucesso da passeata dos moços. Não é impossível que este sucesso tenha repercussão em algumas áreas políticas: político, como se sabe, capitaliza mesmo quando não investe. Escola, que é bom, e ensino, que é ainda melhor, dificilmente resultarão desta investida juvenil.”

ANEXOS

ANEXO A — ARTIGO ADMINISTRADOR DE CEMITÉRIOS

Administrador de cemitérios

Assis Chateaubriand

S. PAULO — (Casa Amarela) — O epitáfio do marechal Castelo Branco deve ser curto.

Aliás, o defunto, sendo grosso e feio, o tamanho é pequeno.

Ele chegou diante do Brasil atrapalhado, roído pela fauna do cadáver da inflação, e teve a sorte prodigiosa de topar a estrêla da Pastor.

Todos nós fomos dormir tranqüilos, após o pesadêlo, ao ver José Maria Whitaker surgir como o Anjo-da-Guarda do povo brasileiro, exclamando para 80 milhões de almas aflitas:

— "Aqui estou".

Parecia Jesus Cristo o homem que é o maior brasileiro vivo.

O que fez o Anjo-da-Guarda desta nação, nas suas horas de calamidade?

Eu estava fora do Brasil, em 20.

José Maria regia, como presidente do Banco do Brasil, a orquestra financeira do governo. Epitáfio Pessoa assegurava-lhe a plenitude da confiança.

Whitaker realizou esta façanha, até então inédita: deu um saldo, na exportação, de 52 milhões de libras.

Mostrei esta cifra, em Londres, a Nataniel Rothschild, o grande banqueiro, chefe da casa "Rothschild and Sons" ouvindo-me respirou satisfeito com o Brasil.

Chamado a segunda vez pela revolução de 30, salvou o café da derrocada total e preparava o saneamento das finanças, quando se viu derribado pelo tenentismo botocudo.

Escusa falar da terceira missão redentora do guia o-

racular.

Estão lembrados do que disse, em nossas colunas, há poucos meses, Theófilo de Andrade.

É singular o seu papel reabilitando o café da ação calamitosa de uma administração romântica ignorante do problema e suas chaves.

Aí está o brasileiro-Providência, rifado pelo marechal a tréco de um tecnocrata, como o sr. Roberto Campos, autor de toda esta inepta política de finanças e café, e responsável pela presença do cavalo de Tróia Time Life no Brasil.

O sr. Campos trocava, até ontem, com o marechal, os discursos que lhe escrevia contra os decretos-lei que tampouco os redigia o chefe da Nação. Tal o segredo do prestígio, junto ao presidente, que tinha o comissário de Henry Luce.

Em trocos miúdos, qual o legado administrativo marechalício?

Dois vácuos: interno e externo.

Lá fora matou a confiança no País por uma alarve estatização.

Todos os empréstimos que se recebem são operações políticas, fornecidas por agências do tesouro americano.

Não há nem tem havido investimentos privados, e estes traduzem o padrão da confiança exterior num Estado e seu governo.

É fato que se tentaram reformas estruturais. Todos ficaram no papel.

A explicação do vácuo, lá fora, foi a convicção da existência de igual fenômeno por dentro. A inflação não sendo contida, o governo vingou-se do fracasso no empresariado,

que foi transformado em bode expiatório. Daí a anarquia e a queda na produção.

O novo governo recebe o país das mãos do outro, que exauriu o mercado interno, e pôs em fuga o externo, por se vê diante de uma nação, cujo governo infligiu à sua gente os piores vexames, sem contudo defender a moeda, cada vez mais aviltada.

O saldo que apresenta é este.

Um bisonho soldado, o qual parte com a sua turma de coveiros. E o alto sexagenário poderá ficar resumido num singelo título, mais ou menos assim:

"Administrador de cemitério".

S.A. DIÁRIO MERCANTIL

Convocação de Acionistas e disposição de Documentos

Acham-se à disposição dos srs. acionistas, na sede social, à Av. Rio Branco, 1906, nesta cidade de Juiz de Fora — Minas Gerais para seu livre exame, os documentos a que se refere o art. 99 do Decreto-lei n. 2.627, de 26 de setembro de 1940 e referentes ao exercício de 1966. Ficam também convidados os srs. acionistas para a Assembleia Geral Ordinária, que será realizada na sede social, às 17 horas do dia 20 de abril de 1967, para o fim de examinarem sobre o relatório da Diretoria, Balanço Geral e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao ano social encerrado em 31 de dezembro de 1966; será realizada igualmente eleição dos membros do Conselho Fiscal para o exercício de 1967, bem como serão tratados assuntos de interesse geral. Juiz de Fora, 15 de março de 1967. Pela Diretoria, (aa), Renato Dias Filho, Diretor-Gerente e Nelo Coelho Gervason, Diretor-Secretário.

(2386)

MAURY GORETTI

(MISSA DE 1 ANO DE FALECIMENTO)

JOSÉ GORETTI, esposa e filhos, vêm convidar os amigos e parentes para assistirem às missas que mandarão celebrar no próximo dia 21 deste, às 7 horas na Igreja Nossa Senhora do Libano, e às 8 horas na Catedral de Juiz de Fora, pela passagem de um ano de falecimento de seu querido filho, e irmão, MAURY GORETTI.

Antecipadamente agradecem aos que comparecerem.

PRB-3 — Rádio Moderno — Aos domingos, às 14,05 horas. A JUVENTUDE COMANDA — José de Alencar apresenta música jovem.

Gentileza do Depósito Floriano Peixoto, Rua Floriano Peixoto, 128.

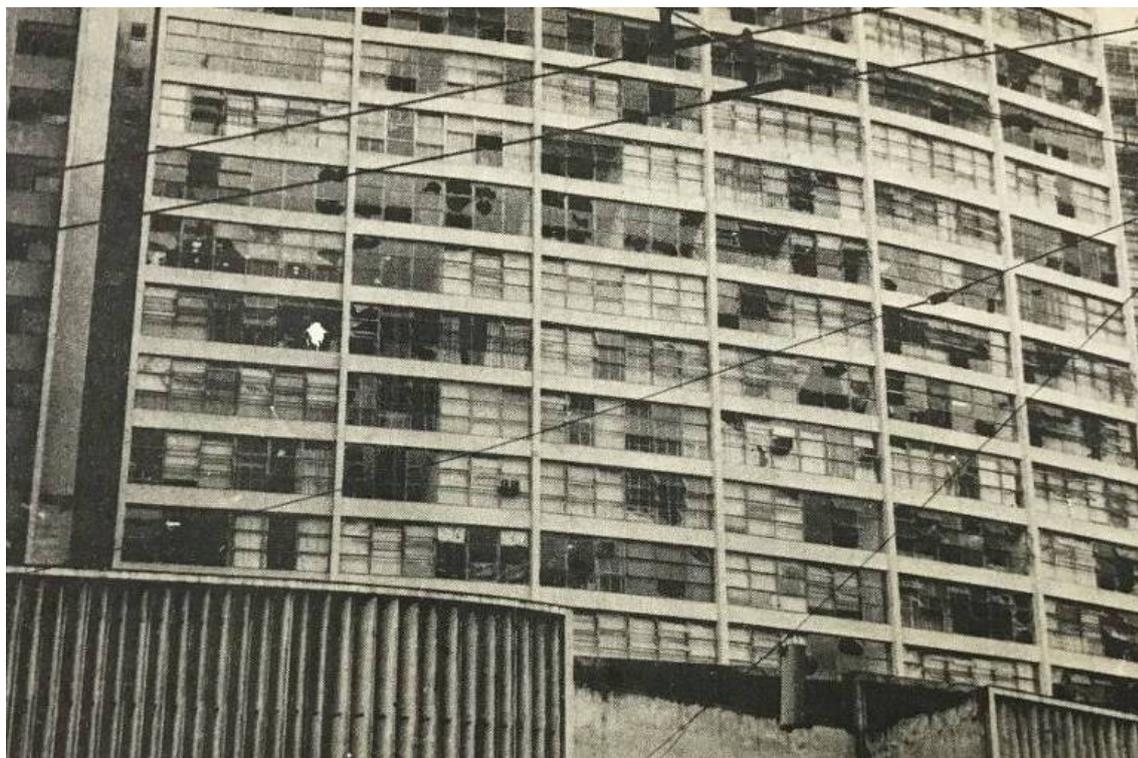
ANEXO B – CRÔNICA “PAZ”

PAZ

Cosette de Alencar

“A granja, ah, está bonitinha sim, agora é safra de laranja, as árvores amarelceram, parecem até douradas: o Bebeto, de ma vontade, consente que se colham algumas frutas, mas dá o cavaco quando aparecem por lá penetras dispostos a um saque em regra. De modo geral, ele detesta que as pessoas interrompam sua solidão, renega qualquer companhia. Já me avisou: não topa visitantes a toda hora. E costuma ser ríspido com quem apareça por lá. Muito selvagem. Mas prendeu-se àquilo lá, trabalha com gosto e por gosto, pouca ou nenhuma atenção me dá, faz o que lhe passa pela veneta e, estando sóbrio, ouve com um sorriso nos lábios os meus reparos. Estando tocado é meio malcriado, melhor não mexer com ele. Eu não mexo. Respeito-lhe a cachaça, que sei ser um necessário desvio para sua vida solitária. De resto, quando embriagado, tem chiste e diz coisas engraçadas. Sóbrio, é calado. Chego ao ponto de levar-lhe, às vezes, uma garrafa de pinga: recebe o presente com grande dignidade, agradece e não se teca mais no assunto. Agora, o Bebeto mexe com a horta: declarou-se positivamente contra qualquer criação na granja: basta-lhe, para dor de cabeça, a das galinhas, cuja esterilidade é ponto de litígio permanente entre nós. Diz que galinha tem de ser de raça, galinha comum é muito ordinária para a postura. Eu retruco, tenho uma certa experiência, discutimos, e acaba tudo num pedido dele por mais milho, mais ração... Nem sempre o atendo. Não vejo necessidade de me amolar com animais que trabalham de bandido contra mim. Então, passamos a outro assunto: a insociabilidade da tartaruga. Está igual ao caseiro, não gosta de visitas na granja. Foge ao ouvir barulho de vozes, esconde-se, fica dias e dias desaparecida: só o Bebe o, então, é capaz de atinar-lhe com o esconderijo. Os dois combinam admiravelmente e combinam com o local, agora em plena doçura do inverno. Em volta, os morros estão cobertos de capim roxo, cujo pendão se alça a grande altura e fica oscilando ao vento: a mata já começa a apresentar um tom dourado e parece compacta, parece pintura. Nas encostas, as trilhas ondulam e, sob as árvores maiores, vacas enormes ruminam preguiçosamente, parecendo olhar o céu, que asas numerosas povoam. Da varanda, a gente absorve o silêncio, a solidão, adormece sem querer: quando dá por si está mesmo sonhando. Ah, sonhar na granja, deitada na varanda, quase que sob o céu; e, de repente, a gente abre os olhos e vê a mataria, ouve o silêncio, sente o céu muito perto. Será que se pode alcançá-lo com as mãos? A gente estira o braço, acorda de todo: e sente o perfume das laranjas apodrecendo no chão, o cheiro da terra, algo de indefinível. Paz? Sim, paz”.

ANEXO C - PRÉDIO "O ESTADO DE S. PAULO" APÓS EXPLOSÃO DE BOMBA



Fonte: Banco de dados “Folha de S.Paulo”

ANEXO D - CAPA "O ESTADO DE S. PAULO" EM 21 DE ABRIL DE 1968

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO/MESQUITA (1961-1967)
 QUARTA FEIRA, 21 DE ABRIL DE 1968
 Nº 15.828

Costa debate atentado ao 'Estado'



A Escola Estadual Farfa é o centro do atentado ao Estado. A foto mostra a fachada da escola e o sinal de trânsito com a letra 'J'.

Alta potência

Costa debate atentado ao Estado. O governador debateu o atentado ao Estado, ocorrido na Escola Estadual Farfa, em São Carlos, durante sua viagem a Minas Gerais. Costa afirmou que o ato foi uma afronta ao Estado e que o governo tomará as devidas providências para garantir a segurança e a ordem pública.

Sodré: governo fará dura repressão

Extremistas são culpados

Sodré afirmou que os responsáveis pelo atentado são os extremistas e que o governo não hesitará em tomar medidas firmes contra eles. Ele destacou a importância de manter a unidade nacional e a estabilidade política.



Sodré em uma reunião com autoridades locais em São Carlos.

"Agredidos por opor-se aos extremismos"

176 vítimas	
Estado de São Paulo	112
Minas Gerais	42
Paraná	12
Rio de Janeiro	8
Sergipe	6
Alagoas	4
Pernambuco	2
Maranhão	2
Piauí	1
Goias	1
Mato Grosso do Sul	1
Mato Grosso	1
Roraima	1
Acre	1
Rondonia	1
Tocantins	1

Costa afirmou que os responsáveis pelo atentado são os extremistas e que o governo não hesitará em tomar medidas firmes contra eles. Ele destacou a importância de manter a unidade nacional e a estabilidade política.